

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**Programa de Pós-graduação em Letras / Linguística**

**Natália Sathler Sigiliano**

**“O TELEFONE TOCÔ EU PEGUEI E:: QUEM TÁ FALANO?”**

**A POLISSEMIA DO VERBO *PEGAR***

**Juiz de Fora**

**2008**

**Natália Sathler Sigiliano**

**“O TELEFONE TOCÔ EU PEGUEI E:: QUEM TÁ FALANO?”**

**A POLISSEMIA DO VERBO *PEGAR***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras – Lingüística.

Orientadora: Professora Doutora Nilza Barrozo Dias

**Juiz de Fora**

**2008**

**Natália Sathler Sigiliano**

**“O TELEFONE TOCÔ EU PEGUEI E:: QUEM TÁ FALANO?”**

**A POLISSEMIA DO VERBO *PEGAR***

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Professora Doutora Nilza Barrozo Dias (Orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professor Doutor Mario Eduardo Toscano Martelotta

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Professora Doutora Amitza Torres Vieira

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Juiz de Fora**

**2008**

## AGRADECIMENTOS

Várias são as pessoas que merecem um agradecimento por me permitir e me ajudar em mais uma conquista em minha vida.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido capacidade para os estudos e, principalmente, por ter me concebido em uma família tão feliz.

Agradeço, assim, aos meus pais por valorizarem sempre muito meus estudos, oferecendo incentivo e contribuindo para que eu tenha uma excelente formação como profissional das Letras. Aos meus irmãos, por terem me apoiado em todos os momentos em que precisei de ouvir uma palavra de carinho. À minha querida avó por acreditar e confiar sempre em mim. Aos meus tios e primos, pelo carinho.

Agradeço muito ao meu querido Professor Mario Roberto Zágari por ter apoiado e incentivado a minha carreira acadêmica e pessoal. Agradeço por ter despertado em mim o gosto pelos estudos lingüísticos. Professor, o senhor é um exemplo para mim!

Aos professores do Mestrado em Letras, agradeço pela excelente formação que foi disponibilizada na UFJF. Não posso deixar de agradecer, também, à Professora Cristina Name, ao Professor Paulo Gago e ao Professor Luiz Fernando por todos os ensinamentos dados no período em que com eles estive na Revista Veredas. Aos meus queridos amigos do mestrado, agradeço por todos os gostosos momentos de conversa e de discussões lingüísticas. Todos vocês são muito especiais para mim.

Agradeço à Professora Maria Luiza Braga, por ter estado sempre pronta a me atender e a discutir os dados comigo. À sua ex-orientanda Angélica Rodrigues, por ter me oferecido textos os quais foram de grande valia para a presente dissertação. À Ana Paula Rocha, amiga e professora, agradeço pelo carinho e pela amizade. À Professora Luciana Ávila e ao Professor Luiz Fernando pelas discussões propiciadas durante os congressos.

Gostaria de agradecer também às minhas colegas de dissertação, Rafaela e Alice, por todos os momentos de alegria e desespero compartilhados. Aos meus amigos dos Contadores de Histórias, agradeço pela compreensão e pelas boas risadas aos domingos. Aos meus grandes amigos granberyenses, agradeço por todos os momentos em que estivemos juntos e pelo exemplo de amizade verdadeira que demonstram a cada dia.

Agradeço também a todos os professores do Departamento de Letras que me despertaram para o compromisso do ensino e que me incentivaram para a realização de um sonho: ser mestre.

Além disso, agradeço a todos que participam do Projeto Português falado na região de Juiz de Fora e Arredores: constituição de um banco de dados, em especial à Professora Nilza e à Professora Amitza. O meu “muito obrigada” vai também à Professora Terezinha Resende por ter permitido o meu trabalho na constituição do Corpus Conceição de Ibitipoca e, mais tarde, por tê-lo cedido para as minhas pesquisas.

À CAPES, agradeço pelo incentivo de bolsa oferecido durante um ano, como resultado da aprovação em primeiro lugar no concurso de mestrado. À Professora Cláudia, pela amizade, incentivo profissional e apoio.

À minha querida Professora e Orientadora Nilza Barrozo Dias por todos os momentos de discussões nesses dois anos e por ser um grande exemplo de compromisso com o ensino público no Brasil. Obrigada por ter contribuído tanto na realização deste meu sonho e por ter ido muito além das minhas expectativas em todos os nossos encontros seja de orientação, seja de conversas informais. Agradeço por todos os dias em que se dedicou, junto a mim, na reflexão dos nossos dados e hipóteses. Obrigada por ter me incentivado em todas as atividades “extra-mestrado” como congressos, cursos, leituras e trabalhos.

Por último, e nada menos importante, gostaria de agradecer ao Tiago que esteve ao meu lado demonstrando, verdadeiramente, o que é o amor. Agradeço pelo apoio incondicional que me ofereceu e, também, por todas as nossas – proveitosas – discussões sobre o *pegar* e a *construção de dativo com infinitivo*. Obrigada por me fazer tão feliz!

## RESUMO

Neste trabalho propomos que as várias acepções do verbo *pegar*, no Português do Brasil, podem ser compreendidas a partir do momento em que consideramo-lo como um verbo polissêmico. Entendemos que, por extensões metafóricas, do sentido básico e mais concreto de *pegar* derivaram-se os outros sentidos. Em nossa hipótese, defendemos que há uma noção de movimento e contêiner que perpassa as construções com o verbo. Estas construções, no presente trabalho, são divididas em grupos como: (a) *pegar lexical*, constituído por aqueles verbos que obedecem à ordenação S V (O) e que apresentam o sentido do verbo mais próximo ao considerado pleno; (b) *pegar no discurso*, que são os verbos que funcionam em duas diferentes construções, sendo que em ambas temos o verbo *pegar* seguido de um verbo (*dicendi* ou outros verbos, dependendo da construção), em que os dois verbos são flexionados no mesmo tempo e modo verbal, compartilhando um mesmo sujeito e objeto; (c) *pegar aspectual*, o qual, em sua forma infinitiva e unido a um verbo flexionado, transmite a noção de início e de certa continuidade da ação. Uma esquematização é proposta a fim de organizar os estudos referentes ao *pegar lexical*, o mais relevante nos dados, e, ainda, demonstrar, por meio deles, o fio condutor de significado que perpassa as construções com *pegar*. Com isso, demonstraremos que, além de produtivo em nossa língua, o *pegar* é um verbo que demonstra a mudança semântica e a sua ligação com a forma como o homem conceptualiza o mundo.

## ABSTRACT

In this work we propose that the several meanings of the verb *pegar*, in Brazilian Portuguese, can be better understood if we take it as a polysemous verb. We claim that, through metaphoric extensions, other meanings can derive from the basic more concrete meaning of *pegar*. According to our hypothesis, there are notions of movement and container which are shared by the constructions with this verb. These constructions, in the present work, are categorized into groups such as: (a) *lexical pegar group*, composed by those verbs which follow the SV(O) order and bear meanings closely related to the more basic one; (b) *discourse pegar group*, composed by two different constructions in which the verb *pegar* is followed by another finite verb (either *dicendi* or not), inflected in the same mood and tense, and sharing the same subject and complement; (c) *aspectual pegar group*, in which the verb *pegar* is followed by an infinitive form and bears the notion of inception and of certain continuity of the action. We propose a schema in order both to organize our conclusions concerning the *lexical pegar*, the most relevant within the data collected, and to demonstrate the conceptual commonalities found amongst every construction with *pegar*. Furthermore, we will argue that, besides being highly productive in our language, *pegar* demonstrates how semantic change works and also how it is deeply related to the way human beings conceptualize the world they experience.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1- OLHARES SOBRE A MUDANÇA: POLISSEMIA E GRAMATICALIZAÇÃO</b>	16
<b>1.1- A Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica</b>	16
1.1.1- <i>Mecanismos da Mudança Semântica: Metaforização e Metonimização</i>	21
1.1.2- <i>O modelo da Teoria da Inferência Sugerida para Mudança Semântica</i>	23
<b>1.2- Polissemia</b>	24
<b>1.3- Categorização e Prototipia</b>	33
1.3.1- <i>As Categorias Radiais</i>	34
1.3.2- <i>Categorias Radiais, Prototipia, Semelhança de Família: vários nomes para uma mesma idéia</i>	36
<b>1.4- Processos de Mudança e a Gramaticalização</b>	38
<b>2- O PEGAR SOB A ÓTICA DA SEMÂNTICA</b>	45
<b>2.1- Em Busca de um Sentido Mais Básico</b>	45
<b>2.2- Categorias de Movimento e <i>Contêiner</i> no <i>Pegar</i></b>	48
<b>2.3- <i>Pegar</i> no Discurso e Sua Interface com os Verbos Transferenciais</b>	51
2.3.1- <i>As Construções com Verbos Seriais em Evidência</i>	56
<b>2.4- A Auxiliação e as Construções com <i>Pegar</i></b>	59
<b>3- A POLISSEMIA NOS DADOS</b>	61
<b>3.1- A Mudança Semântica no <i>Pegar</i></b>	61
<b>3.2- Sentidos Assumidos no Uso</b>	67
<b>3.3- Os Esquemas Conceptuais de <i>Pegar</i></b>	83
<b>3.4- <i>Pegar</i> Lexical e Suas Marcas Polissêmicas</b>	84
3.4.1- <i>Esquema 1</i>	84
3.4.2- <i>Esquema 2</i>	85
3.4.3- <i>Esquema 3</i>	86
3.4.4- <i>Esquema 4</i>	87
3.4.5- <i>Esquema 5</i>	87
3.4.6- <i>Esquema 6</i>	88
<b>3.5- A Predicação e o Verbo <i>Pegar</i></b>	89
<b>3.6- Aplicação do Goldvarb aos Dados</b>	94

<b>3.7- A Marcação Aspectual com <i>Pegar</i></b>	100
<b>3.8- <i>Pegar</i> no Discurso e Suas Marcas Polissêmicas</b>	103
3.8.1- <i>As Construções com Pegar Associadas ao Discurso Reportado</i>	105
3.8.2- <i>As Construções com Pegar Associadas à Mudança Situacional</i>	107
<b>3.9- As Categorias Radiais em Interface com o <i>Pegar</i></b>	110
<b>3.10- A Gramaticalização e os Dados Disponíveis</b>	115
<b>3.11- A Polissemia Via Movimento em uma Abordagem Translingüística: O caso do verbo inglês <i>get</i></b>	120
<b>4- CONCLUSÃO</b>	126
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	129

## INTRODUÇÃO

As construções com o verbo *pegar* têm se mostrado muito produtivas no Português do Brasil (PB). Talvez isso se deva ao fato de essa construção<sup>1</sup> apresentar as mais diversas instanciações que podem indicar desde o ato concreto de usar as mãos para segurar algo até noções abstratas como mudança de turno de fala. Vejam-se os dados da fala mineira, coletados na cidade de Ibitipoca e nas audiências do Procon de Juiz de Fora :

(a) INF.- É...mas ieu acho que lá por riba, quando tá pingano, lá também móia por riba...num desce por causa do forro, né? e a mia cama lá dentro, as menina fala: “ah, (inint)da mia mãe tá moiano tudo”...**pega** uma lona, até que alargó ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí...cuiz credo...móia demais... (Corpus Conceição de Ibitipoca)

(b) INQ.- Onde trabalha, né?

INF.- Onde nós trabaiava.

INQ.- Então a senhora **pegou** na enxada, dona Maria? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

(c) INF.- Não sei, não sei... mas deve sê uma figuera, algum tipo assim de madeira, dessa espécie.

INQ.- Será que ela **pegô** fogo, por isso que ficô oco?

INF.- Possivelmente, né? porque naquela época também aconteciam muitos incêndios, né? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

(d) INF.- **Foi** os padre aí na rua, já tem muitos ano, sabe? aí, benzeu o coquero...chegô aqui tirei (inint) guardei pa quando (andá) chuva a gente botá queimá fumacinha é bão, né? (inint) **pegô**, prantô a muda, falô: “oh...eu vô prantá essa uma aqui, praque às veiz um dia num tem jeito de saí pra ir levá, nós vem na horta e rebenta e panha, né?”...tá lá, **pegô**, mas tá um brute de coquero. (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Se pensarmos no sentido atribuído por cada construção nos exemplos acima, rapidamente perceberemos que não parece, num primeiro olhar, haver algo em comum entre todos esses usos. Dada tamanha produtividade semântica, duas são as possibilidades de explicação para a questão: (a) afirmar que temos aqui um caso de homonímia, ou seja, que há várias entradas diferentes no dicionário mental dos falantes para o verbo *pegar*; ou (b) tentar explicar, partindo de dados reais de fala, os processos figurativos de herança entre construções que possibilitaram essa polissemia. No nosso caso, optamos pela segunda possibilidade. Visando a encontrar e/ou demonstrar as regularidades existentes entre os

---

<sup>1</sup> Consideramos construção neste texto assim como conceituado por Goldberg (1995:4): “C é uma construção sse C é um par foma-sentido <Fi, Si> de tal forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é estritamente preditível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas”.

sentidos de *pegar*, optamos por estudar a polissemia do verbo, observando-a em dados reais de fala e escrita.

### ***Objetivos e Hipóteses***

O estudo da polissemia verbal tem se mostrado relevante já que os processos ligados à mudança semântica têm sido estudados a fim de demonstrar outros processos lingüísticos e/ou justificar a maneira como os seres humanos operam em relação à mudança lingüística. Sabendo disso, nota-se que há, na Língua Portuguesa, diversas palavras que individualmente apresentam diferentes sentidos<sup>2</sup>, sendo uma delas o verbo *pegar*. O emprego de tal verbo tem se mostrado relevante por ser usado, conforme pode ser notado informalmente, pelos mais diversos falantes das mais distintas faixas etárias, escolaridade e sexo. Além disso e talvez por ser tão usado, o verbo *pegar* tem sido apresentado como portador de sentidos variáveis, dependentes contextualmente.

Tal variedade de sentido causou-nos curiosidade e nos propomos, primeiramente, neste trabalho, a apresentar os sentidos do *pegar*, sejam estes lexicais, discursivos ou aspectuais. Além desse, nosso objetivo será o de demonstrar e perceber se alguma regularidade há entre esses sentidos, buscando evidenciar que a mudança semântica não se dá de forma aleatória.

Nossa hipótese é a de que o verbo *pegar* possui em seu sentido básico indicadores de categorias de *movimento* e *contêiner*. Defendemos, ainda, que tais categorias não apenas configuram o sentido mais básico<sup>3</sup> do verbo, mas também todos os sentidos que dele se derivaram, constituindo a polissemia do verbo. Sendo assim, tais noções de *movimento* e *contêiner* têm escopo sobre o verbo *pegar* lexical e elas apresentam-se através de noções bastante concretas (o que poderá ser visto no estudo do esquema 1, no capítulo 3) ou mesmo por meio de categorias que, juntamente com o verbo, se tornam mais abstratas. Quando passamos ao estudo polissêmico do *pegar no discurso*, percebemos que as noções de *movimento e contêiner* são ainda mais abstratas. Já em construções aspectuais com o verbo,

---

<sup>2</sup> Consideraremos, neste estudo, as palavras *sentido* e *significado* como sinônimas da noção de *acepção*, ou seja, todas essas palavras serão usadas para fazer referência a *aquilo que uma língua expressa acerca do mundo em que vivemos*.

<sup>3</sup> Tratamos, neste trabalho, como sentido mais básico aquele que é ligado à idéia de concretude do verbo e/ou seu sentido que seria considerado pleno. Esse deriva-se, como veremos no capítulo 2, do sentido lexical *trazer para si*, o qual envolve as idéias categoriais do verbo de *movimento e contêiner*, consideradas, também, categorias básicas na construção dos sentidos de *pegar*.

apenas a noção de *movimento* parece se fazer mais presente. Defendemos que essa mudança semântica se dá por meio de uma extensão metafórica, o que caracterizaria a polissemia.

### ***Organização dos Capítulos***

Para isso, começaremos este trabalho por apresentar, no capítulo 1, os pressupostos teóricos que contribuíram para a análise do objeto de pesquisa aqui proposto. Sendo assim, as perspectivas teóricas funcionalistas terão a contribuição da teoria cognitivista (referente aos processos de mudança semântica e categorização), visando à explicação da base comum justificante da polissemia do verbo *pegar*. Para tal, serão observadas teorias que dizem respeito à polissemia, à gramaticalização, à noção de mudança semântica e à categorização, as quais se revelaram importantes no estudo do verbo.

Em seguida, no capítulo 2, demonstraremos através das nossas pesquisas que algumas categorias postuladas por Lakoff (1987), Johnson (1987) e Lakoff & Johnson (2002), aplicadas aos nossos dados, espelham que o sentido mais básico do verbo *pegar* difundiu-se a outros sentidos por caminhos que podem ser explicados através do *movimento* e do *contêiner*, como formas de conceptualização do mundo pelo ser humano. Além disso, apresentaremos, de maneira geral, os grandes grupos construcionais que fazem parte da polissemia do verbo.

Após apresentarmos a proposta teórica utilizada neste trabalho, faremos, no capítulo 3, uma proposta de análise dos verbos, sejam eles lexicais, gramaticais ou com valor discursivo.

Por fim, no capítulo 4, apresentaremos que a noção de movimento perpassa a todas as acepções de *pegar*.

### ***Metodologia***

Por meio do que chamamos de mudança semântica do *pegar* e de esquemas conceptuais, buscamos demonstrar as marcas polissêmicas do *pegar*, de forma que se perceba uma regularidade de sentido existente entre todas as construções com esse verbo. Para tal, uma esquematização para fins didáticos e explicativos será colocada lado a lado aos exemplos, na tentativa de comprovar as nossas hipóteses. Além disso, nesse capítulo de análise dos dados coletados, demonstraremos a aplicação das teorias de predicação, de

gramaticalização, de verbo serial, de aspectualidade e, ainda, de categorias radiais. Toda essa análise é feita para demonstrar propriedades intrínsecas à construção e, sobretudo, para espelhar o valor polissêmico da mesma. Será realizada, ainda, uma interface entre as perspectivas da gramaticalização e da sociolingüística frente às estatísticas, baseadas nos dados coletados, relevantes a respeito do assunto. É importante, ainda, destacar que os pressupostos ligados às análises variacionistas serão adotados apenas como recurso heurístico. Assim, as ocorrências serão analisadas de forma coerente e sistemática, visando a uma análise qualitativa, observada por meio dos dados submetidos ao Goldvarb.

A análise do *pegar* foi dividida em três agrupamentos: o *pegar lexical*, o *pegar no discurso* e o *pegar aspectual*. Aplicamos os esquemas com o *pegar* àqueles verbos pertencentes ao que chamamos de *pegar lexical*, numa tentativa de didatizar como as noções de movimento e contêiner perpassam os sentidos de *pegar*. Tal construção verbal se realiza com a presença de um objeto direto preenchido por um sintagma nominal, preposicionado ou pronominal, o que parece ser mais próximo à forma canônica do verbo. Posteriormente, submetemos a análise desse agrupamento a parte do pacote do programa Goldvarb. Quanto às construções do *pegar aspectual* e do *pegar no discurso*, a análise foi apenas qualitativa.

Em alguns casos ocorreu o *knock-out*, provavelmente devido ao número de dados não ser satisfatório à aplicação do sistema. Porém, como já explicitado, nossa análise no presente estudo foca o aspecto qualitativo e não quantitativo, o qual poderá ser aprofundado trabalho futuro. Traçaremos, ainda, uma abordagem translingüística por meio da comparação entre pesquisas realizadas do verbo inglês *get* e o presente estudo.

### ***Corpora***

A fim de realizarmos a análise dos dados, optamos por selecionar *corpora* de fala coletado na região da Zona da Mata Mineira. Tal pesquisa se baseou em três corpora de fala, sendo o primeiro o Corpus Conceição de Ibitipoca, cedido pela pesquisadora Terezinha Resende; o segundo se baseia no Corpus do Projeto Português falado na região de Juiz de Fora e Arredores: constituição de um banco de dados, coordenado pela professora Nilza Barrozo Dias e executado também pela professora Amitza Torres; o terceiro é um corpus de gravações de auditorias do PROCON/ JF, o qual fora coordenado pela professora Sônia Bittencourt e executado também, em sua primeira fase de pesquisa, pela professora Nilza Dias. Os *corpora* foram coletados de maneiras diversas. O primeiro citado baseava-se em entrevistas realizadas pela pesquisadora com os moradores da cidade mineira de Ibitipoca. Já

o segundo diz respeito a gravações informais de fala espontânea, em que se grava uma conversa em família durante um jantar, uma conversa entre amigos em uma sala de estar etc. O terceiro *corpus* tem um caráter institucional, em que uma audiência entre reclamantes e reclamados intermediada pelo mediador do PROCON é registrada. Foram utilizados, ainda, três exemplos isolados retirados de uma pesquisa em *blogs* da Internet que se mostraram relevantes na aplicação dos dados na teoria de Traugott e Dasher (2005), como poderá ser conferido no capítulo 3.

Além desses dados referentes a situações de oralidade, buscamos também ocorrências escritas que viessem a reforçar nossas idéias. Como já havíamos notado por meio de pesquisas não registradas, os dados escritos de *pegar* ocorriam, principalmente, em gêneros textuais que demonstravam um grau de informalidade maior. Por isso, pesquisamos em gêneros como receitas, narrativas infantis, além de textos do caderno de esportes e revista da TV de diferentes jornais, alguns dados que pudessem ser úteis em nossa análise. Tanto as receitas quanto as narrativas foram coletadas na Internet. Já os jornais, O Globo e Tribuna de Minas, foram analisados durante a primeira e terceira semana do mês de novembro do ano de 2006. Nestes escolhemos o Caderno de Esportes e a Revista da TV por demonstrar maior informalidade em relação às notícias e reportagens e, ainda, por ser aquele que apresentava dados do nosso objeto de análise. No total, foram pesquisadas 153.831 palavras de texto falado, em que encontramos 145 ocorrências de *pegar*. Já em ocorrências de texto escrito, o número de palavras foi de 8.261, sendo que somente em 14 delas encontramos ocorrências com o verbo em estudo.

Citamos abaixo os projetos cujos dados de fala foram utilizados e, também, os jornais e *sites* da Internet que foram úteis para a pesquisa. Dentro desses *corpus* existem transcrições ou seções em que não encontramos nenhuma ocorrência de *pegar*. É o caso, por exemplo, de duas transcrições de fala do Corpus Conceição de Ibitipoca em que os falantes não utilizaram sequer um *pegar*. Vejamos os dados pesquisados:

- Corpus do Projeto Português falado na região de Juiz de Fora e Arredores: constituição de um banco de dados;
- Corpus Conceição de Ibitipoca;
- Gravações de audiências do Procon/JF;
- O Globo;
- Tribuna de Minas;
- Site de histórias infantis: <http://intervox.nce.ufrj.br/~pavesi/infantil/>;

- Site de receitas culinárias: <http://tudogostoso.uol.com.br/receita/>;
- Blogs pesquisados: <http://ml9swd05wcvz.uolk.uol.com.br/scrapbook.html> ;  
<http://blogdasseries.blogspot.com/2006/01/da-srie-de-futuro-marido-peguete.html>; <http://joselio.kleber.sites.uol.com.br/>.

O corpus foi selecionado tendo em vista a hipótese, que mais tarde foi confirmada, de que o *pegar* ocorre sobretudo em contextos de escrita mais informais ou em contextos de fala informais. Sendo assim, buscamos os nossos dados em corpus de escrita que representavam maior informalidade, como a seção de esportes e fofocas dos jornais, as histórias infantis (as quais se aproximam, muitas vezes, da modalidade falada da língua), as receitas e os blogs. Como se poderá notar nesta análise de dados, o nosso foco de pesquisa se deu na linguagem falada, mais informal, visto a dificuldade em se encontrar *pegar* em textos mais formais. Observamos que, em muitas receitas, ao invés de se usar tal verbo, usavam-se os verbos *adicionar*, *misturar*.

Os dados utilizados no corpo do texto trazem, entre parênteses, quando possível, a identificação da fonte do que foi disponibilizado. Os dados utilizados neste trabalho têm a função de comprovar, com exemplos reais de fala e, para os casos dos textos da Internet e dos jornais, de escrita, as análises que iremos nos propor a fazer. Não foram feitas análises estatísticas das probabilidades de ocorrência de acordo com idade, sexo ou escolaridade, afinal, o objetivo deste estudo não é o de apresentar tais estatísticas. Ao final do trabalho, estatísticas que julgamos serem mais relevantes para responder às questões que concernem à natureza polissêmica do verbo ou mesmo para demonstrar aspectos relevantes da construção serão apresentados.

# 1- OLHARES SOBRE A MUDANÇA: POLISSEMIA E GRAMATICALIZAÇÃO

## 1.1- A Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica

Como afirmado por Traugott & Dasher (2005:1), existem caminhos preditíveis para a mudança semântica através de diferentes estruturas conceptuais e de domínios da linguagem. Sendo assim, com os processos cognitivo e comunicativo, os significados pragmáticos vêm a ser convencionalizados e reanalisados como polissemias. Entretanto, os autores acrescentam que as regularidades não são absolutas em todos os casos de mudança lingüística (2005:3). O que apresentaremos neste trabalho se baseia na noção de que há um sentido o qual permeia todas as construções com o verbo *pegar*, sendo que as similaridades nas mudanças semânticas sugerem que deve haver princípios do uso da linguagem que contam com a replicação das mudanças de sentido ao longo do tempo e através das línguas. No nosso caso específico, as categorias de contêiner e de movimento<sup>4</sup> seriam aquelas replicadas e utilizadas na formulação de novos sentidos.

Os autores afirmam que, no nível micro, cada instanciação de mudança semântica tem suas características peculiares, podendo derivar de propriedades específicas do lexema em mudança, do desenvolvimento sincrônico lexical e gramatical ou das circunstâncias de atuação da mudança em uma comunidade de fala (Traugott & Dasher, 2005:4). Nesse aspecto, ainda não podemos afirmar que uma das características apresentadas é mais relevante que outras em relação ao objeto estudado. É interessante notar, porém, que, no nível macro, a direção da mudança semântica é, com frequência, altamente preditível. Assim, podemos notar que o verbo parte de uma noção mais concreta e adquire, cada vez mais, noções mais abstratas.

Para se estudar a mudança semântica, Traugott & Dasher (2005:6) defendem que não precisamos apenas de uma teoria da gramática, mas também de uma teoria do uso lingüístico e da relação mútua entre o uso e a gramática. Assim, os autores deixam explícita a idéia de que a estrutura e os aspectos comunicativos da linguagem delineiam a forma da gramática, sendo que o falante/escritor é o primeiro negociante (com o ouvinte/leitor) de referenciação e significado em geral, usando de índices e dêiticos que permitem a atribuição de variáveis de falante, ouvinte, tempo, lugar, relevância comunicativa e status social (Ochs, Schegloff & Thompson, 1996:1-51).

---

<sup>4</sup> Tais categorias serão apresentadas, mais especificamente, no decorrer do texto. Estas são explicitadas aqui para que se tenha, desde já, conhecimento daquilo que defendemos compor o sentido mais básico do verbo em estudo.

Dessa forma, o sentido é apresentado como sendo tanto cognitivo quanto comunicativo. Os lexemas são encarados como representações lingüísticas específicas do nível macro das estruturas conceptuais (Cs). As Cs são estruturas abstratas como MOVIMENTO, LOCALIZAÇÃO, CONDIÇÃO, GRAU, SER HUMANO, ATITUDE EPISTÊMICA e podem incluir sentidos não-lingüísticos, como aqueles construídos pela visão. Elas são mais ou menos estáveis e consistentes através da espécie humana, já que são influenciadas pela cultura. São, então, ligadas a sentidos abstratos (Ms) através do particular e da dependência cultural. Esses sentidos abstratos são representações lingüísticas de tipos situacionais (processos, atividades e estados), seus participantes (funcionando em papéis como agente, experienciador, instrumento, localização), tipos de crença (modalidades) e situações comunicativas (atos de fala).

Trazendo tais informações para a nossa análise, temos que o lexema *pegar* é estruturado a partir da idéia de movimento (Cs), podendo apresentar, em seus diversos sentidos e contextos, diferentes participantes e situações comunicativas. Como afirmado por Traugott & Dasher (2005:8), o que está no âmago de um protótipo pode mudar com o tempo e se diferenciar através das línguas. Assumimos que esse protótipo, no caso em estudo, seria constituído **pela noção de movimento e pela relação entre os contêineres**. Esses fatores se mantêm. Porém, a idéia de concretude, o apego às características mais físicas, e, ainda, outros aspectos podem ter mudado com o passar do tempo. Entretanto, o presente trabalho não focaliza os estudos diacrônicos, ficando tal análise para um estudo futuro.

Como também veremos na análise dos nossos dados de *pegar*, as diferenças na sintaxe refletem, assim como defendido por Traugott & Dasher (2005), as diferenças na construção de sentido. Desta maneira, quando se “pega um ramo” tem-se uma idéia de “segurar um ramo”, sentido esse que não ocorre em construções como “pegou e deu desculpa”. Outra hipótese levantada por Traugott & Dasher baseia-se na noção de que as diferenciações no cenário sintático também refletem distinções no cenário conceptual. Sem dúvida podemos perceber que esta hipótese se cumpre nos dados levantados de construções com o verbo *pegar*. Porém, acreditamos que essas distinções conceptuais trazem em si algumas semelhanças que serviriam de base para a formação dos novos sentidos.

Segundo Ullmann (1964), importante contribuição também na área dos estudos semânticos é a de Sapir, que afirma que

A língua move-se ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói (...) todas as palavras, todos os elementos gramaticais, todas as locuções, todos os sons e acentos são configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível e impessoal que é a vida da língua. (apud Ullmann, 1964:401)

A partir dessa idéia, Ullmann<sup>5</sup> afirma que o significado é o elemento lingüístico que menos resiste à mudança, o que se deve à interação de várias forças. Dentre elas, o autor cita como força responsável pela mudança semântica o fato de a língua transmitir-se de modo descontínuo de uma geração a outra, ou seja, cada jovem "tem que aprender de novo" sendo que, quando cometem erros, costumam ser corrigidos. Se isso não acontecer, tem lugar a mudança semântica em uma nova geração. Outro fator operante como "forçador" da mudança é a imprecisão do significado, em que a natureza genérica da palavra conspira para facilitar as alterações no uso. Um fator que também pode contribuir para a mudança de significado é a perda de motivação. Quando os laços de raiz de uma palavra são quebrados, os sentidos podem afastar-se de suas origens. Além disso, segundo o autor, a polissemia faz com que uma palavra adquira sentido novo sem perder seu sentido original.

Outra característica que leva à mudança é ligada à idéia de que as alterações semânticas surgem a partir dos contextos ambíguos, em que uma palavra pode ser tomada em dois sentidos diferentes. Para terminar, o autor afirma que o mais importante dos fatores gerais que governam a mudança semântica é a estrutura de vocabulário, que é fluido e móvel e, com isso, elementos novos podem ser acrescentados com maior liberdade e os já existentes podem cair em desuso com facilidade.

Os sentidos relevantes a um lexema podem ser divididos, segundo Traugott & Dasher (2005:16), em três níveis:

- (i) Significado codificado, em que a linguagem é convencionalizada ligada a um certo momento.
- (ii) Significados de ocorrência de enunciado, que são caracterizados por se constituírem em inferências sugeridas (IINs) que não foram cristalizadas em implicaturas utilizadas comumente. Elas podem ser baseadas no conhecimento enciclopédico ou no conhecimento lingüístico, possivelmente de uma base universal.
- (iii) Significados de tipo de enunciado, que são inferências sugeridas gerais (GIINs). GIINs são significados preferidos e convenções de uso em comunidades lingüísticas específicas.

Os sentidos acima descritos são delineados, entendidos pelos falantes/ouvintes através das mais diversas estratégias de produção e percepção, ou seja, do uso lingüístico. Assim, o

---

<sup>5</sup> As idéias de Ullmann se assemelham à noção de mudança paramétrica, a qual não foi aplicada ao presente trabalho.

falante/escritor e o ouvinte/leitor exploram as inferências ativamente e não passivamente, sendo que ambos exercem influência na formulação da comunicação lingüística do outro. Isso ocorre para que o resultado final seja de perfeita inteligibilidade dos participantes de uma situação comunicativa.

Como defendido por Traugott & Dasher (2005), a mudança semântica é provocada por uma força direcionadora, que é a pragmática:

A mudança semântica é possível devido ao fato de as normas lingüísticas específicas, incluindo as de natureza semântica, serem normas hipotéticas, subordinadas às normas superiores da comunicação (Bartsch, 1984:393 apud Traugott & Dasher, 2005:24)

A mudança semântica costuma ser discutida através de três perguntas, que são caracterizadas como perguntas mais frequentes da mudança semântica:

- a. Dado o par forma-sentido L (lexema), a quais mudanças se submete o significado M (mean) de L?
- b. Dada uma estrutura conceptual C, ou um significado M, com quais lexemas eles podem ser expressos?
- c. Dada uma estrutura conceptual C, que caminhos de mudança semântica podem ser encontrados em direção a (ou procedentes de) outras Cs? (Traugott & Dasher, 2005:25)

Para buscar respostas à questão (a), tem-se dado foco à semasiologia, a qual se interessa no desenvolvimento de polissemias. Assim, segundo esse ponto de vista, a forma do lexema (a sintaxe e a fonologia) aliada a um sentido (M1) passa, com o tempo, a uma mesma forma ligada a um novo sentido, além do já existente (M1 + M2).

Já a onomasiologia vem em resposta à questão (b), em que o foco é dado ao desenvolvimento e à reestruturação de representações codificadas de um dado domínio. Assim, uma estrutura conceptual C seria expressa por L1 e L2 em um determinado tempo e por L1, L2 e L3 em um tempo mais futuro. Essas afirmações de Traugott & Dasher corroboram o que será demonstrado na nossa análise, no capítulo seguinte, já que o verbo *pegar* tem sido muito usado nas mais diversas situações.

A resposta à pergunta (c) foca-se nas evidências crescentes de unidirecionalidade das estruturas semânticas, sendo que o tempo passa a condição, o deôntico ao epistêmico e o conteúdo ao procedural. Dessa forma, vemos que, no nosso verbo em estudo, há a marcação de um procedimento lingüístico através de um verbo em situações como *pegar + dicendi* ou *pegar + outros verbos*. Além disso, como atestaremos através dos esquemas de contêiner, mais à frente neste trabalho, há uma relação direta entre o corpóreo e o lingüístico no que concerne ao *pegar*.

Podemos dizer que os três caminhos propostos para explicar a mudança semântica são aplicáveis à mudança do verbo *pegar*, já que o sentido (M1) de *trazer para si* – sentido

etimológico de *pegar*, mais concreto, mais básico – passou a vários outros sentidos como *segurar, enfrentar, tomar etc* (M1, M2, M3...). Além disso, pensamos, ainda, como já explicitado outras vezes, que há um domínio conceptual de *movimento entre* contêineres que está ligado ao verbo em discussão. Assim, verbos como os acima citados podem ser figurados por uma mesma estrutura conceptual e podem ser representados por um mesmo lexema. Quanto às mudanças unidirecionais, temos o verbo pleno passando a verbo marcador aspectual, o que observaremos na análise de dados. Nesse caso, *pegar* não traz uma noção de concretude mas sim a idéia de que alguém começou a fazer algo. Exemplos como esse não são muito comuns, mas existem, o que indica que há uma noção de marcador aspectual do verbo e, assim também, indica que o verbo encontra-se em processo de gramaticalização.

Como vemos, os sentidos se desenvolvem através do uso lingüístico, em que a pragmática e, ainda, conteúdos cognitivos estão envolvidos. Esses fatos reforçam a idéia de que não há língua natural sem usuários dela. Outro fato interessante destacado por Traugott & Dasher é o de que as novas estruturas coexistem com as antigas e estas não necessariamente desaparecem. Por meio desta afirmação, entendemos o porquê de tantos sentidos permanecerem no verbo *pegar*. Afinal, se um sentido derivasse do outro, e o antigo desaparecesse, teríamos uma gama reduzida de sentidos oferecidos a um lexema, e não o que encontramos hoje.

Ullmann (1964), em “Semântica: uma introdução à ciência do significado”, apresenta causas possíveis a respeito da mudança de significado e ressalta que muitas mudanças só podem ser observadas através da reconstrução histórica completa. Dentre as causas principais da mudança semântica, há as causas lingüísticas que são ligadas às associações a que as palavras estão sujeitas na fala pelo fato de uma palavra poder ser trocada por outra por ocorrer simultaneamente em muitos contextos. Outra explicação é ligada às causas históricas, em que há ou não um certo conservadorismo lingüístico diante das situações novas. Há, também, as causas sociais, que demonstram o fato de um grupo social restrito especializar, restringir alguns significados ou, até mesmo, generalizá-los no grupo comum.

O autor não deixa de comentar que as causas de mudança podem ser psicológicas, em que as mudanças de significado têm muitas vezes as suas raízes no estado de espírito da pessoa, fazendo com que o estilo individual passe para o uso comum. Esta idéia converge, de certa forma, com a noção proposta por Traugott & Dasher (2005) no modelo da Teoria da Inferência Sugerida para Mudança Semântica. Isso porque, como já apresentado, Traugott & Dasher definem que “os significados de tipo de enunciado são inferências sugeridas gerais (GIINs). GIINs são significados preferidos e convenções de uso em comunidades lingüísticas

específicas”. Ullmann destaca, ainda, a influência estrangeira como causa da mudança semântica e, por último, a necessidade da língua na criação de um nome novo. Casos estes que, segundo Traugott & Dasher (2005), são produto de processos de objetificação<sup>6</sup>, o que os torna irregulares e os exclui do tratamento dado pela teoria proposta por essa autora.

### *1.1.1- Mecanismos da Mudança Semântica: Metaforização e Metonimização*

Como principais mecanismos de mudanças semânticas, foram apontados a metáfora e a metonímia:

A forma de ser inovador e ao mesmo tempo compreendido é usar palavras de uma forma nova, cujo significado seja auto-explicativo. Há duas maneiras de se fazer isso: escolher palavras usadas para os vizinhos próximos daquilo que você quer dizer (metonímia) ou escolher palavras usadas para se referir aos semelhantes daquilo que você quer dizer (metáfora). (Nerlich & Clark, 1992:137 apud Traugott & Dasher, 2005:27)

Traugott & Dasher tratam a metaforização como um processo que opera entre domínios diferentes, conceptualizados como fontes e alvos, e restringidos por relações pragmáticas de semelhanças e diferenças, dando ênfase ao estatuto sintático da metáfora. Esse mecanismo é utilizado pelos falantes/escritores a fim de atribuírem novos sentidos a um mesmo lexema, dando corpo à polissemia. A metonimização é aceita por Traugott & Dasher como uma base para que a metáfora seja formada. Esta noção é proposta por Barcelona (2000), em que se aceita que muitas metáforas são motivadas conceptualmente por uma metonímia, que está mais ligada à base experiencial delas. Dessa forma, os dois mecanismos propostos “caminham juntos” na formação dos diversos sentidos, polissêmicos.

Taylor (1989) afirma que a noção de sentidos relacionados é central para o estudo da polissemia, afinal é essa relação de sentido que permite que diferentes sentidos sejam ligados. Esse autor focaliza o caráter conceptual do processo. Com isso, o autor cita que alguns processos permitem que os diferentes sentidos sejam associados, nomeadamente a metonímia e a metáfora. Ele sugere que a essência da metonímia reside na possibilidade de se estabelecerem conexões entre entidades as quais co-ocorrem em uma dada estrutura semântica. Assim, a metonímia passa a ser um dos mais fundamentais processos de extensão de sentido, sendo mais básico, provavelmente, que a metáfora. Esta é ligada às conceptualizações do ser humano em um ambiente físico e social, se vista de uma perspectiva

---

<sup>6</sup> Entende-se por objetificação qualquer processo de extensão de significado baseado em empréstimos ou na criação acadêmica de termos para as ciências. Assim, a extensão do significado do lexema *competência* para a noção de uma capacidade linguística inata passível de variação paramétrica não é um caso de mudança via inferência sugerida, mas um caso de objetificação.

mais cognitivista. Por isso, a metáfora é vista como um mapeamento lógico de um domínio em outro, sendo um, geralmente, mais concreto e outro, mais abstrato. Além disso, Taylor demonstra que as metáforas são fruto da metonímia, indicando uma continuidade desses dois procesos. O autor descreve que o paradigma cognitivista encara a metáfora como uma forma de conceptualização daquilo que é mais abstrato e intangível por aquilo que é familiar e concreto.

De acordo com Lakoff & Johnson (2002), muitas de nossas expressões são ligadas às nossas experiências cotidianas. Por isso, postulam que, por exemplo, a argumentação intelectual é entendida em termos de guerra. Com isso, temos a metáfora “argumentar é guerrear”. Assim, Lakoff (1987) apresenta a possibilidade de muitas áreas da experiência serem metaforicamente estruturadas em termos de um número mais reduzido de esquemas imagéticos, como: esquema do contêiner (palavras vazias, colocar as idéias no texto); um caminho e suas partes (origem-caminho-meta); a proximidade e a distância (um amigo próximo); a ligação e a separação (manter contato, romper); orientação frente-trás (olhar para trás = passado); o relacionamento parte-todo (o casal se separou); a ordenação linear (primeiramente, em segundo lugar); e a orientação alto-baixo (ele está para baixo hoje). Através disso demonstra que muitos esquemas claramente derivam das experiências corporais humanas. Esta idéia será também defendida por nós, ao afirmarmos que a polissemia do *pegar* é fruto de metáforas conceptuais de contêiner e movimento, corporalmente baseados.

Ullmann, ao tratar da natureza da mudança semântica, destaca que:

Sejam quais forem as causas que produzem a mudança, deve haver sempre alguma ligação, alguma *associação*, entre o significado antigo e o novo. (Ullmann, 1964:438)

Tal afirmativa vai ao encontro da nossa idéia de que há uma associação forte, um sentido comum ligado a todos os significados de *pegar*. Para ilustrar como ocorre a mudança semântica, o autor afirma que, sobre tal assunto, há quatro tipos: a metáfora, a metonímia, a semelhança de nomes e a contiguidade de nomes.

O primeiro tipo, a metáfora, é vista como um processo intimamente ligado à fala humana, sendo vista como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário e em outros papéis. As metáforas são divididas, pelo autor, em quatro grupos principais:

- (i) as antropomórficas, as quais caracterizam que a maior parte das expressões ligadas aos objetos inanimados têm uma base corpórea e sentimental humana. Esta, em

alguma medida, é relacionada à já citada metáfora postulada por Lakoff e aceita como bem fiel ao que ocorre nos dados deste trabalho;

- (ii) as metáforas animais, em que as imagens animais podem ser transferidas à esfera humana, criando significações humorísticas, irônicas, dentre outras;
- (iii) do concreto ao abstrato: vista como uma das regras básicas da metáfora, a tendência é que sentidos mais concretos passem a figurar em contextos mais abstratos, sendo que, muitas vezes, a investigação etimológica pode ser uma fonte para recapturar a imagem concreta;
- (iv) metáforas sinestésicas, que se baseiam na transposição de sentido (do ouvido para a vista, da vista para o ouvido etc).

O segundo tipo é a metonímia, que é julgada por Ullmann, como sendo menos interessante que o processo anterior. Para ele, as metonímias estão ligadas a associações que estão por trás – ou que funcionam como base - desse processo. Relações espaciais e temporais, por exemplo, caracterizam o processo de transferência metonímica, em que as palavras mudam de sentido devido a esse processo. Vemos, então, que, segundo Ullmann, a metáfora não é relacionada à metonímia como ocorreu na postulação de Barcelona (2000) e Taylor (1989), mas que a idéia de mudança semântica ligada às experiências humanas, apesar de não explicitada, pode ser relacionada. Ullmann, além disso, apresenta que há uma grande diferenciação entre metáfora e metonímia, destacando ser tal diferenciação ligada ao fato de que a metonímia, ao contrário da metáfora, tem tendência a dar às palavras abstratas um significado mais concreto.

No que tange à semelhança de nomes, o autor afirma que antes de se tentar reconstituir a história semântica de uma palavra, deve-se certificar de que o desenvolvimento foi espontâneo, pois este pode ter sido causado por alguma semelhança fonética, por exemplo. O último processo destacado é ligado às palavras que aparecem "repetidas" na língua, as quais podem exercer influência umas sobre as outras. Neste ponto não nos aprofundaremos por não se tratar de uma característica convergente em relação ao que é aqui apresentado.

### *1.1.2- O modelo da Teoria da Inferência Sugerida para Mudança Semântica*

De acordo com Traugott & Dasher (2005:34,35), os novos sentidos se dão de maneira instantânea no indivíduo e de maneira gradual no nível da comunidade de fala. O novo uso se tornará generalizado em outros contextos e terá força pragmática se houver um valor social e se tornar saliente entre a comunidade. Assim, o novo uso se tornará tão acessível quanto o

significado original. Porém, quando esse significado original se tornar apenas um mero traço em certos contextos, então poderemos dizer que a forma gramaticalizada se tornou semanticizada e considerá-la como uma nova polissemia:

Historicamente, existe um caminho que vai dos significados codificados, passando pelos significados enunciados e pelos significados pragmaticamente polissêmicos até chegar a novos significados semanticamente polissêmicos. (Traugott & Dasher, 2005:35)

Com essas mudanças, ao longo do tempo, o que era encarado apenas como inferência passa a ser visto como referência. Essas mudanças tentam ser explicadas pelo modelo da inferência sugerida, sendo a perda de significado classificada como irregular e não prevista pelo modelo. O mesmo contém um caráter recursivo que demonstra o fato de que os significados tendem a se tornar cada vez mais pragmáticos e procedurais, conforme o esquema abaixo:

conteúdo > conteúdo/procedural > procedural  
escopo interno à proposição > escopo sobre a proposição > escopo sobre o discurso

Como pudemos ver ao longo desse texto, torna-se útil o estudo de polissemia, já que esta se mostrou necessária ao se buscar caminhos que expliquem a mudança semântica. Assim, a polissemia funciona como um efeito da mudança semântica. Outros processos semelhantes, como a homonímia e a indeterminância, em distinção ao primeiro, também serão ressaltados. Como já se sabe, o *pegar*, nosso objeto de estudo, é um verbo que possui diversos sentidos. Estes diversos sentidos serão, mais à frente, justificados como sendo um caso, um exemplo de um conceito maior: o de polissemia.

## 1.2- Polissemia

O estudo da polissemia, ou seja, da multiplicidade de sentidos das palavras, tem uma longa história na filosofia da linguagem, lingüística, psicologia e literatura. Desde os estóicos, observa-se que um simples conceito pode ser expresso por muitas palavras diferentes (palavras sinônimas) e, ainda, que uma palavra pode carregar os mais diversos sentidos, o que é característico da polissemia.

Os princípios que governam essas relações e os mecanismos que permitem a criação dos novos sentidos são questões que aqueles que se interessam pelo assunto visam a

responder. Estamos acostumados a usar, inconscientemente e sem esforço, pistas contextuais para selecionarmos sentidos apropriados de palavras.

Apesar de raramente causar confusões na linguagem em uso, a polissemia cria problemas na teoria semântica e na semântica aplicada em casos relacionados à tradução e à lexicografia. Os dicionários se diferenciam no número de sentidos que eles definem para cada palavra e nos agrupamentos de sentidos. Outro problema relacionado às definições dos dicionários é o fato de que estes usam termos definidores polissêmicos, acabando por obscurecer, algumas vezes, os sentidos.

Algumas vezes, cria-se uma confusão entre aquilo que vem a ser chamado de homonímia e polissemia. Isso ocorre devido ao fato de que ambos os conceitos são relacionados à idéia da multiplicidade de sentidos para um mesmo vocábulo. De acordo com Leacock & Ravin (2000:2):

Os homógrafos são etimologicamente palavras não relacionadas que são representadas pelas mesmas letras na língua. Já as polissemias são etimologicamente e, a partir disso, semanticamente relacionadas e, tipicamente, originam de um uso metafórico. Sabe-se, porém, que palavras de uma mesma origem podem, com o tempo, não ter mais os seus sentidos relacionais reconhecíveis.

A grande questão levantada pelos autores que se interessam por polissemia está relacionada ao seguinte fato: se os sentidos diferentes das palavras polissêmicas são sistematicamente relacionados, como derivaram um do outro e como eles deveriam ser organizados a fim de demonstrar tal regularidade?

Defendemos que, com o verbo *pegar*, esta idéia de relação entre sentidos está intimamente relacionada a idéia de movimento entre contêineres (o que gera uma mudança de um contêiner para outro contêiner), que visará a explicar as nossas hipóteses a respeito da polissemia. Tal regularidade será demonstrada, mais adiante, a partir de desenhos/esquemas que têm o intuito de tornar mais claras as idéias que parecem figurar inconscientemente na cognição dos falantes.

Leacock & Ravin (2000:2,3) chamam a atenção para o fato de que indeterminância<sup>7</sup> e polissemia são processos distintos e que não devem ser confundidos. O primeiro diz respeito à idéia de que algumas expressões “permitem” vagueza de significado. Como levantado por eles, um exemplo típico é a palavra “criança” que pode se referir tanto a crianças do sexo feminino quanto a do sexo masculino. Entende-se, porém, que em um universo extralingüístico e também intuitivamente, esta mesma palavra se refere a um único sentido de *criança*.

---

<sup>7</sup> Vagueza e indeterminância são apresentadas como nomenclaturas diferenciadas de um mesmo fenômeno.

Chierchia (2003:289,290) apresenta que alguns problemas semânticos podem estar relacionados à vagueza das referências. Assim,

segundo a teoria causal da referência, as palavras estão relacionadas aos objetos diretamente, e essa relação não pode ser definida em termos mais elementares. A base intuitiva dessa relação é aquilo que os falantes fazem quando se referem a alguma coisa através de uma determinada expressão. Assumimos que nossa compreensão pré-teórica da expressão do senso comum “x se refere a y através de  $\alpha$ ” (analisada segundo a proposta de Grice) é suficientemente clara para que introduzamos uma contraparte formal da mesma em nossa teoria, fundamentando nessa contraparte o restante de nossas definições como o dos mundos gêmeos parecem confirmar a relativa clareza das nossas intuições em relação à referência (...) Qualquer relação, mesmo as relações físicas simples, tais como esbarrar (...) está sujeita a amplas margens de vagueza.

Segundo o autor, não podemos exigir mais do sentido do conceito de referência do que se cobra de qualquer outro conceito. Isso porquê sempre existirão casos difíceis de decidir. Assim, a teoria da referência deve ser usada como forma de auxiliar/desfazer a vagueza, mas não como forma de resolver toda essa questão.

Taylor (1989:101) afirma que torna-se necessário a distinção entre monosssemia e polissemia e que essa distinção envolve a diferenciação entre vagueza e ambigüidade. Para perceber se um termo ou sentença é ambígua, o autor propõe que três “testes” sejam aplicados. Primeiro, torna-se importante perceber que uma sentença ambígua tem mais de um sentido, sendo possível captar um sentido em prol da negação do outro. Um outro teste é ligado à possibilidade de coordenar os sentidos de uma palavra em uma simples construção. Outro teste é através da inserção de uma expressão como *do so too* dando à interpretação o mesmo sentido antecedente. À extensão que uma expressão anafórica e seus antecedentes podem se referir aos diferentes estados de relacionamento, estamos lidando com um caso de vagueza. O exemplo apresentado é traduzido por: “ eu vi um passarinho no jardim e a Jane também”. Se “eu” vi um tipo de pássaro diferente do que foi visto por Jane, temos *pássaro* como uma expressão vaga, imprecisa. Acontece que, como alertado pelo próprio autor, os testes de ambigüidade freqüentemente não retiram a mesma. Tal fato contribui para que os limites entre polissemia e monosssemia se tornem confusos.

Assim, classicamente, um item lexical monossêmico porta um único sentido, enquanto a polissemia é a associação de dois ou mais sentidos relacionados a uma mesma forma lingüística. Dessa forma, Taylor afirma que se um item lexical exige, para a sua explicação, a referência a dois domínios<sup>8</sup> diferentes, essa é uma forte indicação de que o item em questão é polissêmico. Com isso, parece que monosssemia e polissemia são, em princípio, conceitos

---

<sup>8</sup> “Domínios” é aqui entendido como áreas de escopo. O exemplo usado pelo autor é a palavra “school”, a qual pode ser entendida em um número de domínios diferentes, como “a educação infantil, a estrutura administrativa universitária etc.”(Taylor 1989:100).

muito claros, mas estes apresentam, muitas vezes, dificuldade ao se decidir se dois usos de uma forma lingüística são dois sentidos diferentes ou representam dois exemplares de um mesmo sentido central. Por essa causa, torna-se necessário a distinção que foi acima feita. Dessa maneira, podemos notar que as polissemias costumam ser ligadas à ambigüidade, enquanto a vagueza ou indeterminância é ligada à monosseμία. Assim como essa divisão não é fácil de ser realizada, Taylor afirma que o mesmo acontece com a polissemia e a homonímia, apontando para o fato de que há casos claros dessa diferenciação (como a polissemia em *neck of the body* and *neck of the bottle* e a homonímia em *die*).

Esse autor aponta, ao apresentar a polissemia de *climb*, para ao fato de que as categorias polissêmicas podem ser relacionadas não apenas a uma base denominadora comum, mas à idéia de que os sentidos são relacionados por meio de uma “cadeia de sentidos”. Isso é apresentado de forma esquemática pelo autor, o qual demonstra que o sentido de A é relacionado ao de B em virtude de alguns atributos que eles mantêm em comum ou outro tipo de similaridade. O sentido B torna-se a fonte para uma nova extensão C, o qual também está ligado aos sentidos D e E. Por isso, o lingüista afirma que categorias com esse tipo de estrutura são conhecidas como as categorias de “família de semelhança”. Em princípio, qualquer nódulo do significado da cadeia pode ser a fonte de várias extensões. Essa noção de cadeia, em que um sentido se liga ao outro através das similaridades que têm em comum, é bastante ligada à idéia que defendemos a respeito do verbo *pegar* neste trabalho, o que poderá ser freqüentemente observado nele.

De acordo com Leacock & Ravin (2000:5-7), para percebermos se uma palavra é ou não polissêmica, deve-se observar se apenas um bloco de sentidos pode ou não cobrir todos as acepções da palavra. Se ele não for definido, estamos diante de uma polissemia. Sem dúvidas, como veremos mais à frente, na tentativa de uma produção de um quadro de valores do verbo *pegar*, somente aquelas acepções levantadas e/ou dicionarizadas ainda não dão conta da gama de sentidos que são verdadeiramente expressos pelo verbo nas mais diversas situações de uso, resultado da sobreposição de diversos componentes semânticos, nas palavras de Leacock & Ravin. Ainda de acordo com os autores, há uma discussão entre duas idéias no que diz respeito à relação contexto e polissemia: de um lado, defende-se que o contexto é um fator importantíssimo para determinar os sentidos das palavras; de outro, tem-se a noção de que os sentidos das palavras são invariantes e predefinidos através dos mais diversos contextos. Tendo em vista a nossa análise proposta, cremos serem os possíveis significados de *pegar* pré-definidos, uma vez que defendemos existirem restrições de ocorrência do verbo *pegar* e que a polissemia não pode ocorrer de maneira aleatória. Por outro lado, a manifestação do

significado depende do uso. Assim, propomos que a estrutura conceptual do verbo (envolvida pelas noções básicas de contêiner e movimento) oferece uma gama de possibilidades e o contexto ajuda o falante a materializar essas possibilidades de significado. Tais noções passam a ser, dessa maneira, contínuas e necessárias aos processos de significados polissêmicos.

Lyons (1995:58) postula, em linhas gerais, aquilo que é chamado de polissemia ou de homonímia. Primeiramente, o autor aponta para o fato de que tradicionalmente os homônimos são definidos como palavras diferentes que têm a mesma forma. Para melhor delimitar esse conceito, Lyons apresenta três condições que devem ser preenchidas para postularmos o que seria uma homonímia absoluta. Primeiramente, as palavras devem ter sentidos que não sejam relacionados. Em segundo lugar, suas formas devem ser idênticas. Por último, as formas idênticas seriam equivalentes gramaticalmente. Se apenas uma ou duas dessas características são preenchidas, teríamos o que é chamado pelo lingüista de homônimos parciais.

Ao pensar em polissemia, o estudioso comenta que:

Enquanto a homonímia é a relação que é mantida entre dois ou mais lexemas distintos, a polissemia (o sentido múltiplo) é uma propriedade de lexemas específicos, de um mesmo lexema. (Lyons, 1995:58) [TRADUÇÃO NOSSA]

Lyons comenta que uma diferenciação comumente feita entre polissemia e homonímia diz respeito à idéia de que a etimologia da palavra determinará se esta é ou não polissêmica. Assim, se o mesmo lexema apresenta sentidos diferentes mas tem uma origem comum, quer dizer que trata-se de um lexema polissêmico. Porém, o autor insiste em ressaltar que hoje temos uma espécie de confusão etimológica em que algumas palavras vêm sendo interpretadas popularmente como polissêmicas e, se pensarmos na real etimologia, essas são homônimos. Isso ocorrerá, na maior parte das vezes, porque os falantes têm uma intuição que os leva a perceber a distinção. Tal fato, segundo este autor, ocorre já que os principais fatores que operam na mudança semântica estão ligados à extensão metafórica, em que um sentido está ligado ao outro sincronicamente. Essa extensão metafórica é um aspecto caracterizador da polissemia do verbo em estudo, já que defendemos ter este sentidos básicos que, por meio desse processo, permitiram os múltiplos sentidos do verbo.

De acordo com Leacock & Ravin (2002:7), a semântica relaciona o mundo extralingüístico às expressões lingüísticas que o descrevem. Assim, o sentido pode ser entendido como as condições as quais certas expressões guardam de certas entidades extralingüísticas. Levando em conta toda essa abstração, as teorias semânticas são guiadas por dois princípios, algumas vezes, contraditórios: generalização (ou a redução polissêmica) o

tanto quanto possível, visando ao crescimento do poder explanador da teoria; e fazer distinções (ou acréscimo polissêmico) a fim de alcançar o máximo de detalhamento semântico possível. Tentando não cair em nenhum desses extremos, acreditamos ter sido capazes, no presente trabalho, de dosar as explicações polissêmicas do verbo: criamos uma generalização explanatória dos sentidos que perpassam a polissemia e, ainda, buscamos indicar os sentidos mais prováveis de *pegar* nos diferentes contextos de nosso corpora.

Apresjan (1974, apud Leacock & Ravin, 2002), define a polissemia como a similaridade de sentidos nas representações de dois ou mais sentidos de uma palavra:

A definição não exige que exista uma parte comum para todos os sentidos de uma palavra polissemântica; já é suficiente que cada um dos sentidos sejam ligados pelo menos **a um outro sentido**. (Apresjan, 1974 apud Leacock & Ravin, 2002:9) [TRADUÇÃO NOSSA, GRIFO NOSSO]

O mesmo autor escreve que:

A polissemia de uma palavra A com o sentido a1 e a10 é chamada de regular se, numa dada língua, existe pelo menos uma outra palavra B com os sentidos b1 e b10, as quais são semanticamente diferenciadas uma da outra exatamente da mesma forma que a1 e a10 e se a1 e b1 e a10 e b10 são “não-sinônimos”. (Apresjan, 1974 APUD Leacock e Ravin, 2002:10) [TRADUÇÃO NOSSA]

Segundo Leacock e Ravin (2002), as distinções de sentido podem ser um problema para a abordagem tradicional dos estudos semânticos, pois se a teoria clássica postula novos sentidos para cada diferença conceptual, corre-se o risco de haver uma proliferação infinita de sentidos.

As definições dos verbos podem ser substituídas por palavras focadas no contexto específico. As outras diferenças semânticas entre esses três contextos são ligadas à presença de diferentes modificadores, os quais alteram o sentido da expressão composicional.

Wittgenstein (1958 apud Leacock & Ravin 2000:13) escreveu que:

A idéia de que, a fim de esclarecer a respeito de um sentido geral de uma palavra, seria necessário encontrar o elemento comum de todas as suas aplicações, engessou as investigações filosóficas, não apenas por não ter levado a nenhum resultado, mas também por fazer com que o filósofo dispensasse como irrelevantes os casos concretos, os quais sozinhos poderiam tê-lo ajudado a entender o uso do termo geral.

Na psicologia, a caracterização por “famílias de semelhança” foi introduzida por Rosch e seus colegas em cerca de 1970. Rosch demonstrou que as pessoas não só categorizam objetos na base de condições necessárias e suficientes mas também na base de semelhança de objetos em relação a um membro prototípico da categoria.

Cada categoria é representada por um protótipo que melhor exhibe suas características e que, portanto, está bem perto da definição de categoria ideal segundo a teoria clássica. Assim,

o mesmo autor demonstrou, ainda, que os protótipos são centrais no pensamento humano, não sendo arbitrários, mas consistentes entre indivíduos e culturas.

Além disso, Rosch explicitou que as pessoas tomam menos tempo para verificar declarações sobre membros de categorias (X é um Y) quando os exemplares são mais próximos do protótipo; e, mais tempo quando eles não o são.

Como destacado por Leacock & Ravin (2002:13,14), enquanto as teorias clássicas aqui descritas enfatizam definições e relacionam o sentido às condições de verdade, às palavras possíveis e aos estados de relações, as abordagens prototípicas enfatizam o sentido como parte de um sistema cognitivo maior e relacionam isso a representações mentais, modelos cognitivos e experiências corporais.

Outro tipo de prototipicidade de Fillmore (1982 apud Leacock & Ravin, 2002:15) baseia-se na idéia de que certa condição incluída no significado é mais privilegiada ou básica que as outras. Além disso, Fillmore menciona os sentidos como compostos de um conjunto de condições necessárias e suficientes que são interpretadas de acordo com um conhecimento de pano de fundo. Prototipicamente, caracteriza o grau em que a situação no mundo ou nosso entendimento dela leva a suposições que formam parte de um conceito idealizado.

Lakoff (1987 apud Leacock & Ravin, 2002:16) adota outro tipo de conceito prototípico, o qual é nele mesmo feito de múltiplas categorias simples ou modelos cognitivos. Sem mencionar a palavra polissemia, Lakoff discute o leque de sentidos que uma palavra pode ter como resultado de um processo de extensão de sentido. Assim, as extensões de sentido de conceitos radiais não são geradas de um conceito prototípico através de regras, mas sobretudo por convenções. Elas são motivadas pela metáfora e pela metonímia. Lakoff apresenta as metáforas como mapeamentos de um modelo em um domínio para uma estrutura correspondente em outro domínio sendo que aquela conhecida como a metáfora do conduto mapeia o nosso conhecimento sobre os objetos nos contêineres em conhecimento comunicativo de idéias no mundo. Esse autor vê as extensões de sentido como parte de uma organização cognitiva mais aprofundada.

Tais idéias nos levam a pensar que existe um protótipo instrínseco ao verbo *pegar*, o qual serviria de base para, inconscientemente, entendermos seus vários sentidos. E, como será proposto, há um protótipo resultado de reflexão cognitiva baseado em projeções corporais, nas noções de contêiner e de movimento.

Taylor (1989) assume que as categorias polissêmicas exibem um número mais ou menos discreto, através de sentidos relacionados, dando pistas de que há uma família de semelhança entre os lexemas. Este mesmo estudioso apontou para o fato de que os sentidos

podem ser infinitamente interligados por meio da família de semelhança. Assim, tudo acaba sendo associado a algo mais. Esse mesmo autor (Taylor, 1995) afirma que nas categorias de semelhança de família não necessariamente há uma restrição absoluta que perpassa todos os sentidos de uma mesma palavra, ou seja, através do tempo e da mudança semântica, não se pode dizer que nunca um significado X poderá se relacionar a um significado Y.

É a respeito dessas semelhanças entre os lexemas que trataremos em nosso trabalho. Assim como indicado por Taylor, não é nossa pretensão indicarmos um valor absoluto, estanque, que venha a perpassar para sempre os sentidos de *pegar*. Dizemos isso por acreditarmos que ainda muitas propostas podem ser feitas a fim de demonstrar outras peculiaridades do verbo *pegar* e, além disso, por entendermos que, no curso do tempo, um significado pode vir a se relacionar a outro ao qual ainda não esteja ligado. Talvez haja mais categorias envolvidas nas construções com este verbo. Além disso, sabemos que a ciência não é algo estanque, invariável, e afirmamos ser esta uma primeira proposta de regularidades lingüísticas, em que acredita-se que existe uma base comum a qual atinge grande parte dos vocábulos, o que nos ajuda a entender o porquê de este verbo ser tão produtivo na língua.

De acordo com Sweetser (1990), estudos mais recentes em semântica histórica têm dado destaque às regularidades na mudança semântica e têm enfatizado a mudança semântica e sua relação com a cognição. Assim, há uma preocupação em demonstrar o fato de que os vocábulos tendem a se derivar de domínios mais concretos, as noções espaciais que são ligadas às temporais etc. Com isso, tenta-se explicar como os sentidos e seus domínios são próximos um do outro e quais são suas conexões históricas. Tais estudos têm se dirigido às noções de construções metaforicamente polissêmicas e ao fato de que a metáfora funciona como uma força maior na mudança semântica. Assim, Sweetser reforça a idéia de que a metáfora opera entre domínios. Ela funciona de forma gradual e atinge todas as partes de um lugar ou de uma coisa em que os falantes descobrem uma ligação entre domínios de cognição e visão, entre tempo e espaço, dentre outros. Para a autora, apenas dizer que há uma ligação entre a cognição e a visão é insuficiente. É, porém, importante demonstrar, por exemplo, que há uma conexão metafórica que liga o vocabulário de ações físicas (ação, movimento, localização) com os domínios de estados mentais e atos de fala. O que é defendido pela autora é que somente através de um mapeamento metafórico envolvido em nossa cognição e no tratamento de estados mentais e de atos de fala, podemos dar sentido ao fato de que certos verbos de estado e movimento funcionam como fonte de vocabulário de algumas áreas de sentidos abstratos. É com esta mesma idéia que lidaremos em nosso texto, já que consideramos que a idéia da demonstração de que há uma metáfora entre os domínios físico

(corpóreos, mais concretos) e cognitivos (ligados ao processamento mental, à tentativa de compressão dos fatos abstratos em uma escala humanamente apreensível), a qual influencia na linguagem, permitindo a polissemia do verbo em estudo.

De acordo com Traugott & Dasher (2005), para analisar as diferenciações semânticas, resultado de mudanças semânticas, é necessário assumir uma teoria da polissemia. Os autores propuseram que toda mudança, em qualquer nível gramatical, não envolve A passando a B, mas, como numa realocação de um item: A passando a A semelhante a B e, às vezes, B somente, ou seja:

$$A > A \sim B > B$$

Outra característica da mudança destacada em *Semantic Change* é o fato de que os significados velhos podem se tornar restritos no registro ou podem desaparecer completamente, o que poderá ser mais à frente observado na busca etimológica da palavra. Através dessa demonstração, perceberemos que, de fato, há um certo acréscimo de mais e mais sentidos através do tempo, como demonstrado pela autora por meio do esquema:

$$(A) > (A \ B) (> B)$$

Esses novos sentidos são desenvolvidos a partir de contextos específicos e há nesses sentidos um relacionamento histórico que, ao nosso ver, diz respeito àquelas categorias que perpassam o sentido de todas as construções com o *pegar*. Em seu texto, Traugott & Dasher afirmam ser importante, para esta visão de mudança de sentido e de polissemia em particular, que um significado seja entendido como esquemático e parcialmente indeterminado sendo um “centro magnético” estabilizado, institucionalizado e prototípico que pode ser contextualmente interpretado de maneira restrita e que não pode ser visto como uma entidade discreta totalmente determinada. Assim, podemos demonstrar, através de um exemplo criado, que a polissemia é impedida em algum momento, o que é delimitado pelo “centro magnético” do lexema, como podemos perceber nestes exemplos criados:

- (1) \*Ela **pegou** suicidar<sup>9</sup>. (com sentido de começar a)
- (2) \*Eu **peguei** e vivi. (com sentido semelhante a *‘peguei e disse’*)

Em (1), vemos que a atribuição de aspecto a verbos não durativos como *suicidar* é restringida, assim como a atribuição da noção de mudança, codificada pelo *pegar* em (2), a verbos cujo sentido representa uma situação de início e término indeterminados. Essa

---

<sup>9</sup> Exemplo inventado a critério de explicação do que foi dito. Estes exemplos poderiam não ser agramaticais se os verbos fossem associados ao seu sentido metafórico, o que não é o caso proposto aqui. Assim, se considerássemos uma situação em que o falante enuncia "ela me madou aproveitar a minha vida, viver a minha vida. Então eu peguei e vivi". Neste caso, *viver* é metaforizado.

delimitação é claramente percebida ao se analisar a língua, visto que as palavras polissêmicas não se derivam de forma indiscriminada. Sendo assim, percebemos que a polissemia constitui-se num processo central para o entendimento da mudança semântica, já que é fruto de um processo de inferências motivadas. Mais uma vez fica claro que nossas hipóteses a respeito daquilo que há intrínseco no verbo *pegar* funciona como “gerador e delimitador” de novos sentidos, o que reforça a noção de que há uma base comum - ligada às categorias que consideramos básicas, mais próximas à noção concreta de *pegar*, de contêiner e movimento - para o desenvolvimento metafórico dos sentidos, o que será melhor observado no capítulo de análise de dados.

Ao pensarmos nesses processos de mudança e ao adotarmos uma perspectiva funcionalista, não poderíamos deixar de trabalhar com a gramaticalização. Isso porque, em nossos dados, encontramos sentidos de *pegar* menos e mais gramaticalizados, sendo os últimos marcadores de aspecto em uma proposição.

### **1.3- Categorização e Prototipia**

De acordo com Lakoff (1987), entender *como categorizamos* o mundo e as coisas é central para o entendimento de *como pensamos* e *como funcionamos* e, além disso, para o entendimento de *o que nos faz seres humanos*. O autor destaca que a maior parte das categorizações são automáticas e inconscientes. Normalmente categorizamos pessoas, animais e objetos físicos ambos naturais e feitos por homens. Isso, às vezes, traz a impressão de que somente categorizamos as coisas como elas são e de que as categorias mentais naturalmente seguem os tipos de coisas que existem no mundo. Porém, o que se percebe é que uma grande parte de nossas categorias não são categorias de coisas, mas sim categorias de entidades abstratas.

Para contribuir com a noção de categorização e de ligação entre as categorias, Lakoff se utiliza da teoria dos protótipos, sugerindo que a categorização humana é essencialmente ligada à experiência humana e à imaginação-percepção de atividade motora e cultura, por um lado, e de metáfora, metonímia e imagens mentais por outro. Como consequência, a razão humana depende crucialmente dos mesmos fatores e não pode ser caracterizada meramente em termos de manipulação de símbolos abstratos.

Para se notar a ligação que pode existir entre as categorias, temos que os membros que as constituem são motivados por semelhança de famílias a membros prototípicos. Assim, um

membro mais central motiva o aparecimento de um membro não central. Sendo assim, um membro não prediz a existência de outro mas o motiva.

Lakoff defende que as categorias lingüísticas, bem como as categorias conceptuais, mostram os efeitos de prototipia. Tais efeitos ocorrem em todos os níveis da linguagem, da fonologia à morfologia, da sintaxe ao léxico. Lakoff toma a existência de tais efeitos como a primeira evidência de que as categorias lingüísticas têm o mesmo caráter que outras categorias conceptuais, tornando estreitamente relacionada a noção de aproximação entre fatores cotidianos e comuns ao homem e sua ligação com a área da linguagem.

### 1.3.1- As Categorias Radiais

Relacionada à idéia de categorização e protótipos, temos a apresentação, em Lakoff (1987), das categorias chamadas radiais. Estas pressupõem estruturas radiais entre categorias, constituindo-se outra fonte de efeitos de prototipia. Dentre as categorias radiais no geral, as subcategorias menos centrais são entendidas como variantes de uma categoria mais central.

Diante de pesquisas apresentadas por Lakoff, percebe-se que Dixon, estudioso da língua aborígine Dyrbal, propõe um exemplo interessante de como a cognição humana trabalha. Para tal, ele sugere princípios gerais dos sistemas de categorização no Dyrbal, tais como: a *centralidade*, que é a propriedade dos chamados membros básicos, centrais de uma categoria; as *ligações*, as quais ligam os membros das categorias complexas uns aos outros; os *domínios experienciais*, ou seja, domínios básicos que são especificados culturalmente e que “permitem” formar ligações entre as categorias; os *modelos idealizados*, construídos sobre mitos e crenças que caracterizam as ligações entre as categorias; o *conhecimento específico*, partilhado pelos membros da comunidade lingüística; *nenhuma propriedade comum*, nem todas as categorias precisam ser definidas por conterem todas as propriedades em comum; *motivação*, os princípios gerais fazem sentido para a classificação do Dyrbal, mas eles não predizem exatamente o que as categorias serão.

Lakoff (1987) tenta, após apresentar os estudos de Dixon, propor uma análise de classificação do sistema Dyrbal. Ele divide, assim, o universo em quatro domínios mutuamente exclusivos, representados por caixas. Essas formas são chamadas de *modelos base*. Três deles têm uma estrutura interna, com elementos centrais. Os centros são indicados por quadrados. O quarto domínio, feito do que resta dos três primeiros, não têm estrutura interna. Lakoff vem mostrar que o sistema proposto difere da teoria clássica, segundo a qual

não existem características que definem o que é compartilhado entre os membros das categorias.

Ele indica que, para descrever esse sistema, necessita-se de: *um modelo base*, que especifica que existem quatro categorias distintas e mutuamente exclusivas, sendo a quarta formada pelo que não existe nas outras três; uma especificação de quais subcategorias são centrais, ou *mais típicas*, das primeiras três categorias; *um modelo de oposição básico*, que estrutura os centros em relação uns aos outros; *uma especificação dos princípios de ligação*, neste caso o domínio da experiência junto com a lista de domínios relevantes para categorização, e uma pequena lista de exceções, que são distribuídas de acordo com o modelo de oposição básico.

Lakoff observa, também, que quando as categorias são estendidas pelo tempo, no curso da história, deve existir um tipo de base cognitiva para que a extensão ocorra. E aquelas que são convencionalizadas nos sistemas devem ter sentido para os falantes que estão fazendo inovações a partir do sistema lingüístico, ou seja, do sistema cognitivo. Logo, podemos perceber que a análise radial proposta representa algo que deve estar vivo, presente, na mente dos falantes. Dixon observou que crianças aprendiam o sistema de categorias de acordo com os princípios descritos por ele, princípios correlatos à estrutura radial.

Muitos estudiosos assumem que a língua está entre as atividades características da cognição humana. Eles defendem que o sistema conceptual humano está intimamente ligado e é dependente da nossa experiência cultural e física, o que pode ser observado no exemplo apresentado por Lakoff – a língua Dyrbal. Tomasello (2003) propõe que uma das qualidades únicas da espécie é o fato de que as crianças crescem no meio de artefatos e tradições social e historicamente constituídos, o que faculta a elas beneficiarem-se do conhecimento e das habilidades acumuladas pelo grupo social. Podemos dizer, então, que se trata da noção de que, sendo o conhecimento compartilhado, este é influenciado pelo dado cultural. Com isso, Tomasello vem contribuir com a idéia apontada anteriormente por Dixon.

De acordo com Lakoff (1987), a análise apresentada indica que as categorias, como as da língua estudada, podem ser caracterizadas usando modelos cognitivos de quatro tipos:

- 1) *Modelos proposicionais*: especificam elementos, suas propriedades e o que tem a ver com ele. É o caso, por exemplo, de um modelo proposicional, como no Dyrbal, caracterizando nosso conhecimento sobre fogo que incluiria o fato de ele ser perigoso.
- 2) *Modelos de esquemas imagéticos*: especificam imagens esquemáticas, como trajetórias, recipientes, etc.

- 3) *Modelos metafóricos*: são mapeamentos de uma proposição ou esquemas imagéticos de um domínio que correspondem à estrutura de outro domínio.
- 4) *Modelos metonímicos*: são modelos de um ou mais dos tipos acima, junto com a função de um elemento do modelo do outro, modelos que representam uma estrutura parte do todo.

Tal análise nos será de grande valia na construção dos esquemas com o verbo *pegar*, os quais demonstram que as categorias são estendidas através de uma base cognitiva, ligada às noções concretas, as quais passam a figurar em noções mais abstratas. Os modelos imagéticos servirão como comprovação de que as diversas instanciações do verbo *pegar* são constituídas de uma só base comum, composta pelas categorias de contêiner e de movimento.

### 1.3.2- *Categorias Radiais, Prototipia, Semelhança de Família: vários nomes para uma mesma idéia?*

De acordo com Taylor (1989), o modelo de semelhança de famílias é uma ferramenta eficaz para explicar a estrutura de itens lexicais bastante polissêmicos. Porém, quanto a isso, alguns problemas são apresentados. O primeiro é ligado ao fato de que alguns membros das categorias de semelhança de família devem ter algumas características mais centrais dentro das categorias que outros. Entretanto, o que oferece a esses membros o *status* de se tornar central? Nas palavras de Rosch (apud Taylor, 1989), os termos básicos maximizam a informatividade das categorias: enquanto as categorias devem fundir-se em suas fronteiras, os membros prototípicos das categorias básicas são maximamente distintos. Taylor sugere que uma forma de se perceber tal categoria é, após listar os membros de uma categoria, recorrer às pessoas, as quais listam, geralmente, os mais básicos, mais centrais primeiramente.

Assim, o autor explicita que os membros centrais de uma categoria de “semelhança de família” não tem o mesmo *status* psicológico que uma representação prototípica de uma categoria monossêmica. Para algumas semelhanças de famílias, especialmente aquelas que têm uma estruturação mais limitada, deve ser viável reivindicar que um membro central compartilhe o máximo número de atributos com os outros membros. Para categorias com uma estruturação mais complexa, tal abordagem não se faz possível. Como foi percebido por outros estudiosos da linguagem e destacado em Taylor (1989:119), a estrutura atribuída para a categoria de semelhanças de família pode ser interpretada mais como uma hipótese ligada às conexões sincrônicas no conhecimento semântico do falante que em uma recapitulação em tempo real do processo.

O outro problema relacionado à categoria de semelhança de família tem a ver com a gama de significados que podem ser associados dentro de uma categoria. Essa tem sido uma grande questão já que as correntes de significados podem estabelecer ligações indiretas entre os mais diversos sentidos. Pensando intuitivamente nesse fato, vemos que as categorias, não importa quão estendidas, não podem acomodar contrários. Taylor apresenta o exemplo do *over* para demonstrar que ele não poderia se estender tanto a ponto de incluir-se no sentido de *under*.

O aparato prototípico tende a aceitar a gradualidade e a indistinção. Mas, se não é possível estabelecer parâmetros absolutos no conteúdo da categorização das semelhanças entre famílias, dever-se-ia, ao menos, ser o caso de que certas extensões de significado são mais freqüentes, mais típicas e mais naturais que outras. Em outras palavras, deve-se focar na procura de processos de extensão do significado, entre e através das línguas, mais do que tentar formular proibições em extensões de significado possíveis.

Uma última questão destacada como sendo um problema em relação às categorias de semelhança de família é ligada aos processos através dos quais coisas diferentes são associadas, o que será aprofundado pelo autor por meio de um estudo que demonstra serem a metáfora e a metonímia processos de extensão categórica. Estas já foram apresentadas em nosso trabalho.

Taylor apresenta, assim, que a noção de protótipo tem se mostrado especialmente usual nos estudos do significado. Uma distinção importante de ser firmada é entre as categorias prototípicas, as quais são estreitamente construídas e as categorias de semelhança de família – correspondente à idéia colocada por Lakoff de categorias radiais (Taylor, 1995). Uma diferença principal liga-se ao fato de que a categoria radial compreende um número de sentidos distintos de uma unidade lingüística enquanto as categorias prototípicas no sentido estrito são monossêmicas (Taylor, 1995:261). A polissemia é apresentada por Taylor (1989) como a base identificadora das categorias radiais, o que demonstra a importância deste processo no presente trabalho.

No entanto, Heine (1993) defende que os protótipos e a semelhança de famílias dão ênfase a fenômenos diferentes, levando a distintas formas de categorização. Argumenta, assim, que a semelhança de família parece ser a mais apropriada para se explicar um fenômeno atingido pelo processo de gramaticalização. Vimos, porém, que Lakoff (1987) e Taylor (1989) mostram que grande parte dos fenômenos lingüísticos podem ser estudados por meio da prototipicidade e os graus desta. Mais à frente, na análise de dados, mostraremos a importância de tais conceitos para ajudar na justificativa polissêmica do verbo em estudo.

#### 1.4- Processos de mudança e a Gramaticalização

Meillet, em *L'évolution des formes grammaticales* (1912:131 apud Gonçalves et al., 2007:19) dá o ponto de partida ao que é chamado de gramaticalização, atribuindo o nome *gramaticalização* à passagem de uma palavra autônoma a um elemento gramatical. Esse mesmo autor indica que há dois processos para o surgimento de uma forma gramatical: a gramaticalização e a analogia. Diferentemente da gramaticalização, assim, a analogia não interfere no sistema geral das línguas. Além disso, Meillet reafirma a idéia de um contínuo do concreto ao abstrato.

Todas essas idéias de mudança lingüística, associadas à gramaticalização, se encaixavam como parte da lingüística diacrônica até serem divulgados os estudos de Givón, na década de 70. Com ele, uma nova perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais foi inaugurada sob o fato de que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. Mais tarde, essa hipótese passou a aceitar novas idéias, como “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (Givón, 1979). Com isso foi postulado um *continuum* para gramaticalização:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero > discurso

A partir da década de 90, várias publicações a respeito do tema *gramaticalização* são realizadas. Heine et al (1991) introduzem uma configuração mais cognitiva para o conceito de gramaticalização, expressando que é o princípio da exploração de um significado velho para uma função nova que permite o uso de conceitos concretos para explicar conceitos gramaticais. Desta forma, o desenvolvimento de estruturas gramaticais é motivado por necessidades concretas e pelas necessidades de conteúdos cognitivos quando não há designação “adequada”. É apresentada a idéia de que existem conceitos originais formados por objetos concretos, processos e locativos que darão origem aos conceitos mais abstratos. Esses conceitos são relativos já que uma entidade denota um conceito origem somente em relação a um outro conceito mais abstrato, que pode ser a origem de outro conceito mais abstrato etc. Com isso, percebeu-se que os conceitos concretos são usados para o entendimento, explicação ou descrição de um fenômeno menos concreto. Desta maneira, Heine et al (1991) defendem que entidades mais delineadas passam a conceptualizar as menos delineadas, experiências não físicas são entendidas em termos de físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo etc. Essas funções não estão confinadas à gramaticalização, sendo característica principal da metáfora (Lakoff & Johnson, 2002). Tendo como objetivo tentar caracterizar como se dá a base, o *input* da gramaticalização, Heine et al

propõem que *Concepts* são elementos fundamentais em uma situação de fala. Pensando nisso, tem-se a noção de que elementos da experiência humana derivam-se do estado físico e comportamento do homem, de localização no corpo físico, e de outras associações. Outro conceito proposto por Heine et al (1991) é o das *Propositions*, no qual as proposições podem expressar estados ou processos que parecem ser básicos à experiência humana e que podem tornar-se predicacões lingüísticas envolvendo dois participantes, indicando, em sua maioria: (i) locativos; (ii) movimento; (iii) parte-todo; e (iv) ação.

Continuando sua explicação de como se dá a base da gramaticalização, e focando no estudo de mais um conceito – o de *transfer* -, Heine et al (1991) propõe alguns pré-requisitos como o entendimento do que é conhecido/postulado como *bleaching* e *abstração*. Os autores apontam que alguns trabalhos em gramaticalização (cf. Heine et al., 1991) fundam-se em conceitos como *semantic bleaching*, *semantic weakening* e *desemantization*. Segundo Heine et al, nesses trabalhos, a gramaticalização é vista da perspectiva do conceito-fonte que carrega “todo o significado” enquanto o *output* do processo é interpretado como vazio em relação às especificidades do conceito-fonte. Assim, sentidos complexos são reduzidos a menos complexos e, dependendo do contexto, a gramaticalização tomaria direções as quais são difíceis de serem reconciliadas com a idéia de *bleaching*. De acordo com Traugott & Dasher (2005), o sentido da fonte pode desaparecer completamente, no processo de gramaticalização, ou pode ser substituído pelo que aparece – de um ponto de vista sincrônico. Esta, porém, não é a visão assumida neste trabalho. Procuramos, desta maneira, demonstrar que em todas as instanciações do verbo há uma idéia de sentido, proveniente do sentido fonte, que perpassa as construções com o *pegar*, caracterizando a polissemia.

Da mesma maneira que o *output* da gramaticalização foi encarado, por muitos estudiosos, como mais abstrato, Heine et al desejam se utilizar da idéia de abstração para descrever a natureza dos conceitos gramaticais. Para ele, três tipos de uso deste termo interessa. O primeiro trata da idéia de *generalizing abstraction*, em que há a redução das características àquilo que é nuclear. Em segundo lugar, a *isolating abstraction* separa uma característica não necessariamente central do conceito para o processo de gramaticalização. Outro tipo é a *metaphorical abstraction*, processo que parece ser mais complexo. Ele trata de noções mais abstratas com noções mais concretas através dos domínios conceptuais. Essa é a perspectiva assumida no trabalho em questão, já que aceitamos a idéia de que a passagem da noção mais concreta à mais abstrata com as construções com *pegar*, deu-se através de processos metafóricos ligados aos domínios conceptuais básicos de movimento entre contêineres característicos das mesmas.

Com isso, Heine et al defendem que o processo de gramaticalização é metaforicamente estruturado e pode ser descrito por um processo como o que segue: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. Cada uma dessas categorias representaria um domínio conceptual que é importante para a estruturação da experiência. Assim, a estruturação linear das categorias é unidirecional e coloca o que é mais abstrato o que se encontra à direita e menos abstrato o que se encontra à esquerda. Além disso, Heine et al defendem a visão de que o processo de transferência envolvido na gramaticalização é gradual e contínuo. Desta forma, categorias como *objeto, espaço, tempo e qualidade* não estariam completamente separadas umas das outras.

Para os autores, a gramaticalização deve ser encarada como um componente discreto (metafórico, livre da pragmática) e contínuo (metonímico, dependente da pragmática). Assim, apesar de diferirem em natureza, o componente metonímico e metafórico coexistem no processo de gramaticalização.

Heine et al. (1991) pretendendo, ainda, tratar da base cognitiva da gramaticalização, buscam diferenciar o conceito de *reanálise*, o qual consistiria, em outras definições, como a mudança na estrutura ou classe de uma expressão, o que não envolveria mudança imediata ou intrínseca manifestação superficial. Assim, o conceito de *reanálise* aproximou-se muito ao de gramaticalização. Estes foram diferenciados, em sua obra, através do princípio da unidirecionalidade, peculiar à gramaticalização. Portanto, *reanálise* passa a trazer a idéia de “manipulação conceptual”, acompanhando o processo de gramaticalização, podendo, também, existir um processo sem o outro<sup>10</sup>.

Para entender o processo de gramaticalização, Heine et al destacam, ainda, que as transferências e a reinterpretação da indução contextual do processo são responsáveis pela *grammaticalization chains*, o qual reflete lingüísticamente o que aconteceu no caminho das noções de mais concreto para mais abstrato e fazem possível a reconstituição do processo. Esses *chains* vão disparar correlações com o parâmetro discursivo-pragmático de referencialidade e manipulação. Desta maneira, a máxima referencialidade seria marcada: na pessoa > no objeto > na qualidade.

---

<sup>10</sup> Ao contrário do que é proposto por Heine et al (1991)- em que a reanálise e a gramaticalização são processos mais independentes, Harris & Campbell, 1995:92 propõem que a gramaticalização é um tipo de macro-mudança que consiste, no mínimo, de um processo de reanálise, mas freqüentemente envolve mais do que uma reanálise, demonstrando a dependência entre a noção de reanálise e de gramaticalização. A reanálise, em Harris & Campbell (1995:50), é vista como um mecanismo de mudança sintática, em que há mudança da estrutura profunda do fenômeno sintático, não implicando, necessariamente, mudança imediata na sua manifestação superficial. Tal mudança na estrutura profunda implica, ao menos, em: constituição, estrutura hierárquica, rótulos de categoria, relações gramaticais e coesão.

A fim de “guiar” os estudos de gramaticalização, Lehman (1998) propõe princípios caracterizadores do estágio final de tal processo. O primeiro deles é conhecido como *paradigmatization* e caracteriza-se pelo fato de que certas formas têm tendência de formarem paradigmas. A segunda, chamada de *obligatorification*, representa o processo de uma forma que antes era opcional na língua e que se tornou obrigatória. O princípio da *condensation* representa o encurtamento das formas gramaticalizadas, enquanto o do *coalescence* representa formas adjacentes que se aglutinam. Por último, apresenta-se a idéia de que a *fixation* representa as ordens de constituintes que antes eram livres e que tornam-se fixas.

Hopper (1991) também apresenta princípios caracterizadores da gramaticalização, sendo que estes focam os primeiros estágios do processo. O primeiro princípio é conhecido como *superposição* e caracteriza-se pelo fato de novas estruturas, de funções semelhantes ou idênticas, que podem coexistir com as estruturas antigas da língua, podendo funcionar como “alternativas estilísticas” e demorando ou não séculos para serem substituídas. O segundo princípio é o princípio da *divergência*, em que um item em processo de gramaticalização, ao se tornar clítico ou afixo, mantém sua forma original, que permanece como um elemento autônomo, igualmente sujeito a mudanças. Na *especialização*, os significados semânticos de uma variedade de formas podem sofrer uma redução, e um número menor de formas assumir significados gramaticais mais gerais. Este princípio – da especialização - aproxima-se ao de *obligatorification*, de Lehman, sendo que um foca no estágio final em que a estrutura se torna obrigatória e outro, no processo. Podemos citar, também, o princípio da *persistência*, em que alguns traços originais permanecem na estrutura em processo de gramaticalização e a *de categorização*, que representa a perda de traços categoriais primários, assumindo traços secundários.

Harris & Campbell (1995) apresentam três mecanismos de mudança sintática que são chamados de *reanálise*, *extensão* e *empréstimo*. A reanálise é encarada como um mecanismo de modificação da estrutura profunda do enunciado, produzindo a reestruturação dele, como já apresentado acima em Heine et al. (1991). Já a extensão caracteriza-se pela mudança provocada na estrutura superficial, não implicando em uma modificação imediata da estrutura profunda. Este mecanismo é, ainda, apresentado como parte da analogia – similar às causas freqüentes de mudança. Por último, o empréstimo caracteriza-se por ser, diferentemente dos acima citados, um mecanismo externo de mudança. De acordo com essa visão, ocorre reanálise nas construções com o verbo *pegar*, pois há mudança no estatuto sintático dos enunciados se compararmos as ocorrências de um *pegar* mais concreto em relação a um *pegar*

discursivo, por exemplo. Veremos que em algumas construções com o *pegar* ocorre também a gramaticalização, em que um item lexical passa a um item gramatical, aspectual.

De acordo com Heine (1993:28), as expressões lingüísticas mais abstratas são derivadas de entidades mais concretas, as quais descrevem noções de localização, movimento, atividade, desejo, postura, relação ou possessão. Essas noções podem ser expressas por meio de verbos que são parte de conceitos mais complexos, chamados esquemas de evento. Além disso, Heine cita o verbo inglês *take* como prototípico do esquema de ação. Já Kutheva (1991 apud Heine, 1993) afirma que verbos entrando em processo de gramaticalização são limitados a um certo número de esquemas imagéticos como fonte-caminho-meta; contato; parte-todo etc. Esta mesma autora, afirma que, como exemplo de esquemas mais complexos estruturalmente, podemos citar o esquema serial, que consiste na seqüência de dois ou mais eventos, que diferem em seu comportamento lingüístico de outros eventos esquemáticos, especialmente quando o auxiliar e o verbo serial são finitos, ou seja, quando são flexionados em pessoa, tempo etc. Além disso, o esquema serial parece ser usado, primeiramente, para expressar categorias aspectuais e é comumente marcado pela justaposição de duas formas verbais e, às vezes, pelo ligamento, através de uma conjunção, de dois verbos. Ao pensarmos nessas características apresentadas que demonstram o que é um verbo serial, não podemos dizer que nas construções discursivas de *pegar* temos dois ou mais eventos apresentados. Ao contrário, temos apenas um evento marcado por, pelo menos, dois verbos, o que poderá ser notado por meio dos dados de fala.

Heine (2003:579) apresenta, ainda, parâmetros caracterizados como constituintes de diferentes “correntes de gramaticalização”: a dessemanticização (em contextos específicos, um item é esvaziado de sua semântica lexical, adquirindo uma função gramatical); a decategorização (características de outras categorias são assumidas); a cliticização (o verbo se desenvolve em um operador); e a erosão (há uma “perda” fonética no verbo). Os processos em que essas construções se encaixam serão analisados, mais tarde, no capítulo de análise de dados.

Martelotta (1996) afirma que a gramaticalização como um processo unidirecional em que os itens do léxico e suas construções sintáticas, em alguns contextos, assumem funções mais gramaticais. De acordo com o autor, o final desse processo caracteriza-se pela regularidade e previsibilidade do elemento lingüístico, abandonando o nível da criatividade do discurso e penetrando nas restrições gramaticais. Essas restrições, segundo Votre (1992 apud Martelotta, 1996) são ligadas às regularidades que se manifestam na organização vocabular, na regência e nas relações de atribuição de número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz para

os verbos. Considerando tais teorias, percebemos em nossos dados que essas características indicam uma construção com *pegar* ainda em processo de gramaticalização, já que esta provoca, em alguns casos, mudança na organização vocabular e não mais rege um complemento, mas é precedida de um outro verbo com mesmo número, tempo, modo e pessoa. A marcação de aspecto por meio do *pegar* é pouco encontrada nos nossos dados, como podemos ver em um exemplo coletado por nós e apresentado abaixo. Neste exemplo percebemos a marcação de aspecto iterativo, além da noção inceptiva as quais serão especificadas no estudo do *pegar aspectual*. Veja que, ao procurarmos um sinônimo para o *pegar*, encontramos, por exemplo, o verbo *começar*:

- (3) INQ:Nossa, então foi um susto pra senhora.  
INF:Ah...custô pra melhorá...o calombo dele, aí eu **peguei passá** é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu.  
INQ:E, mas ele tomô o remédio de farmácia ? (Corpus Conceição de Ibitipoca – MANEU)

Como vimos, a gramaticalização é estudada por diversos autores e tem se mostrado como um processo eficiente de análise lingüística. Por meio das “pistas” aqui apresentadas, podemos ressaltar que a gramaticalização demonstra o caráter dinâmico da gramática, representando as constantes mudanças da língua que são conseqüências de buscas incessantes dos falantes de estruturação de novas expressões adequadas às diferentes situações comunicativas. Logo, o processo de gramaticalização não pode ser encarado como algo repentino, mas sim, gradual. Este processo e os princípios que o envolvem mostram-se, assim, como um instrumento necessário à análise lingüística aqui desenvolvida e será retomado na análise de dados.

Tanto aqueles *pegar* mais gramaticalizados quanto os que portam sentido mais básico podem se relacionar dentro do conceito de polissemia, o qual já fora apresentado. Isso se dá pelo fato de esse verbo conter em si uma noção de movimento entre contêineres e, ainda, uma idéia de contêiner relacionadas cognitivamente para formar a polissemia do verbo<sup>11</sup>. Ao se pensar em gramaticalização e em seus estágios, deve-se também levar em consideração os usos lexicais do verbo. Afinal, como em alguns desses estágios se fala em *perda*, *enfraquecimento e desbotamento semântico*, deve-se saber a partir de que ocorreu tal *perda*, ou seja, deve-se conhecer o sentido básico ou mais comum do verbo. Mas como perceber tal sentido? Quais as pistas que nos indicam a ele neste trabalho? Em que medida tais sentidos nos levaram a uma noção esquemática mais básica ligada à cognição? Tais perguntas não

---

<sup>11</sup> Estudos de Lakoff, Johnson, Taylor e Stefanowisch embasaram a pesquisa com relação às categorias cognitivas e esquemas que demonstram a polissemia verbal.

servem apenas em parte para os estudos de gramaticalização. Elas servem, ainda, e, podemos dizer, com mais vigor, nos estudos da polissemia, que é o foco do trabalho. E são, então, essas perguntas que visamos a responder no próximo capítulo.

## 2- O PEGAR SOB A ÓTICA DA SEMÂNTICA

### 2.1- Em Busca de um Sentido Mais Básico

Inicialmente, ao buscarmos pelos sentidos mais básicos, comuns, lexicais do *pegar*, os quais poderiam ser indicadores de alguma regularidade dentro da polissemia, procuramos pelo sentido do verbo conforme indicado no dicionário Houaiss (2001) e no Aurélio (2001). Assim, acreditamos que iríamos encontrar, ainda, semelhanças entre o sentido etimológico do verbo e seu sentido usual. Com isso, além de checarmos e refletirmos se regularidades havia entre o sentido lexical e gramatical, observamos a etimologia do verbo, a qual acreditávamos poder ser fonte de indícios lingüísticos para a pesquisa.

Apresentamos abaixo os sentidos depreendidos no Houaiss e, em seguida, no dicionário Aurélio, a fim de esclarecer o que de fato é proposto:

**PEGAR:** v. (sXIV cf. FichIVPM) **1 t.d.,t.i.** segurar; prender segurando <p. a (ou na) xícara> <pegou o ladrão> <p. pelo pé> **2 t.d.bit.int. e pron.** fixar(-se), aderir, colar <é preciso p. o papel (à parede)> <o feijão pegou (no fundo da panela)> <este papel não pega> <a roupa pegava-se ao corpo> **3 int.** lançar ou criar raízes <a roseira finalmente pegou> **4 int.** firmar-se, estabilizar-se, funcionar bem, ter continuidade <a moda pegou> <a chuva pegou> <a proposta pegou> <o motor pegou> <esta desculpa não pega> **5 int.** começar a funcionar, dar a partida <o carro a álcool custa mais a p.> **6 t.i.** começar, principiar <de madrugada pegou a chover> **7 t.d.** alcançar, encontrar, atingir <a chuva pegou os romeiros na estrada> <ele não pegou o espetáculo no início> <não pegou a época dos bondes> <o carro deles era rápido e nos pegou logo> **8 t.d.** atropelar, chocar-se com, bater contra <o carro pegou a moça> <o trem pegou o ônibus no cruzamento> **9 t.d.** (sXV) ir buscar, apanhar alguma coisa ou alguém <vou p. a chave> <ela vem nos p. aqui> **10 int.** transmitir-se por contato <esta doença pega> <o fogo pega facilmente no mato seco> **11 t.d.bit.int. e pron.** adquirir ou transmitir(-se) por contágio, ou por influência <pegou um mau hábito> <pegou gripe da (ou na) namorada> <essa gripe pega(-se) facilmente em crianças> **12 t.d.,t.i.** assumir obrigação, começar a fazer <p. o (ou no) serviço> <p. uma tradução para fazer> **13 pron.** apegar-se a, agarrar-se com alguém <ele pega-se por horas com qualquer pessoa> **14 pron.** valer-se de; apegar-se <pegou-se ao parecer do especialista> **15 t.d.** conseguir, obter, alcançar <pegou um bom emprego> <pegou um lugar na frente> **16 t.d.** chegar a; atingir <as laranjas para exportação ainda não pegaram um bom preço> **17 t.d.** captar som e/ou imagem <naquela área, a televisão só pega alguns canais> <o rádio não pega a FM fora da cidade> **18 t.d.** ganhar, abiscoitar <pegou uma fortuna na loteca> **19 t.d.** surpreender, encontrar <pegou a mulher em flagrante> <a notícia me pegou desprevenido> **20 t.d.** tomar veículo <pegou o avião> <pegou a moto e saiu> **21 t.d.** seguir caminho ou direção <pegou a avenida> <vou pegar a rua da esquerda> **22 t.d.** B *infrm.* deslocar-se para um lugar; ir <p. uma praia> <p. um cinema> **23 t.d.** compreender, perceber <esse menino pega o que ouve> <ela pega tudo o que lhe ensinam> **24 t.d.** abranger, incluir, compreender <o programa do curso de arte não pega o Modernismo> **25 t.i.** ser contíguo, entestar, comunicar-se, ter algo em comum <as plantações de café pegavam com as de soja> <a simpatia pega com o amor> **26 pron.** brigar, desentender-se; discutir, debater <pegaram-se em plena rua> <começaram a discutir e acabaram pegando-se> <pegaram-se numa discussão interminável> <pegaram-se de (ou aos)

*socos*> **27 pron.** pedir proteção a, rezar a <na hora do perigo, pega-se com todos os santos> **28 t.d.** ser condenado a <pegou dez anos de cadeia> **29 int. e pron.** apresentar dificuldade, atrapalhar, emperrar; empacar <os preços pegam neste negócio> <este cavalo pega-se> **30 t.d.** B.N.E. fazer o parto <o médico já pegou a criança> **31 pron.** BA encontrar diamantes □ **p. bem** B *infrm.* ser (gesto, comportamento, dito) bem recebido <pega bem levar flores para a anfitriã do jantar> □ **p. de** empunhar, segurar <pegou da faca e partiu para atacar o desafeto> □ **p. mal** B *infrm.* ser (gesto, comportamento, dito) mal recebido <pega mal falar alto em recintos elegantes> □ **é p. ou largar** **1** aceitar ou rejeitar **2** não fazer abatimento □ **GRAM a)** no Brasil, este verbo tb. é empr. como auxiliar, com a prep. *a* mais o inf. de outro verbo, para indicar a idéia de 'início ou insistência de ação' (aspecto incoativo) [ver *aspecto ling*]: *pegou a chover que não acabava mais* **b)** *pegar* apresenta duplo part.: *pegado*, *pego* (cf. etim de <sup>2</sup>*pego*) **c)** na acp. **29**, o empr. pron. é obsl. □ **ETIM** lat. *pico, as, ávi, átum, áre* 'sujar(-se) com breu ou piche, impregnar(-se) de breu ou piche; ter em si, trazer para si', der. de *pix, icis* 'pez, piche'; é voc. român. de complexa ampliação semântica, a partir do signf. restrito de orig. lat.; ver *peg-*; f.hist. sXIV *pegar* 'fixar', sXV *pegão*, sXV *peguar* 'apanhar' □ **SIN/VAR** ver sinonímia de <sup>2</sup>*colar, colher, prender, segurar e tomar* □ **ANT** *despegar*; ver tb. antonímia de *tomar* e sinonímia de *libertar e soltar* □ **HOM** *pega*(3<sup>a</sup>p.s.)/*pega*(s.f., s.m., s.2g., interj. e adj.2g.); *pega* /ê/ (f.part.irreg.)/ *pega* /ê/ (s.f., s.m. e adj.2g.); *pegas*(2<sup>a</sup>p.s) e *pegas* /ê/ (f.pl.part.irreg.)/ *pegas* /ê/ (s.m.2n. e pl.*pega* /ê/ [s.f.s.m. e adj.2g.] e *Pegas* /ê/ (antr.); *pego*(1<sup>a</sup>p.s.) e *pego* /ê/ (part.irreg.)/ *pego* /é/ (s.m.) e *pego* /ê/ (s.m.) (HOUAISS, p. 2167, 2001[negrito nosso])

**Pegar:** [Do lat. *picare*, 'untar de pez'.] Verbo transitivo direto. 1.Fazer aderir; colar, grudar: *Pôs a carta no correio sem pegar os selos.* 2.Agarrar, prender, segurar: *Pegou descuidado a louça, deixando-a cair; Correu e pegou o fugitivo; O goleiro pegou a bola tranqüilamente.* 3.Adquirir (enfermidade) por contágio, por debilidade orgânica, etc. 4.Adquirir, contrair, criar: *pegar um mau hábito.* 5.Subir ou instalar-se em (uma viatura qualquer), para nela viajar; tomar: "Poucos dias depois peguei o trem para Três Lagoas." (Raul Bopp, *Putirum*, p. 196); "tratei de pegar o primeiro vapor do Lóide que passava, para regressar a Belém." (Id., *ib.*, p. 217). 6.Apanhar, pescar: *Já ia desistir da pesca, quando pegou um belo robalo.* 7.Buscar, apanhar: *Vá pegar o meu terno na tinturaria.* 8.Perceber, compreender, pescar: *Pega facilmente tudo quanto lhe ensinam.* 9.Chegar a tempo de estar presente a, ou tomar parte em; chegar à hora de: *Saiu tarde, e quase não pegou a solenidade; O engarrafamento do trânsito não lhe permitiu pegar a sessão; Indo agora, ainda pego o almoço.* 10.V. *alcançar* (9): "ainda peguei a Lapa, com os cabarés, mulheres e malandros famosos, cafés ruidosos" (Nestor de Holanda, *Memórias do Café Nice*, p. 153); *Pegou o Rio do Encilhamento; Não é nada moço, ainda pegou a saia-balão.* 11.Conseguir, obter, alcançar: *Pegou um bom emprego; É um malandro: pega boas mulheres.* 12.Chegar a; atingir, alcançar: "Estava pegando um século quando entrou a caducar." (Graciliano Ramos, *Angústia*, p. 11); "O café pegava preço, o açúcar também, e todo ano eram novas levas de colonos a vir caçar serviço na fazenda." (Mário Palmério, *Chapadão do Bugre*, p. 25). 13.Captar som, imagem: *Minha TV não pega todos os canais.* 14.Ser atingido por; receber: *Pegou muita chuva no caminho.* 15.Atacar; investir: *O boi da cara preta não pega ninguém.* 16.Ganhar, lucrar; abiscoitar: *Pegou uma bolada na transação.* 17.Aceitar fazer, comprometer-se a realizar (um trabalho ou tarefa): *Por falta de tempo, não pegou a tradução que o editor lhe ofereceu.* 18.Abranger, compreender: *O volume V daquela história pega o século XVI e parte do XVII.* 19.Ser condenado a: "Estripador de Yorkshire pega prisão perpétua" (*Jornal do Brasil*, 23.5.1981). 20.Ser alvo de (prêmio ou punição): *Pegou um prêmio na loteria; Pegou uma sentença de 10 anos de prisão.*

21.Seguir por (determinada direção): *Dobre à direita e pegue a Avenida Rio Branco.*  
 22.Bras. N.E. Pop. Fam. Fazer o parto de (criança); apurar: *A parteira já pegou três filhos do meu amigo.* Verbo transitivo circunstancial. 23.Pegar (16): “— Boa tarde, mestre Zé, Dona Sinhá hoje pegou quatro mil-réis no coelho.” (José Lins do Rego, *Fogo Morto*, p. 40.)  
 24.Pegar (19): *Pegou 30 anos de cadeia.* 25.Ser ou estar contíguo; confinar; convizinhar: *A casa pega com o convento.* 26.Fixar-se, agarrar-se: *O xarope pegou no fundo do vidro.* Verbo transitivo direto e indireto. 27.Receber; adquirir, por imitação, emulação, etc.: *Pegou do irmão a mania das coleções.* 28.Transmitir, comunicar, por influência: *O pai pegou-lhe o gosto das boas leituras.* 29.Apanhar de improviso; surpreender: *Pegou o ladrão em pleno furto.* Verbo transitivo direto e circunstancial. 30.Fazer aderir; colar, grudar: *Pegou os selos na carta.* Verbo transitivo indireto. 31.Agarrar; segurar; tomar: *Pegou no que era seu e foi-se embora;*  
 “Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as bem” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 15). 32.Ser vizinho, próximo, semelhante, análogo; convizinhar: “havia nos gestos de Gonçalves alguma coisa que pegava com o respeito.” (Machado de Assis, *Relíquias de Casa Velha*, p. 120). 33.Começar, principiar, entrar: “persignou-se, levantou-se e pegou a vestir a roupa.” (Bernardo Élis, *Veranico de Janeiro*, p. 34).  
 34.Principiar a fazer, a executar: *Ainda não peguei no trabalho que há um mês me encomendaram.* Verbo intransitivo. 35.Ficar aderente; colar-se, grudar-se: *O melado, onde cai, pega.* 36.Lançar ou criar raízes (uma planta): *O caquizeiro que eu plantei pegou.*  
 37.Agarrar-se, fixar-se. 38.Generalizar-se, difundir-se: *Certas modas não pegam.*  
 39.Funcionar; trabalhar: *Está frio e o carro não pega.* 40.Produzir resultado; surtir efeito; colar: *Seu estratagema não pegou.* 41.Ser acreditado; ser levado a sério: *Arranje outra conversa, esta não pega!* 42.Inflamar-se; acender: *A fogueira demorou a pegar.* 43.Ser contagioso: *Evite o Carlos: aquela doença pega.* 44.Aderir ou grudar a recipiente: *Ao ser cozido, o arroz pegou.* 45.Bras. Mar. G. Sair mal (um empreendimento): *O exercício pegou, já que a munição foi insuficiente.* Verbo pronominal. 46.Ficar aderente; unir-se.  
 47.Comunicar-se, transmitir-se. 48.Limitar-se, confinar-se. 49.Procurar arrimo, proteção, em; apegar-se: *Denunciado, pegou-se com todos os santos.* 50.Desus. Não querer andar (animal); empacar. 51.Bras. BA Encontrar diamantes. 52.Discutir; brigar: *Os torcedores do Fluminense pegaram-se por causa da escalação do time; Os marginais pegaram-se e um saiu ferido.* [Conjug.: v. *regar*, mas tem dois part.: *pegado* e *pego*. Pres. ind.: *pego, pegas, pega*, etc. Part.: *pegado* e *pego* (é) ou *pego* (ê). Cf. *pego* (ê), *pega* (ê), e *pegas* (ê), e o antr. *Pegas* (ê).]

Pegar bem. 1. Bras. Gír. Ser (ação, dito, atitude, etc.) bem recebido ou aceito: *O discurso pegou bem.* [Antôn.: *pegar mal*.] Pegar de. 1. Segurar, empunhar: “À noite pegou da cesta e saiu para o trabalho.” (Nélio Reis, *Subúrbio*, p. 62.) Pegar mal. 1. Bras. Gír. Ser (ação, dito, atitude, etc.) mal recebido ou mal aceito: *Essa medida pegou mal.* [Antôn.: *pegar bem*.] Pegar-se a. 1. Valer-se de. Pegar-se com a. 1. Implicar com (alguém). É pegar ou largar. 1. Expr. us. para indicar que não se faz abatimento no preço da mercadoria, ou não se alteram as condições de uma transação. (Dicionário Eletrônico Aurélio, 2004)

Como indicado pela etimologia mais especificada do verbo, apresentada no Houaiss, o verbo, originalmente, está ligado à idéia de “sujar(-se) com breu ou piche, impregnar(-se) de breu ou piche; ter em si, trazer para si”. Esses sentidos, em especial o último apresentado, trazem a noção de que há um movimento (e conseqüente mudança, já que quando se move de um contêiner para o outro, muda-se) entre os participantes da predicação. Isso porque ao

trazer para si, quem traz, o que é trazido ou ambos podem ser movidos na direção desejada, a um contêiner desejado e/ou específico. A partir dessa noção, analisamos as construções com o verbo *pegar* do ponto de vista do *movimento entre* contêineres estabelecida entre predicadores ou participantes do discurso. O que poderá ser percebido na análise de dados é que há uma continuidade de sentidos que permeiam os diversos significados de *pegar*, demonstrando o fato de que estamos lidando com um verbo polissêmico, em que, independentemente das instanciações, teremos uma idéia básica que se manteve com o passar do tempo. Como vemos, se faz necessário esclarecer aquilo que por nós é considerado contêiner e, mais à frente, qual a relação que esta categoria pode estabelecer com o nosso tema.

## **2.2- Categorias de Movimento e Contêiner no *Pegar***

De acordo com Johnson (1987), Lakoff (1987) e Lakoff & Johnson (2002), as categorias mentais e lingüísticas não são categorias abstratas, desencarnadas ou independentes dos seres humanos. Essas categorias são criadas com base em nossas experiências concretas, tendo como limites os nossos corpos. Sendo assim, esses lingüistas perceberam que os seres humanos conceptualizam um gigantesco número de atividades em termos de contêineres. Johnson (1987:35) apresenta que o ponto central em relação à esquematização dentro-fora, a qual é ligada à noção de contêineres, é que elas emergem primeiramente em nossa experiência corporal, na nossa percepção e no movimento. Como será no presente trabalho abordado, esta noção de movimento (aspecto básico da experiência humana, do qual diversos esquemas se derivam) e de contêineres estão presentes, implicitamente, nos momentos em que utilizamos as mais diversas instanciações do verbo *pegar*.

Lakoff (1987) define que o esquema do contêiner é aquele criado para demonstrar as relações ligadas a uma fronteira que distingue interior de exterior. Esta idéia de uma categoria que define distinções de DENTRO-FORA seria baseada em nossa experiência concreta, em que nossos corpos funcionam como contêineres que têm a capacidade de inserir ou expelir algo de ou para dentro do mesmo. Ao conceptualizarmos os nossos corpos como contêineres, associamo-nos a muitas experiências diárias e, conseqüentemente, diferenciações semânticas podem ser acarretadas a partir dessa categoria. Essa noção de contêiner/recipientes é naturalmente adotada pelos seres humanos, já que, nas palavras de Lakoff:

Nós somos seres físicos, demarcados e separados do mundo pela superfície de nossas peles; experienciamos o resto do mundo como algo fora de nós. Cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora.

Nós projetamos a nossa própria orientação dentro-fora sobre outros objetos físicos que são delimitados por superfícies. (Lakoff, 1987:81)

Lakoff, 1987 (apud Lindner, 1982), observa que existem muitas metáforas baseadas no esquema do contêiner, sendo que elas somente são entendidas devido à nossa percepção corporalmente baseada. Com isso, um grande número de conceitos abstratos formados a partir da noção de contêiner podem constituir-se em inovações lingüísticas, como defendemos ser o caso do verbo *pegar*. Desta maneira, os nossos corpos e as coisas podem funcionar como contêineres, os quais são estruturados com elementos que representam o interior, a fronteira e o exterior. O nosso corpo poderia, então, demarcar a fronteira entre o que está dentro ou fora do mesmo. Da mesma forma, as paredes (limites, fronteiras) de um quarto delimitariam o que está contido dentro ou fora dele. Desses exemplos mais concretos de contêineres, surgem metáforas simples, apontadas por Lakoff (1987), as quais tornam-se freqüentes no nosso dia-a-dia. Como típico de uma noção mais abstrata de contêiner, podemos citar o fato de o campo visual poder ser entendido como um contêiner em que as coisas estão dentro ou fora desse campo. Assim, também, um relacionamento pode ser entendido como um contêiner, já que uma pessoa pode “pular fora” de uma relação que se tornou desagradável. A noção de contêiner não é, então, uma conceptualização apenas muito concreta, mas tal recipiente surge com uma noção mais abstratizada quando observamos os dados. Lakoff & Johnson (2002) aceitam tal idéia e afirmam que:

Nós conceptualizamos nosso campo visual como um recipiente e conceptualizamos o que vemos como se estivesse dentro desse recipiente. Até mesmo o termo “campo visual” sugere isso. A metáfora é natural, pois se origina do fato de que, quando olhamos para algum território (terra, chão etc.) o nosso campo de visão define uma demarcação do território, no caso, a parte que podemos ver. (...)

Eventos e ações são metaforicamente conceptualizados como objetos, atividades como substâncias, estados como recipientes. (...)

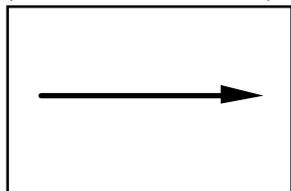
Atividades de um modo geral são vistas metaforicamente como substâncias e, conseqüentemente, como recipientes.(...) Muitos tipos de estados também podem ser conceptualizados como recipientes. (Lakoff & Johnson, 2002:81-85)

Outro esquema básico para a nossa análise – e que já vem sendo destacado – é o esquema do *movimento*. Como sabemos, movimentar-se é uma ação comum ao homem. Através dessa ação, criamos imagens conceptuais que são refletidas lingüisticamente. Tal esquema foi tratado por diversos estudiosos das línguas, dos quais podemos citar Lakoff (1987), Johnson (1987), Taylor (1989), Stefanowitsch (1999) e Talmy (2000). Além disso, como já foi acima apresentado, Traugott & Dasher (2005) tratam da noção de movimento como um domínio conceptual que auxilia na explicação dos processos de mudança semântica e gramaticalização. Já Heine (1993) vê o movimento como um processo básico da experiência

humana, o que demonstra a importância desse processo para a interface com os estudos lingüísticos e, em especial, para os estudos com o verbo *pegar*.

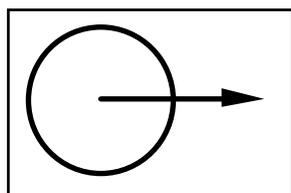
Depois de expostas essas idéias, podemos considerar que o esquema do contêiner se faz naturalmente em nossas mentes justamente por se tratar da experiência corporal dos seres humanos, o que caracterizaria essa categoria como mentalmente intrínseca ao processamento cognitivo, não diferentemente do que ocorre com o movimento. Com isso, entendemos ser de fundamental importância a compreensão do esquema do contêiner e do movimento como categorias essenciais para demonstrar, de maneira ilustrativa, os processos criados por nossas mentes. Stefanowitsch (1999), ao tratar das construções com GO-AND-VERB, partiu de um esquema do movimento e do contêiner para ilustrar em que medida os sentidos veiculados por essa construção derivaram-se de processos metafóricos. Observem-se abaixo dois dos esquemas que foram apresentados pela autora:

(a) Go (The motion schema)



Stefanowitsch (1999:3)

(b) Go out



Stefanowitsch (1999:7)

O primeiro esquema indica apenas o movimento previsto pelo verbo. Já o segundo associa o movimento a uma noção de contêiner, em que *go out* prevê que se saia de um determinado contêiner e que isso só será realizado através da ação de movimentar-se – a qual é indicada pela seta.

Nesse caso específico, os diversos sentidos das construções do *pegar*, como demonstraremos, são baseados em esquemas comuns de categorização (que têm como base o esquema em foco e a noção de movimento), o que justifica o caráter polissêmico das construções. Acreditamos que tais pistas – de movimento e de contêiner – façam parte do

esquema imagético do verbo. A noção de que, para haver movimento, há a necessidade de movimento para contêiner, é a idéia que cremos permear a estrutura conceptual que envolve o verbo *pegar*.

### **2.3- Pegar no Discurso e Sua Interface com os Verbos Transferenciais**

De acordo com Halliday (1994), a linguagem humana permite aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade. Com isso, a cláusula figura um papel central já que incorpora um princípio geral para processar a experiência humana, o que é chamado de “processo”. Acima de tudo, Halliday propõe que a cláusula é um modo de reflexão e uma forma de impor ordem à variação e ao fluxo infinito de eventos. Isso é atingido por meio de um sistema gramatical nomeado transitividade. Segundo o autor, o sistema de transitividade constrói o mundo da experiência por meio de um grupo de tipos processuais. Com isso, Halliday delimita os tipos de processo em grandes grupos conhecidos como materiais, mentais e existenciais. Esses seriam os tipos principais marcadores do sistema transitivo na língua inglesa. O estudioso ainda reconhece três categorias que podem participar desses processos, porém em uma espécie de limite entre os tais. Entre os processos material e mental, estão os comportamentais; entre os mentais e relacionais, os verbais; e entre os relacionais e materiais, encontramos os existenciais.

O lingüista reconhece que não existe uma prioridade entre um tipo de processo sobre outro. Entretanto defende que há uma ordenação entre eles e que, na tentativa de uma esquematização, eles formariam um círculo de relação e não uma linha. Na tentativa de tornar-se mais claro, o autor utiliza a analogia das cores: a gramática construiria as experiências como uma caixa de cores em que o vermelho, o azul e o amarelo seriam cores primárias e o roxo, o verde e o laranja ocupando as bordas. As cores, assim como os tipos processuais não devem ser vistos como um espectro, em que há o vermelho em uma ponta e o violeta na outra. Essas idéias são melhores observadas através da Figura 1.

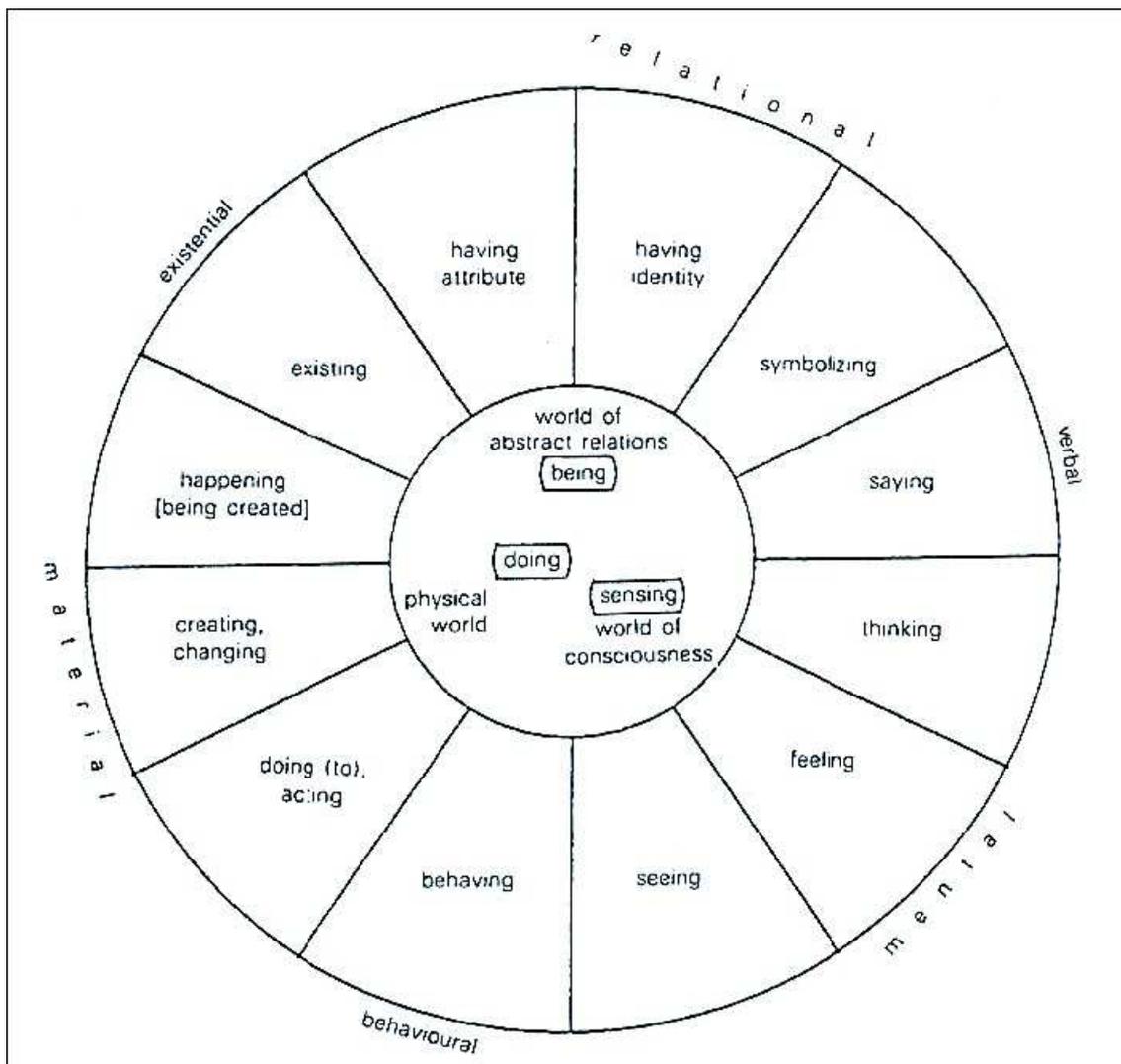


Figura 1: Sistema de Transitividade (Halliday, 1994:108).

Cabe comentar, ainda, neste momento, que as construções com o verbo *pegar* podem se encaixar na proposta de Halliday (1994) como entre o tipo de processo mental (representado pelo sentir, pensar e ver) e o material (que traz a idéia de ação, “do fazer” e, ainda, do “criar, mudar”) – o que pode ser visto em (4) e (5) -, demonstrando que as construções como as abaixo citadas demonstram uma relação discursivo-pragmática que as diferencia das construções anteriores – observem-se os exemplos (6) e (7)<sup>12</sup>:

- (4) INF.- Eh...aí desde novinho ele já...assim...gostava de cantá...queria que eu fosse músico, me jogava ali naquele meio...ficava olhando a música...aí fui olhando, tal, cabô que um dia, aprendi...de ouvido mesmo...é até uma coisa inexplicável, né?  
AUX.- Desde pequeno já...**pegando**, né? (Corpus Conceição de Ibitipoca – Walt)
- (5) Eles ainda iam **pegar** olha só, eles ainda **pegaram** o projeto, não a gente faz sim, a gente [não vai ( ) esse projeto. A gente faz esse projeto] em cima disso daqui ( Procon JF- A. G.)

<sup>12</sup> Esses exemplos são nossos, retirados dos corpora analisados na presente pesquisa.

- (6) Não é forro liso igual a gesso teto ia fazer ((barulho do aparelho de som)). Era morrendo no teto lá em cima. Eu **peguei** e falei com ele, "ó eu quebrei aqui que vou ter que passar a fiação" (Procon JF – A. G.)
- (7) Mas eu sô muito medrosa, na mesma hora que eu tô doente eu já num tô aqui mais...eu **pego** entro dentro do ônibus e vô embora (Corpus Conceição de Ibitipoca – Apa)

O que observamos nos dados com o verbo *pegar* é que, quando o mesmo vem acompanhado de um verbo (V1 e V2), ocupando a posição que seria de objeto direto (o *pegar* discursivo, estudado como aquele das construções CFF's, em Rodrigues 2006), temos, na posição de V2) verbos que se encaixariam em dois grupos propostos acima: o do processo verbal e o do material.

Com isso, entende-se que temos nesse tipo de construção com o ***pegar* no discurso** dois agrupamentos diferentes. Sendo assim, separamos os mesmos em duas classes:

1<sup>a</sup> ⇒ o verbo *pegar* + verbos dicendi

2<sup>a</sup> ⇒ o verbo *pegar* + verbos de ação

Interessante é notar que entre esses verbos de ação ainda encontramos um sentido que se mostra comum às construções: a noção de movimento entre contêineres (caracterizado pela metáfora "movimento entre contêineres é mudança"). Essa noção de movimento também é comum nos verbos de ação, especialmente aqueles que foram encontrados nos dados por nós analisados. Dentre eles, encontramos “entrar, mostrar, dar, vender, engolir, ganhar e pôr”. Todos eles pressupõem uma idéia de movimento para contêiner, seja ele mais ou menos abstrato, em que há apenas uma noção de posse que pode ser ligada à idéia de contêiner. Um exemplo disso é o verbo “dar”, por exemplo, que traz a idéia de que “quem dá, dá algo a alguém”, indicando que no alvo final há um movimento entre contêineres e aquele que recebe o que é dado, tem posse sobre ele e o tem em seu contêiner. Não diferentemente, com as construções de *pegar* + *dicendi* parece haver um movimento, uma mudança de turno de fala em que o alvo é representado pela oração encaixada realizada por meio dos de verbos como “dizer e falar”.

Segundo a Metáfora do Conduto, de Reddy (2000), os seres humanos têm a capacidade de comprimir significados em formas lingüísticas, transferindo-os através de um canal (ou conduto) ao seu interlocutor, o qual, por sua vez, deve realizar a descompressão de tais significados a partir de seu conhecimento das formas lingüísticas. A noção de linguagem como conduto aproxima, portanto, os verbos *dicendi* dos *transferenciais* uma vez que, assim

como transferir um objeto a alguém significa impulsioná-lo através de uma trajetória, dizer algo ao interlocutor é enviar significados comprimidos em palavras por meio de uma trajetória.

Outro aspecto relevante diz respeito a que se levarmos em conta o fato de que *pegar* é um verbo transitivo que seleciona um agente (o pegador) – que costuma ocupar a função de sujeito - e um paciente (o que é pegado) – com a função de objeto direto – entendemos que, no momento em que se abre um *slot* nesta última função, esta passa a ser ocupada por orações com verbo dicendi ou verbo de ação no caso da construção em evidência.

Interessante é notar, ainda, que algumas construções demonstram certa ambigüidade de sentido, podendo apontar para um caso de um processo lingüístico que está em curso entre dois tipos de construções diferentes – aquelas de *pegar* com complemento objeto direto e as outras seguidas de um verbo -, como podemos ver abaixo:

- (8) **INQ:** É? Já teve que tomá, né ?  
**INF:** Bebe diária (risos).  
**INQ:** É? E aí tem que pô pa boca abaxo, como qu'ele toma?  
**INF:** Ele agora já, bebe sozinho porque a mãe põe a chinela na mão e ele **pega** e engole tudo (risos), com a cara ruim vomitano, mais vai engolino (risos).  
(Conceição de Ibitipoca – Maneu)

Do exemplo acima, podemos depreender dois tipos de construções: “ele pega o remédio e engole” ou “ele pega e engole” como uma única construção. No primeiro caso temos “remédio” ocupando a função de objeto direto e, no segundo, temos uma oração “engole tudo”, coordenada àquela com o verbo *pegar*. Ainda de acordo com Fauconnier e Turner (2002), entendemos que, nas construções em uma mesclagem oportunista, a tendência é de que sejam mescladas construções com valores semelhantes, o que é atestado no caso em destaque. Desta forma, o *pegar* que, como defendido, traz consigo uma noção de *movimento entre contêineres* se mescla nos casos de “pegar no discurso” com outros verbos que apresentam essa mesma característica.

A respeito, ainda, desse mesmo tipo de construção, não podemos deixar de citar trabalhos como o de Stefanowitsch (1999) e Rodrigues (2006).

Stefanowitsch (1999) estudou uma construção do inglês intitulada como “go-and-verb”. O estudo dessa autora focaliza as análises semânticas da construção. Sendo assim, defende que essas construções, presentes em inglês, são motivadas por uma combinação de propriedades esquemáticas do verbo ir (go) e é mais ainda especificada semanticamente pelo segundo verbo em uma questão particular. Dessa forma, as propriedades do esquema imagético evocados por *go* se misturam com a estrutura de evento do segundo verbo, permitindo ao falante construir o evento do segundo verbo de acordo com o sentido imagético

de *go*. A autora cita que o segundo verbo da construção é aquele que mais “carrega” o sentido da construção. Stefanowitsch propõe que o verbo *ir* e outros verbos de movimento são usados para impor a idéia de movimento em um verbo estativo ou dar a verbos de movimento uma orientação dêitica. Além disso, esses verbos podem funcionar como marcadores de tempo e aspecto na construção.

No estudo da construção *go-and-verb* no inglês, Stefanowitsch observou que existem alguns sentidos que são mais comuns à construção através das línguas. Dentre eles, a autora destacou que tal construção pode expressar: movimento atual através do espaço; desaprovação, desapontamento; avaliação de uma ação como estúpida ou sem sucesso; surpresa, mudança brusca na narrativa; procedimento sem prestar atenção nos outros, não ligando para os obstáculos; ação contínua, aspecto progressivo/aspecto habitual.

Com isso, notou-se que o verbo *ir* não é usado arbitrariamente e sim que há uma sistematicidade através da língua. A fim de demonstrar tal sistematicidade, a autora se utiliza dos esquemas imagéticos de Johnson (1987). Estes são esquematizações de padrões gerais que abstraímos a partir das nossas experiências de movimento do corpo no espaço e da manipulação de objetos, por exemplo.

Desta maneira, a partir da apresentação do esquema de movimento e seus três subtipos (movimento estendido, divergência e obstáculos em potencial), mostra que os esquemas imagéticos podem ser equacionados com o sentido das palavras; assim, a semântica de uma palavra vai relacionar mais de uma estrutura esquemática. A autora, ainda, afirma que os esquemas imagéticos podem ser estendidos a estruturas mais abstratas via metáforas conceptuais. Com isso, metáforas como “processos são movimento” e, uma chamada submetáfora, “mudança é movimento” ilustram essas construções. Tais noções convergem com o tratamento que está sendo dado aos nossos dados com o *pegar*, em que o movimento entre contêineres tem sido encarado como uma mudança.

Por meio de esquemas, a autora tenta demonstrar nossos processos cognitivos de construção do sentido, em que os esquemas imagéticos são mesclados. Segundo a autora, esse tipo de mescla não é, ainda, compartilhado com a noção do mesmo conceito postulado por Fauconnier & Turner (2002). Esta idéia da mescla esquemática parece ter grande potencial na análise linguística e será por nós adotada na análise dos dados.

O fato de que as construções são similares formalmente é relacionado ao fato de que todo elemento numa construção é motivado por algum aspecto da estrutura conceptual, com o verbo principal relacionado a alguma estrutura de evento, com o verbo *ir* relacionado à outra construção de acordo com o seu sentido imagético e uma conjunção coordenada relacionando

a mescla dos dois verbos. Neste trabalho, a conjunção não é vista apenas como um item sintático relacionador, mas também como um marcador de mescla semântica entre os verbos da construção.

Essa mesma construção de *ir + verbo* foi estudada na língua portuguesa por Rodrigues (2006), porém a esta não foi dado um tratamento essencialmente semântico. A construção em si foi o foco do estudo e esta recebeu o nome de CFF (construções do tipo foi e fez). Este trabalho cita, também, as construções em que o primeiro verbo é o *chegar* e o *pegar*, sendo o último enfatizado no presente trabalho. Rodrigues pesquisa ocorrências de CFF's no português do Brasil buscando pela definição de propriedades comuns e distintas entre elas. Em um trabalho bem delineado teoricamente, a autora assume que esses verbos têm, em muitos casos, uma função de seqüenciador intensificador. Propõe, ainda, que os mesmos têm valor pragmático em comum, que é o de dramatização ou ênfase.

Importante faz-se notar que as construções estudadas por Rodrigues são semelhantes não só estruturalmente ou pela função discursiva que desempenham. Propomos que elas são, ainda, construções que têm em comum o fato de serem constituídas de verbos que denotam movimento de contêiner. Assim, *ir* e *chegar* em CFF's funcionariam como forma de comprovar que há sim a noção intrínseca em *pegar no discurso* que faz com que a construção veicule, mais uma vez, a mesma noção de movimento e contêiner revelada ou mais explícita nos outros verbos. Essa mesma autora será retomada ao longo do trabalho por ter produzido uma boa abordagem no que diz respeito às *construções do tipo foi e fez* em que as construções denominadas por nós como “pegar no discurso” estão inseridas.

### 2.3.1- As Construções com Verbos Seriais em Evidência

Inicialmente, as construções seriais eram vistas como presentes apenas em algumas línguas não européias. Porém, o que se pôde perceber é que o que era até então chamado de “verbos seriais” não era algo bem definido, bem delimitado. Isso porque várias descrições daquilo que vem a constituir os verbos seriais foram propostas, mas uniformizar essas propostas se torna uma tarefa mais árdua. Para analisar essas construções, podemos citar uma série de elementos que as caracterizariam. Elencamos, a seguir, algumas características que foram apresentadas como principais e ocorrentes nas construções com verbos seriais.

Kinney (1982) afirma que as construções com verbos seriais (CVSSs) são aquelas que contêm cadeias de dois ou mais sintagmas verbais, as quais formam uma única estrutura coerente. Segundo ela, em um estudo realizado no português do Ceará, no Brasil, dois tipos

de construções com seriais foram encontradas com: 1) dois verbos com possível sentido aspectual; 2) cadeia de verbos finitos. Segundo a autora, os falantes escolhem as construções com seriais para denotar aspecto indicando que uma decisão ou realização foi alcançada. Como exemplo dessas construções, a autora cita, nas construções de tipo (1) e (2), respectivamente:

- Ela vai ficar muito agoniada.
- Pegô, botô no chiqueiro e aí matou.

Kinney observa que, no corpus do português do Ceará, menos comuns são construções de verbos duplos em que o primeiro verbo é *vir* e apenas é usado quando a ação envolve um movimento que se dá para perto do falante. Como exemplo, a autora apresenta os seguintes dados:

- vim catá uma bênção;
- voltou para casa para dormir.

Quanto ao tipo de construção com verbos finitos, temos, segundo a autora, que há uma série de ações seqüenciais que, algumas vezes, apresentam a mesma entonação. Um dos exemplos de tal caso demonstrado pela autora é *pegô, botô*. Assim, de acordo com o exemplo, notamos que a autora classifica essa construção com *pegar* como uma construção serial presente no português do Brasil. Em seu texto, Kinney (1982) apresenta que os falantes, quando perguntados sobre a presença da conjunção aditiva *e* entre dois verbos, observaram que há uma diferença de sentido já que *ela foi ficou morta* é o mesmo que, segundo os informantes, dizer *ela morreu*. Já *ela foi e ficou morta* há uma noção de que o *ficar morta* é uma ação resultativa. Tal distinção de sentido não será realizada em nosso presente estudo, podendo revelar-se em outros trabalhos.

Durie (1997) apresenta que o arquétipo das construções com verbos seriais consiste em uma seqüência de dois ou mais verbos em que nos vários sentidos juntos agem como um único verbo. Além disso, o autor apresenta, principalmente, que:

- uma construção serial descreve aquilo que é conceptualizado como um único evento, o que pode ser demonstrado por meio de uma análise semântica;
- os verbos seriais têm compartilhado tempo, aspecto, modalidade e polaridade;
- os verbos seriais compartilham, ao menos, um ou mais argumentos;
- um verbo não está encaixado no outro e não funciona como um complemento dele;

- propriedades entonacionais de orações seriais são aquelas de cláusulas mono-verbais (apud Givón 1990/91);
- as construções tomam apenas um sujeito/argumento externo;
- quando a serialização resulta em mais de dois argumentos, a configuração de argumentos corresponde aos tipos de configuração e argumentos mais adjuntos descobertos para cláusulas simples em línguas não serializantes;
- há uma tendência diacrônica à lexicalização e gramaticalização do sentido dos verbos seriais;

Além disso, Durie apresenta que as construções chamadas de serialização verbal ocorrem com propriedades similares marcadas em línguas diferentes e destaca que um grande número de estudos tem mostrado que a serialização não pode, no geral, ser explicada sem o uso de estruturas subordinadas e coordenadas (1997:295).

Givón (1991:137-139) observa a serialização verbal como sentido de que um evento ou estado em que em certa língua o mesmo evento é codificado por meio de uma cláusula simples e em outra ocorre com dois ou mais verbos. Segundo o autor, as construções com verbos seriais foram descritas, sobretudo, nas línguas européias e podem ser divididas em um número de construções de tipos distintos, como aquelas que:

- a) são marcadoras de casos/papéis;
- b) dois verbos co-lexicais criam um conceito verbal mais complexo;
- c) têm verbos de valores dêíticos como *vir* e *ir*, os quais são gramaticalizados para comunicar os valores dêíticos a outros verbos de movimento ou transferência;
- d) são marcadoras de tempo e aspecto;
- e) são marcadores evidenciais.

Pawley & Lane (1998) destacam que as construções seriais são aquelas compostas por mais de um verbo e que entre esses verbos não há contraste de flexão verbal. Além disso, afirmam que as construções seriais não exibem morfemas nem evidência entonacional que indicam fronteiras de cláusulas. Sobre as construções seriais, ainda, os autores defendem que a negação tem escopo sobre todos os verbos da construção e essas construções não apresentam restrição de argumentos selecionados.

De acordo com um levantamento feito por Rodrigues (2006), as propriedades compartilhadas pelas *construções do tipo foi e fez* (relacionada à construção com o verbo *pegar*) podem ser listadas como:

- (24) a construção possui mais de um verbo flexionado;
- (25) não há contraste entre as flexões verbais desses verbos(...);

- (26) o morfema de negação incide sobre um dos verbos, mas tem escopo sobre toda a construção;
- (27) há compartilhamento de argumento externo sujeito;
- (28) a construção descreve apenas um evento;
- (29) alguns tipos apresentam uma conjunção coordenada ligando V1 e V2. (Rodrigues 2006:136)

Além disso, essa mesma autora propõe que:

Todavia, as CFFs não exibem as funções lexicais (lexicalização) nem gramaticais (marcação de caso, tempo ou aspecto, evidencialidade) caras às CVSs. As CFFs apresentam uma função discursiva na medida em que conduzem a atenção do interlocutor/ouvinte para o fato que será descrito pelo segundo verbo da construção. (Rodrigues, 2006:136)

Muito válidas, as idéias colocadas por Rodrigues (2006) indicavam uma certa aproximação das CFFs com as CVSs. O que a autora ressaltou, apenas, no último parágrafo transcrito foi o fato de essas construções não marcarem aspecto.

#### **2.4- A Auxiliação e as Construções com *Pegar***

Cintra & Cunha (2001:394) apresentam que nas locuções verbais conjuga-se apenas o auxiliar, afinal o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no particípio, no gerúndio e no infinitivo impessoal. Os autores destacam serem os verbos de uso mais freqüente na função de auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Propõe, ainda, que outros verbos podem funcionar como auxiliares, como *ir*, *vir*, *andar*, *ficar* etc. Apesar de diversos autores apresentarem distintas listas de verbos que representam os auxiliares no Português do Brasil, todos convergem nas idéias de que os auxiliares em português recebem flexão de tempo, modo e pessoa e se ligam ao verbo principal (de forma nominal), formando uma locução verbal. Apesar disso, vários autores propõem critérios a fim de indentificar quais são os verbos auxiliares no português. Dentre eles, podemos citar Castilho (2002:91-94), o qual observa que:

- i. os verbos auxiliar e principal compartilham o mesmo sujeito;
- ii. Se a negação toma por escopo dois verbos, o primeiro é um auxiliar e o conjunto pode ser considerado uma perífrase;
- iii. Há alterações no sentido lexical do primeiro verbo.

Todos os três pontos levantados por Castilho podem ser demonstrados através de um tipo de construção por nós observada e encontrada que designamos de *pegar aspectual*. Como sabemos, o que é bastante prezado nos estudos de auxiliaridade no português diz respeito à marcação de aspecto de tal verbo. Em nosso corpora e também em dados não registrados de

conversas informais atestamos a existência de construções com *pegar aspectuais* que marcam aspecto inceptivo. Tal fato colabora para a idéia de que o *pegar* pode sim ser um auxiliar no português. Acreditamos, porém, que pela quantidade de dados encontrados que determinam tal fato, o verbo ainda se encontra em processo de mudança com tendência à auxialirização. Nas construções com *pegar*, observamos a idéia de que o verbo principal, na presença de um auxiliar, é normalmente uma forma nominal.

Assim, como percebemos que a construção em estudo se assemelha, em grande medida, às construções com auxiliares no português através do número de propriedades que podem ser compartilhadas entre a teoria de auxiliaridade e a prática do uso da nossa construção no português, procuraremos, agora, pistas analisadas por meio dos dados que indiquem quais as propriedades que apontam para a noção de polissemia e/ou regularidade do verbo *pegar* no português do Brasil.

### 3- A POLISSEMIA NOS DADOS

A partir do que vimos na seção dedicada à polissemia, existem aquelas abordagens que são conhecidas como as abordagens prototípicas, as quais estão em maior profundidade apresentadas neste trabalho. Tais abordagens enfatizam o sentido como parte de um sistema cognitivo maior e relacionam esse fato às representações mentais, aos modelos cognitivos e às experiências corporais. São idéias assim que serão assumidas neste estudo da polissemia e sua interface com o verbo *pegar*. Baseados na noção mais ampla de polissemia proposta por Taylor (1989) - de que a polissemia é a associação de dois ou mais sentidos relacionados a uma mesma forma lingüística e de que as categorias polissêmicas, através de sentidos relacionados, dão pistas de que há uma família de semelhança entre os lexemas - podemos dizer que todos os sentidos do verbo *pegar* são relacionados e possuem em seu âmago as categorias de movimento e contêiner. Percebemos que, em um estágio mais avançado, de mudança semântica, a noção de movimento passa a constituir uma idéia de focalização e dramatização das informações contidas na oração que ocupa a posição de V2, as quais podem explicitar valores de *ação* ou de *dizer*.

#### 3.1- A Mudança Semântica no *Pegar*

Como já comentado, as construções com o verbo *pegar* têm se revelado produtivas em nossa língua. Isso porque o verbo tem assumido as mais diversas instanciações, sendo usado nos mais diversos contextos. Isso pode ser melhor observado ao colocarmos os exemplos “lado a lado”. Observemos alguns exemplos de fala abaixo:

- (9) [ não, eu posso] chamar o pintor  
não, sandra ( )  
não, eu **pego** um pintor, eu **pego** um pintor nosso. é porque o pintor é seu ele vai falar o que ele quer ué.= .. eu pego um pintor (Procon JF)

Nesse exemplo, *pegar* se apresenta com o sentido de escolher, selecionar. A firma, responsável por reformar, delimitará um pintor que trabalhará na casa da requerente. O objeto aqui apresentado é mais concreto (o pintor).

- (10) INF.- É...mas ieu acho que lá por riba, quando tá pingano, lá também móia por riba...num desce por causa do forro, né? e a mia cama lá dentro, as menina fala: “ah, (inint)da mia mãe tá moiano tudo”...**pega** uma lona, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí...cuiz credo...móia demais... (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Em (10), o verbo em estudo revela o seu sentido que parece ser mais prototípico: o de trazer para si. No exemplo, o objeto concreto lona é aproximado do referente quando é pego.

- (11) INQ.- Ah não...isso aí é na...no mato, né?  
INF.- Na roça, mia fia.  
INQ.- Onde trabalha, né?  
INF.- Onde nós trabaiava.  
INQ.- Então a senhora **pegou** na enxada, dona Maria? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Em (11), há também a apresentação de um objeto mais concreto. Sabemos, porém, que temos aqui não apenas a ação de “trazer para si” uma enxada. Há, através de uma expressão que parece já estar cristalizada, a noção de “pegar na enxada” como sinônimo de “trabalhar”.

- (12) INF.- Não sei, não sei... mas deve sê uma figuera, algum tipo assim de madeira, dessa espécie.  
INQ.- Será que ela **pegô** fogo, por isso que ficô oco?  
INF.- Possivelmente, né? porque naquela época também aconteciam muitos incêndios, né? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Nesse exemplo, não há a ação de “segurar” o fogo, mas de ser a portadora dele. Novamente podemos observar uma expressão que é mais cristalizada na língua, em que “pegar fogo” é o mesmo que “incendiar-se”.

- (13) INF.- Tomou... eu tomo um chá, eu faço xaropim de horta, junto no mei do mato aqueles camarazim, (fruta de loro), vô juntano aqueles punhadim (prendeno e debaxo aquele lambedô) pra í bebendo pra (cudí) a pedra, pra num **pegá** (gripe). (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Em (13) temos um objeto que já se apresenta como [+ concreto] sendo que em “pegar gripe” temos algo semelhante às construções com verbo suporte<sup>13</sup>, em que tal expressão possui o sentido de “gripar”.

- (14) INF.- Foi os padre aí na rua, já tem muitos ano, sabe? aí, benzeu o coquero...chegô aqui tirei (inint) guardei pa quando (andá) chuva a gente botá queimá fumacinha é bão, né? (inint) **pegô**, prantô a muda, falô: “oh...eu vô prantá essa uma aqui, praque às veiz um dia num tem jeito de saí pra ir levá, nós vem na horta e rebenta e panha, né?”...tá lá, **pegô**, mas tá um brute de coquero.  
INF.- Não, num pode...ali memo caiu...ali pra frente caiu numa árvore (inint) (Corpus Conceição de Ibitipoca)

O primeiro *pegar* do exemplo (14) funciona como uma espécie de dramatizador discursivo e, como observado pelos falantes, poderia ser substituído por verbos como “foi, virou e chegou”.

---

<sup>13</sup> Segundo Neves (2000:53), “os verbos-suporte são verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua.”

Se tentarmos substituir por um sinônimo canônico de *pegar* todas as instanciações acima apresentadas, veremos que o mesmo sentido não é revelado. Tente, por exemplo, substituir por *segurar*. Logo perceber-se-á que dizer *pegô, prantô a muda* não é o mesmo de *segurô, prantô a muda*. Isso é explicado pelo fato de não existir um sinônimo perfeito, e sim um sinônimo mais ou menos adequado ao contexto. Assim, se pensarmos no sentido atribuído por cada construção nos exemplos acima, rapidamente perceberemos que parece, num primeiro olhar, não haver algo em comum entre todos esses usos. Assumindo, porém, a proposta funcionalista e acrescentando a proposta cognitiva de movimento e contêiner, podemos explicar melhor as ocorrências em nossos dados. Outra perspectiva relevante é a de Traugott & Dasher (2005), assumindo que as mudanças sintáticas podem funcionar como indicadores das chamadas mudanças semânticas. A fim de demonstrar, por meio dos dados reais de fala e escrita, o que foi afirmado, vejamos alguns exemplos a respeito do que foi acima explicitado:

- (15) INQ.- senhora vai no domingo de ramos?...senhora **pega** o ramo?  
 INF.- **Pego**...quando chove, dá pempestade a gente põe um poquim da palha aberta no...no fogo, né? o...medo de tempestade...ainda mais aqui oh...antiontem deu uma chuva à noite. (Corpus Conceição de Ibitipoca)
- (16) INF.- Já benzeu a senhora?  
 INF.- Já, ele já be...ele já me benzeu.  
 INQ.- De quê?  
 INF.- Assim do...tava cá cabeça doeno...(depois que eu **peguei** um vento, ele benzeu) (inint).  
 INQ.- Ahan...e foi bom? (Corpus Conceição de Ibitipoca)
- (17) INF: Não, ele tava piquinininho, né ? Aí eu peguei, aí (inint), foi...lá no, chegô, aí chegô lá no ART, na farmácia, que foi, chegô lá com o ART, **pegô** informação do moleque, pediu o rapaizinho (inint), aí o ART falô assim: “ó, se ês atiná de dá ele um azeite, ele miora, agora se ês num, num atiná de dá ele um azeite, ele perigoso num escapá não” (Corpus Conceição de Ibitipoca)
- (18) INF: Não, sai numlarga nada no lugar, cheguei lá levei tinta, aí fui na prefeitura...cheguei lá na prefeitura ês falou que num...num podia dá porque ês pode dá passage de Lima Duarte pra Juiz de Fora, Lima Duarte interior da (inint) num pode dá...aí eu peguei  
 INQ: Que coisa  
 INF: E falei assim ma então tem que ligá pra eles não, aí ficô
- (19) INF: É, tanto í lá e num dianta nada, eu fui lá pedi...pelo menos os passe de Lima Duarte pra lá...eles prometeu, que se num mandasse os passe, num desse os passe pr’ela e acompanhante mandava a ambulância levá...chegô lá no dia que ela foi, chegô lá, lá ese **pego**, deu desculpa com a ambulância tinha otras pessoa mais ruim pra levá, que a ambulância num podia levá ela, e...(quis í) teve que í pagano tamém.

Por meio dos exemplos, percebemos que, sintaticamente, o verbo ocorre em uma mesma posição, entre um sujeito e um objeto. O que ocorre, nos exemplos (18) e (19) é que *pegar* funciona na posição de V1 e *falei* e *deu* funcionam na posição de V2 como introdutores

de oração. Notamos que tais exemplos (18 e 19) atuam sobretudo em um nível semântico-discursivo. A mudança sintática é, então, a maneira de se indicar a mudança semântica. Vemos, porém, que a mudança sintática funciona como um indicador sutil dessa diferenciação, já que em (15), (16) e (17), os sentidos atribuídos ao *pegar* são diversos, apesar da mesma posição sintática assumida, em que o verbo se encontra entre o sujeito e o objeto direto. Uma análise que pode melhor complementar, neste caso de estudo polissêmico, tal perspectiva é, obviamente, a semântica.

Como sabemos, o falante/ouvinte como indivíduo ou como parte de uma comunidade possui à sua disposição metáforas e metonímias que apresentam restrições cognitivas em relação à inovação e à atuação de novos significados. Entendemos, assim, que a nossa criatividade em inventar novas expressões não é arbitrária, mas funciona a partir de processos, estratégias de inovações semânticas já existentes na língua através das quais atendemos as necessidades comunicativas. Podemos levar em conta, nesse momento, que o verbo *pegar*, a partir de sentidos mais concretos, gerou sentidos mais abstratos, como poderemos ver nos dados coletados por nós:

- (20) INF.- É...mas ieu acho que lá por riba, quando tá pingano, lá também móia por riba...num desce por causa do forro, né? e a mia cama lá dentro, as menina fala: “ah, (inint)da mia mãe tá moiano tudo”...**pega** uma lona, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí...cuiz credo...móia demais...é que’u tô até falano, eu tô falano c’a mia(inint) “oh...essa casa ela num adianta nada tá arrumada porque...ela móia tudo.(Conceição de Ibitipoca, Apa)
- (21) INF.- Bom...antes eu era...eu praticava muito era capoeira, eu praticava muito era capoeira, né? deve (tá) uns dois ou três anos  
AUX.- Aonde que vocês fazem?  
INF.- Não...eh...eu **peguei** só o...a técnica co’um colega e aí fui praticano...sempre...tod...só pratico a maior parte mesmo

Como vimos no capítulo teórico, de acordo com Traugott & Dasher (2005), para analisar as diferenciações semânticas, resultado de mudanças semânticas, é necessário assumir uma teoria da polissemia. A fim de demonstrar tal mudança, a autora propõe que esta, em qualquer nível gramatical, não envolve A passando a B, porém, envolve A passando a A semelhante a B e, às vezes, B somente, o que foi explicitado pelo esquema:

$$A > A \sim B > B$$

Este esquema pode ser melhor entendido se, de fato, for aplicado aos dados, o que veremos a seguir<sup>14</sup>:

---

<sup>14</sup> Os exemplos (22)-(24) foram escolhidos, dentre a gama de dados por nós coletados, por serem bastante representativos da teoria em questão. Isso porquê, por meio deles, é de mais fácil entendimento a passagem do *pegar lexical* para o *pegar no discurso*, processo esse intermediado pelo *pegar* que se assemelha a um híbrido, conforme poder-se-á notar nas explicações. O exemplo de B poderia ser, também, um *pegar aspectual*, porém

### Exemplo de A

- (22) INQ.- Ahan...sei...e o:...espera aí, acho...que tem gente chegado aqui...vamo vê quem é que é vamo continuá...tem outra coisa também que o pessoal conta lá da vila.  
INF.- Ahn:...dixa eu **pegá** meu poquim de açúcar aqui.  
INQ.- É lá da venda do seu ANT, né?...diz que ele tinha um negócio lá que assustava todo mundo, né?...a senhora sabe? (Ibitipoca – Aur)

### Exemplo de A ~ B

- (23) INF:Agora, aqui na Ibitipoca, pra sê uma cidade tinha necessidade dela tá sozinha, eu concordo que ela tinha que passá... que vamo supô, tinha que tê uma, um posto...bom, um médico direto, uma enfermeira boa, né ? Antão tinha que...  
INQ:Uma ambulância  
INF:Uma ambulância, aqui teve uma ambulância, o...não sei se foi o TON, foi um deputado lá de fora que deu, eles **pegou** vendeu ela ó, emborsô ela ó...  
INQ:É mesmo ?  
INF:E aquilo (nivô) té hoje. (Ibitipoca – Marneu)

### Exemplo de B

- (24) a sala dela deu um problema técnico, de execução , não tinha no projeto da menina os tubos passando, depois passaram a ter, entendeu. então foi sugerido em função do que ocorreu um detalhe, por vários detalhes a gente sugeriu e deixou eles decidirem, um dia o esposo dela **pegou** e falou as- eu quero parar o serviço. (Procon – A. G.)

Primeiramente, observamos que temos em (22) uma ação mais concreta realizada/demonstrada através do *pegar*. Assim, o verbo assume uma idéia de segurar, de trazer para si. Já em (23), temos um caso que pode ser chamado de híbrido já que o *pegar* pode ter uma idéia de tomar posse (pegou a ambulância e vendeu ela, em que a ambulância é uma categoria vazia) ou, ainda e mais provavelmente, o mesmo verbo pode assumir, nessa construção uma noção apenas de introdutor ou dramatizador do discurso, assumindo a camada intermediária já vista, em que a mudança semântica do sentido de (23) se encontra em um estágio de desenvolvimento entre o *pegar* de (22) e o de (24) - (A~B). No exemplo (24), *pegar* não pode assumir essa idéia de hibridismo, uma vez que, em nenhum momento tem-se a impressão de que “algo é segurado, agarrado”. Este seria o caso então de um estágio já avançado, como demonstrado no esquema acima (>B). Esses estágios de mudança semântica não demonstram apenas um relacionamento histórico ligado ao mesmo verbo. Pelo contrário, vemos bem presente, na noção de hibridismo (caso do exemplo (23)), a idéia de que há uma extensão metafórica motivadora dos novos sentidos da construção, o que será explicitado adiante.

Além disso, outra característica destacada por Traugott & Dasher (2005) é ligada ao fato de que os que os significados velhos podem se tornar restritos no registro ou podem desaparecer completamente. Vemos que o sentido antigo do verbo, que é o de *'sujar(-se) com breu ou piche, impregnar(-se) de breu ou piche; ter em si, trazer para si'* não persiste no

---

acreditamos que (24) ainda se apresenta como mais representativo (e, conseqüentemente, de mais fácil entendimento) da gradação proposta.

registro, mas, como demonstrado outras vezes, esses significados não desaparecem completamente.

Ainda discutindo polissemia e mudança semântica, Traugott & Dasher (2005) apresentam que os sentidos relevantes a um lexema podem ser divididos em três níveis. O primeiro deles é aquele em que há um significado codificado em que a linguagem é convencionalizada ligada a um certo momento.

Apesar de uma pesquisa diacrônica ainda não ser o foco deste trabalho, acreditamos que sentidos como o de *pegar mulher* são ligados a um tempo determinado, indicando uma expressão/algo que é recente na língua. Isso, porém, só será atestado por meio de uma análise diacrônica, a qual poderá ser enfatizada em outros trabalhos. Significados de tipo de enunciado que são inferências sugeridas gerais (GIINs), ou seja, são significados preferidos e convenções de uso em comunidades linguísticas específicas (Traugott & Dasher, 2005). Como exemplo deste caso, temos:

- (25) Bom Victor se eu te contar você nen vai acreditar, mais eu **peguei** uma tal de nicole que mora perto da casa da minha vó que a té agora ão acredito que **peguei** aquela menina pois ela e um filé.;.;.;.;.;.;.;.;.;.;.;. 12:35 - 29/01/2007 (fonte: <http://ml9swd05wcvz.uolk.uol.com.br/scrapbook.html> acesso em 10/07/2007)

Com esse exemplo, temos um *pegar* com o sentido de *ficar*. cremos que esta instanciação é hoje usada, em sua maioria, por adolescentes e jovens em uma linguagem informal. Por conta disso, podemos dizer que há um emprego de uma comunidade linguística bem específica dessa forma. Além disso, Traugott & Dasher apresentam um terceiro nível: Significados de ocorrência de enunciado, que são caracterizados por se constituírem em inferências sugeridas (IINs) que não foram cristalizadas em implicaturas utilizadas comumente. Elas podem ser baseadas no conhecimento enciclopédico ou no conhecimento linguístico, ou mesmo em enquadramentos localmente situados, compartilhados por falante e ouvinte.

Tal afirmação tem ligação com as palavras que têm sido utilizadas pelos adolescentes para se referir a “quem é pego, com quem se fica”, como “peguete”. Esses usos são exemplos, ainda, de inferências sugeridas, as quais podem ser inferidas pelo contexto, indicadas pela morfologia, mas que ainda não foram cristalizadas em seu uso. Observe:

- (26) Tilde said... Meu **peguete** virou namorado... ;) (Fonte: <http://blogdasseries.blogspot.com/2006/01/da-srie-de-futuro-marido-peguete.html>- acesso em 10/07/2007)
- (27) Waldir O **Pegador** de Muié  
Esse site foi feito em Homenagem a nosso mestre da arte de garrar muié Waldir Moura, vou contar poucos momentos desse fenômeno que é Waldir Moura (Fonte: <http://joselio.kleber.sites.uol.com.br/> - acesso em 10/07/2007)

Ainda pensando nessa diferenciação semântica marcada pelo *pegar*, temos a indicação de que esse verbo pode assumir funções mais gramaticais e, conseqüentemente, menos lexicais, como poderemos ver no exemplo:

- (28) INF.- Saiu (variado)...deu a...assim(varieudade) e febre, né ô?...aí.  
INQ.- Num sabia que que tava falando?  
INF.- Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois dipois ele **pegô** variá...aí eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.  
INQ.- E escorpião?  
INF.- Graças a Deus ninguém nunca foi (ofendido) não.(Corpus Conceição de Ibitipoca)

Em (28), *pegar* tem sentido de *começar* e, por causa disso, podemos assumir que nele há um valor aspectual, o que será observado, mais a frente, por meio de outros exemplos.

### 3.2- Sentidos Assumidos no Uso

Como pode-se notar, o verbo *pegar* tem se mostrado produtivo em nossa língua. Isso porque esse verbo apresenta diversas instanciações que podem indicar desde o ato concreto de usar as mãos para segurar algo até noções abstratas como a marcação de aspecto. Propomos, como já citado anteriormente, que, semanticamente, a realização desses verbos tem um ponto comum que é um espaço básico, concreto, do qual as demais estruturas derivar-se-ão. Esta é a hipótese colocada em foco na dissertação, juntamente com os constituintes desse espaço: as categorias de movimento e de contêiner.

Como primeiro passo de análise desse “ponto comum”, buscamos reconhecer os diversos sentidos assumidos pelo *pegar*, como forma de, inicialmente, pensarmos na polissemia do verbo. Espelhando-nos na análise da “gramaticalização dos verbos começar/passar – continuar – acabar, terminar/deixar”, de Travaglia (2002), apresentamos um conjunto de valores, usos e funções gramaticais e, ainda, o que intitulamos como valores discursivos - por fazer referência a um estilo de construção serial, mais aplicada ao seu valor narrativo. Para tanto, criamos um quadro em que, mais à esquerda, apresentamos o sentido possível para o verbo. Na coluna do meio, exemplos de dados reais visando a facilitar o entendimento dos mesmos sentidos. Informações julgadas como importantes e explicações são colocadas na parte direita do quadro que agora passaremos a observar. Ele foi dividido em três grupos: o de valor lexical, gramatical e discursivo sendo que o penúltimo refere-se ao fato de *pegar* marcar aspecto, tempo, em alguns contextos.

I - Valores Lexicais		Exemplos	Observações
1	segurar; prender segurando	<p>1- “ah, (inint) da mia mãe tá moiano tudo”...<b>pega</b> uma lona, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p> <p>2- 2- = e depois de belo horizonte, virá pra juiz de fora.= = vem pra juiz de fora pra <b>pegar</b> a carta de registro. devia ter vindo em três semanas, tranqüilamente. (Procon CEF)</p>	Pegar mais concreto, como esquematizado em 1
2	lançar ou criar raízes	<p>1- Ah, dentro de casa memo eu tenho...só manjerona...tem aquele de, como é que chama...(inint)...poejo, essas coisa que num...funcho tamém num tem, arruda, (inint) coisa que <b>pega</b> no mato, erva de passarinho...assa-peixe...é...queles, ah um porção de coisa que é bom pra, diz qu' é bom pra prumunia (risos). (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p> <p>2- <b>INF</b>.- Uai é funcho é...é...hortelã, guaco...(é o) estrela de capim...esses chá casero.</p>	

		<p><b>INQ.</b>- E arnica?</p> <p><b>INF.</b>- Arnica num tem não.</p> <p><b>INQ.</b>- Não?...cêis num...num...mais num <b>pega</b> no campo aí?</p> <p><b>INF.</b>- A arnica pega se fô lá na...nos...nos pasto lá perto do parque.</p> <p>(Corpus Conceição de Ibitipoca)</p>	
3	alcançar, encontrar, achar, atingir	<p>1- mas é o valor contratado é o valor contraTAdo no início. Num é o valor que você <b>pegou</b> depois porque a SUa carta de crédito é aquela fixa=</p> <p>(Procon Ac. Y.)</p> <p>2- é [até (papai) quis escrever sobre são Geraldo e falô se ocê/ é (isso mesmo)::... si ocê não <b>pegá</b> com seu Buenu... ninguém aqui tem isso não... seu buenu é que tem a história do são geraldo contada lá (e tal)... e pareci que (os babaca) foi lá e... propondo fezê a história do são Geraldo papai achô que (Juiz de Fora e arredores - PN)</p>	
4	atropelar, chocar-se com, bater contra	<p><b>1-</b> O povo que tava dentro do jipe diz que deitava no jipe, uns tamparo a rezá, otros</p>	Neste contexto, a informante se refere a uma motorista que parece

		tamparo a chorá, e ela em cima memo, ( <u>quais qu'ela pega</u> ) o carro (risos). (Corpus Conceição de Ibitipoca)	não saber conduzir o carro com precisão e cuidado. Pelo todo, entendemos que <i>pegar</i> se refere a atropelar um outro carro que passava pela estrada.
5	ir buscar, apanhar alguma coisa ou alguém	1- o que tu precisá de mim, tu num precisa tê vergonha...pode falá comigo, se num fô uma coisa que tivé ao meu arcance, eu <b>pego</b> uma das menina pa ir lá te acudi as veiz que tivé precisano”, sabe? 2- <b>INF</b> :Aí diz que se <b>pegá</b> aquela terrinha dele, dé e fazê o chá e dá a pessoa que tem aquilo tamém sara, mas essa eu nunca fiz tamém não. (Corpus Conceição de Ibitipoca)	
6	adquirir ou transmitir(-se) por contágio, ou por influência	1- <b>INF</b> .- <u>Tomo</u> ... eu tomo um chá, eu faço xaropim de horta, junto no mei do mato aqueles camarazim, (fruta de loro), vô juntano aqueles punhadim (prendeno e debaxo aquele lambedô) pra í bebendo pra (cudí) a pedra, pra num <b>pegá</b> [gripe] <b>INQ</b> .-Acudi o que, Dona <u>APA</u> ? (Corpus Conceição de Ibitipoca)	

		<p>2- <b>INF.</b>- É que...que num pode bicho rápido carregá os umbigo, né?...muitos guardava na latinha...muitos <b>enterrava</b> no...nos pé de rosa mais diz que num pode.</p> <p><b>INQ.</b>- Não?...por quê?</p> <p><b>INF.</b>- Que a rosa tem espinho,né? (<u>inint</u>)</p> <p><b>INQ.</b>- <u>Aí é</u>...(pega o sofrimento).</p> <p><b>INF.</b>- É...sofrimento ué...é bom enterrá diz que é assim aonde tem um pé de flor...assim um <u>cravo cheroso</u>. (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p>	
7	assumir obrigação, começar a fazer	<p>eu falei "tá". dez, onze, meio dia eu <b>pegava</b> no serviço meio dia. deu duas horas eu liguei pra ele já ninguém atendia. (Procon - G.)</p> <p>dinheiro nós não temos, nós temos mão de obra. agora, o que tá feito lá ela não pode interromper como ela queira, porque ela tá dentro de- um um negócio que foi fechado. é dois mil reais. nós deixamos de <b>pegar</b> serviço por causa disso também (Procon - G.)</p>	
8	conseguir, obter, alcançar	<p>1- <b>INF:</b>Não, ele tava piquinininho, né ? <u>Aí eu peguei</u>, <u>aí</u> (<u>inint</u>), foi...lá no, <u>chegô</u>, <u>aí chegô</u> lá no ART, na</p>	

		<p>farmácia, que foi, chegô lá com o ART, <b>pegô</b> informação do moleque, pediu o rapaizinho (inint), aí o ART falô assim: “ó, se ês atiná de dá ele um azeite, ele miora, agora se ês num, num atiná de dá ele um azeite, ele perigoso num escapá não”. (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p> <p>2- e o que tá falando aqui:: é que o valor acima será rateado entre os consorciados contemplados PROporcionalmente ao valor do bem então às vezes você <b>pegô</b> um bem de de valor menor do que uma outra pessoa - é menor valor qualquer (Procon - Y)</p>	
9	chegar a; tomar parte em	1- é depois que a cozinha fica preta [naquela altura quem <b>pega</b> pra limpá sou eu né? (Juiz de Fora e arredores)	
10	surpreender, encontrar	1- A gente...a gente que num... num aceita muito bem Não...num é questão de num aceitá não [(inint) sempre é <b>pego</b> de surpresa né? (Juiz de Fora e arredores - PN)	

11	Instalar-se em uma viatura, tomar	<p>1- eu fiquei de buscar, eu falei eu te <b>pego</b> pra ficar mais fácil perto do bretas eu tenho que ir pra embratel eu te <b>pego</b> (Procon - G.)</p> <p>2- aí eles começaram “ cês tá com aquele carro lá ow?”  “não eu tô aqui com ele..<b>peguei</b> carona com ele”. “comé que ele chama?” “não sei o nome não”. “não sabe o nome?..fala a verdade cara” “<b>peguei</b> carona com ele”  “fala a verdade rapá..como é que ele chama?” “só sei o apelido dele”..”qual o apelido dele?” “Gugu”  ((gargalhadas)) num agüentei não..(olha a cara da mãe)  (Juiz de Fora e arredores)</p>	
----	-----------------------------------	--	--

12	seguir caminho ou direção	<p>1- Às vezes, né ? E...e no feriado eu costumo até querê tirá o pessoal, na hora (inint) que dé um passeio bonito, que fazê que o pessoal <b>pega</b> da cruz das alma até ali na igreja do Rosário, eu só <b>pego</b> aquele pedacinho ali que tem carro trafegando, porque um cavalo e um carro, principalmente quando o cliente tá montano num sabe, <u>é um poco arriscado</u>, encostô vai sobrá pra gente (risos). (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p> <p>2- isso aí Lafaiete fica ali na região tem um trecho que <b>pega</b> ali a ferrovia do aço o trecho dela é por ali (Juiz de Fora e arredores - PN)</p>	
13	compreender, perceber	<p>1- INF.- Bom...antes eu era...eu praticava muito era capoeira, eu praticava muito era capoeira, né? deve (tá) uns dois ou três anos ((final do lado A da fita)) AUX.- Aonde que vocês fazem? INF.- Não...eh...eu <b>peguei</b> só o...a técnica co'um colega e aí fui praticano...sempre...tod...só pratico a maior parte</p>	<p>Notamos que o verbo se apresenta como representante de ações mais abstratas, denotando sentidos como <i>perceber, entender</i>. <i>Pegar técnica e pegar música</i> são ações que dizem respeito a algo pouco concreto, já</p>

		<p>mesmo (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p> <p>2- INF.- Eh...aí desde novinho ele já...assim...gostava de cantá...queria que eu fosse músico, me jogava ali naquele meio...ficava olhando a música...aí fui olhando, tal, cabô que um dia, aprendi...de ouvido mesmo..é até uma coisa inexplicável, né?</p> <p>AUX.- Desde pequeno já...(pegando), né?</p> <p>INF.- É.</p> <p>AUX.- Certo...e na sua família tem mais...músico?</p> <p>(Corpus Conceição de Ibitipoca)</p>	<p>que os objetos <i>técnica</i> e <i>música</i> são mais abstratos, o que pode ser notado pelo fato de serem ligados a ações mais cognitivas, experienciais.</p>
14	pedir proteção a, rezar a	<p>1- ah minha fia, aquilo pra mim foi a maior tristeza, né? coitadim...então tá:...o pai dele <b>pegô</b> com Nossa Senhora da Aparecida, fez a promessa pra ele (Corpus Ibitipoca)</p>	
15	apresentar dificuldade, atrapalhar, emperrar; empacar	<p>1- INF.- Bom eu...assim...tá difícil de lembrá...muita coisa me ocorreu.</p> <p>INQ.- Teve um ano que <b>pegaro</b> no pé da Graça...fizeram três versos pra da Graça.</p> <p>AUX.- Seguido, né? atrás do outro.</p> <p>INQ.- Ela apareceu muito aquele ano.</p>	<p>Apenas conseguimos um sinônimo se pensarmos em “pegar no pé”, como um todo e não só em “pegar”.</p>

		(Corpus Conceição de Ibitipoca) 2- “Gordo visita” <b>pega</b> no pé da cantora em seu estúdio em Campinas (Tribuna de Minas – 1 novembro 2006)	
16	Incendiar	1- INF.- Não sei, não sei... mas deve sê uma figuera, algum tipo assim de madeira, dessa espécie. INQ.- Será que ela <b>pegô</b> fogo, por isso que ficô oco? INF.- Possivelmente, né? porque naquela época também aconteciam muitos incêndios, né? (Corpus Ibitipoca) 2- INF: É. A gente sobe quatro quedas, segundo a placa que tá lá é permitido só até a terceira...entendeu ? Já tem uma placa na na trilhazinha a gente sobe pra quarta, já é limite do parque, eu num num debato esse assunto porque eu num tenho certeza num tem nenhuma cerca nenhum marco antigo, né ? Mas tem uma placa lá <u>falano</u> <b>AUX:</b> Tava <b>pegano</b> fogo no parque ontem...(inint) <b>INQ:</b> E <u>controlaram</u> o fogo ? (Corpus Conceição de Ibitipoca)	Apenas conseguimos um sinônimo se pensarmos em “pegar fogo”, comum todo, e não só em “pegar”. Entendemos que a esquematização que será proposta para o estudo desses verbos lexicais pode ser melhor entendida nestes exemplos se considerarmos, em (1), que <i>o fogo pegou nela</i> , ou seja, <i>o fogo entrou no na madeira</i> . Isso porquê a relação entre contêineres fica melhor demarcada.
17	Ser inserido em um conjunto de condições meteorológicas	1- é de ônibus não porque de de trem não pode ser não de ônibus mas <b>pegamo</b> uma chuva e e eu lembro da	

		<p>mulher do E do do do E do E irmão do do</p> <p>E de Viçosa...E de Viçosa ela tava no ôibus também mas ela passou um aperto coitada e ela pediu ( ) “o senhor pára porque eu preciso ir lá fora” ele falou “mas com essa chuva” ela falou assim “o senhô qué que eu faço aqui”(Juiz de Fora e arredores - PN)</p>	
18	Dar ênfase, reforçar	<p>1- INF.- precisa de orientação, nós precisamos de policiais pra orientá...as pessoas, pra tê uma presença da polícia em Ibitipoca , pra inibi alguma coisa errada...isso é que nós precisamos, mas num precisamos assim daquelas repressões, chegá “ah o cara vai plantá um feijão”, recebe uma multa...o cara errô ali na rua tal, recebe o...uma otra penalidade...num é isso...é mais uma coisa orientativa, tanto por parte dos órgãos quanto por parte polícia, etc...mas precisamos.</p> <p>AUX.- Ahan...com certeza...eh::...como que você vê a:: questão mesmo, agora vamo <b>pegá</b>, eh:: focalizá bem o:::a questão cultural, né? as festas, os costumes daqui...você acha que tá se perdendo? muita coisa já se perdeu, já ficô? tem...haveria uma forma de resgatar isso, como você já</p>	<p>Interessante se faz notar que a noção de ênfase que é aqui proposta como portada pelo verbo <i>pegar</i> é reforçada pelas marcas de hesitação (<i>ah</i> e <i>eh</i>), as quais representam a idéia de iniciação de um reparo. É relevante observar também que há uma mudança de tópico efetuada por AUX. Assim, as hesitações anunciam a mudança de tópico e a focalização do novo assunto é feita pelo verbo <i>pegar</i>.</p>

		<p>falou do tear, a gente fica pensando no no...naqueles multirões que, uns que cantavam jongo, que é uma tradição daqui, num é? (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p>	
19	Escolher, selecionar	<p>1- [ não, eu posso] chamar o pintor  não, sandra ( )</p> <p>não, eu <b>pego</b> um pintor, eu <b>pego</b> um pintor nosso. é porque o pintor é seu ele vai falar o que ele quer ué.= .. eu <b>pego</b> um pintor (Procon - A. G.)</p> <p>2- [nós não te]mos condições de fazer isso, ué,  o resto,eu já tô, já vou <b>pegar</b> outra firma, entendeu, já vou ligar pra o ( ) já vou conversar com a[mazinha ela vai lá, vai esperar vê o que que eles vão terminar lá pra acabar de dar jeito no resto, porque não tem jeito, cê viu o estado da minha sala, não tem jeito (Procon - A. G.)</p> <p>3- <b>INF</b>: Eu pedi permissão de passagem tal, eu man/mantinha sempre as trilha minha que eu sempre <b>pego</b> feriado vô lá e dô uma passada em algum lugar, qué dizê, é o que eu mais faço porque isso dá pra mim fazê dois o treis</p>	

		por dia se tivé lotação, né ? <u>Um feriadão no caso.</u> (Corpus Conceição de Ibitipoca)	
20	Enfrentar	1- Vasco encara pedreira contra o Atlético-PR Embalado pela vitória de 3 a 1 sobre o Flamengo, o Vasco <b>pega</b> outro Rubro-Negro hoje: o Atlético-PR, em Curitiba. (Tribuna de Minas – 1 novembro 2006)	
21	Namorar, ficar	1- tá até com outra mulhé aí..ele até voltô a primeira namorada dele ( ) e ainda lembro ele pobretão..andando a pé..andano de Corolla ((risos)) ganhô apartamento no centro da avenida..que é dele..que era da ( ) perdida ta a coroa que <b>pega</b> ele ..COROA mora na casa do pai dele? (Juiz de Fora e arredores - Toc)	
<b>2-</b>	<b>Valores Gramaticais</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Observações</b>
1	começar, principiar	1- INF.- Saiu (variado)...deu a...assim(varieudade) e febre, né ô?.. <u>aí</u> . INQ.- <u>Num</u> sabia que que tava falando? INF.- Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois	1- O mesmo que dizer: “depois ele começou a variar, a ficar doido” 2- O mesmo valor de: “aí eu comecei a passar óleo”

		<p>dipois ele <b>pegô</b> variá...aí eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.</p> <p>INQ.- E escorpião?</p> <p>INF.- Graças a Deus ninguém nunca foi (ofendido) não. (Corpus Conceição de Ibitipoca AUR)</p> <p>2- INF: Foi, o primero.</p> <p>INQ:Nossa, então foi um susto pra senhora.</p> <p>INF:Ah...custô pra melhorá...o calombo dele, aí eu peguei passá é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu.</p> <p>INQ:E, mas ele tomô o remédio de farmácia ? (Corpus Conceição de Ibitipoca)</p>	<p>- Esses exemplos indicam a idéia de que <i>pegar</i> marca aspecto inceptivo (começar a)</p>
--	--	---	---

3-	Valores discursivos	Exemplos	Observações
1	De repente, de súbito; indicador de dramatização	1- INF.- Eh, mas escuta...oh...se doecê véi como nós, ou ieu ou o (inint) de noite, é muito ruim minha fia...num tem um carro, num tem nada, né?...até que sai pra ir lá em Ibitipoca aquilo já passou da	Esse sentido foi “criado” com base em perguntas informais a alunos e

		<p>hora de toma aquele remédio...e eu tenho essa desconfiança (se vier)...mas eu sô muito medrosa, na mesma hora que eu tô doente eu já num tô aqui mais...eu <b>pego</b> entro dentro do ônibus e vô embora...(Conceição de Ibitipoca – Apa)</p> <p>2- INF:É, tanto í lá e num dianta nada, eu fui lá pedi...pelo menos os passe de Lima Duarte pra lá...eles prometeu, que se num mandasse os passe, num desse os passe pr'ela e acompanhante mandava a ambulância levá...chegô lá no dia que ela foi, chegô lá, lá ese <b>pegô</b>... deu desculpa com a ambulância tinha otras pessoa mais ruim pra levá, que a ambulância num podia levá ela, e...(quis í) teve que í pagano tamém. (Conceição de Ibitipoca – AUR)</p> <p>3- aí ele ainda me mostrou, no quarto aonde ela tá falando ali, no projeto que ela fez com a (gessoteto) teria forro igual cê tá vendo aqui. nós sugerimos (tipo isso aqui) só que fechando no teto, tá . não é forro liso igual a gesso teto ia fazer ((barulho do aparelho de som)). era ( ) morrendo no teto lá em cima. eu <b>peguei</b> e falei com ele, "ó eu quebrei aqui que vou ter que passar a fiação" porque tanto é que a casa dela tava tão atrasada o processo de gesso que não tinha a pasandra elétrica, porque pra gente entrar com o gesso teria que ter a pasandra elétrica. aí o marido dela falou "não cês podem fazer o gesso depois eu me viro pra fazer a pasandra elétrica". cê entendeu. agora o que ela tá falando que eu não fui que ela tava com o projeto, é mentira porque eu [fu ela o marido dela ] (Proncon – G.)</p>	<p>amigos. Pedíamos que substituíssem o <i>pegar</i> por uma palavra equivalente.</p> <p>Primeiramente, os alunos e amigos sempre respondiam com verbos como <i>chegar</i> e <i>ir</i> (que, inclusive, são os verbos das CFF's). Depois, ao insistirmos em mais sinônimos, muitos concordaram com a idéia aqui apresentada. Sabemos que esses advérbios trazem em si uma noção de dramatização, surpresa, quando associado a uma narrativa. E isso é o que, de fato, ocorre nesses exemplos.</p> <p>Como vimos mais acima, em Kinney (1982) é apresentada a idéia de que existindo o <i>e</i> entre os verbos das construções com <i>pegar</i>, sentidos diferentes são denotados</p>
--	--	---	--

			<p>em relação àquelas construções que não apresentam tal conjunção. O mesmo não pode ser afirmado aqui por não termos realizado uma pesquisa mais intensa sobre o assunto.</p>
--	--	--	--

A partir desse quadro, podemos observar que o *pegar* se desenvolveu em diversas instanciações, portando hoje desde sentidos concretos como *segurar*, até sentidos abstratos como marcar dramaticidade discursiva. Ao se perceber tal fato, pode haver dúvida quanto à veracidade da afirmação de que temos, como exemplo desse verbo, um caso de polissemia. Afinal, quais os sentidos que poderiam ser comuns a todas essas tão diferentes significações?

Buscando demonstrar a afirmativa, resolvemos criar esquemas que visem a comprovar a idéia de que há um sentido no *pegar* que perpassa todas as construções, tendo, talvez, se perdido em grande proporção apenas naquele *pegar* mais gramaticalizado, marcador de aspecto.

### **3.3- Os Esquemas Conceptuais de *Pegar***

Os esquemas que ilustram as construções com o verbo *pegar* são usados de forma a facilitar a visualização de algo que, na realidade, parece ser intrínseco à nossa cognição. Esses são demonstrações de esquemas conceptuais de que nos utilizamos sem sequer notar como estão presentes no dia-a-dia. De acordo com Johnson (1987), Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (2002), as categorias mentais e lingüísticas não são categorias abstratas, desencarnadas ou independentes dos seres humanos. Essas categorias são criadas com base em nossas experiências concretas e o nosso corpo funciona como um limite. Sendo assim, esses lingüistas perceberam que os seres humanos conceptualizam um gigantesco número de atividades em termos de contêineres, ou seja, recipientes concretos ou abstratos que limitam algo. Lakoff (1987 apud Lindner, 1982), nota que existem muitas metáforas baseadas no esquema do contêiner, sendo que elas somente são entendidas devido a essa nossa percepção demarcada pelo corpo, por coisas fixas. Com isso, um grande número de conceitos abstratos, formados a partir da noção de contêiner, pode constituir-se em inovações lingüísticas, como defendemos ser o caso do verbo *pegar*. Desta maneira, os nossos corpos e as coisas podem funcionar como contêineres, os quais são estruturados com elementos que representam o interior, a fronteira e o exterior. Desta mesma maneira, metaforicamente criamos situações/projetamos a noção de movimento e mudança para as mais diversas instanciações lingüísticas. Como será no presente trabalho abordado, acreditamos que esta noção de contêiner e de movimento estão presentes,

implicitamente, nos momentos em que utilizamos os mais diversos sentidos do verbo *pegar*.

### 3.4- Pegar Lexical e Suas Marcas Polissêmicas

Para demonstrar tal fato, proporemos os seis esquemas que espelham como se processa o sentido da construção com o *pegar lexical* (como postulado mais acima no quadro demonstrativo dos sentidos) em nossa mente e, em seguida, disponibilizaremos dados de fala que embasaram a montagem desses esquemas. As letras A e B, presentes nos esquemas, representam a ordem dos constituintes participantes com a construção com o verbo *pegar*, sendo que A espelha o primeiro constituinte sintático e B, o segundo. As linhas em círculo representam uma noção de contêiner mais abstrato e, por fim, as setas indicam os movimentos realizados pelos elementos da construção.

#### 3.4.1- Esquema 1:

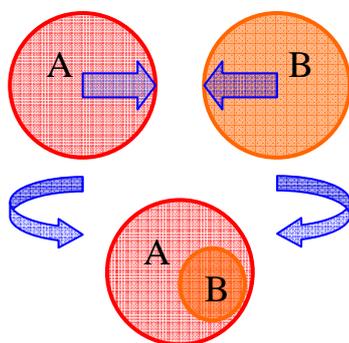


Figura 2

Este esquema visa representar o duplo movimento realizado entre os argumentos A e B, que é indicado pela seta de duas pontas. Esse movimento evolui para que B se insira no contêiner de A<sup>15</sup>. Acreditamos estar neste esquema a característica do *pegar* [+concreto], o que pode ser visto através dos dados:

(28) INF.- Ibitipoca ainda era muito movimentado...num era igual tá hoje (inint)...começamo a fazê um forró ali...fui em casa, **peguei** sanfona, uma

<sup>15</sup> A idéia do contêiner mais abstrato levantada na seção *Categorias de Movimento e Contêiner no Pegar* pode ser notada, inclusive, neste exemplo mais concreto de *pegar*. Quando se fala em *pegar a sanfona*, o falante não "engole" a sanfona inserindo-a no contêiner do corpo. O que ele faz é aproximá-la de seu corpo, mantê-la sob a sua posse: este fato já pode ser considerado como uma inserção em um contêiner mais abstratizado.

motinha...aí começamo a tocá...dali todos os dias...e caiu na rotina aquela mania de tá sempre encontrano os mesmo pessoal, as mesma coisa, decidimo nós...decidimo montá uma banda... (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Em (28), temos um sujeito “eu” (A) que realiza um movimento em relação à sanfona (B). Ao alcançar a sanfona (B), o sujeito (A) movimenta o seu corpo em direção a esse objeto e o aproxima-o de seu corpo. Dessa forma, o sujeito inclui a sanfona em seu contêiner abstrato, que é representado pela idéia de trazer a sanfona para perto de seu corpo, de seu contêiner.

### 3.4.2- Esquema 2:

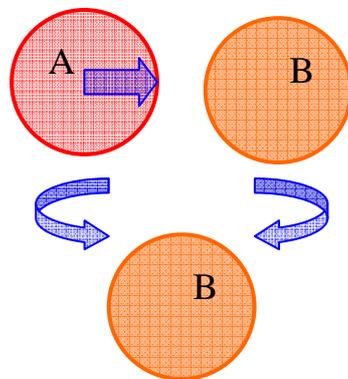


Figura 3

O segundo esquema ilustra um movimento único firmado entre os argumentos da construção com o verbo *pegar*, em que A “escolhe” B e o encaminha para um contêiner determinado. Leiamos os exemplos:

- (29) [nós não te]mos condições de fazer isso, ué, o resto,eu já tô, já vou **pegar** outra firma, entendeu, já vou ligar pra o já vou conversar com a[mazinha ela vai lá, vai esperar vê o que que eles vão terminar lá pra acabar de dar jeito no resto, porque não tem jeito, cê viu o estado da minha sala, não tem jeito. (Corpus Procon)

Em (29), o constituinte e sujeito “eu” (A) demonstra querer escolher outra firma (B) para realizar o serviço que não foi terminado em um lugar específico, que é representado pela circunferência acima. Assim, A escolhe B e o insere no contêiner do lugar específico – que pode ser, neste caso, uma casa em reforma.

### 3.4.3- Esquema 3:

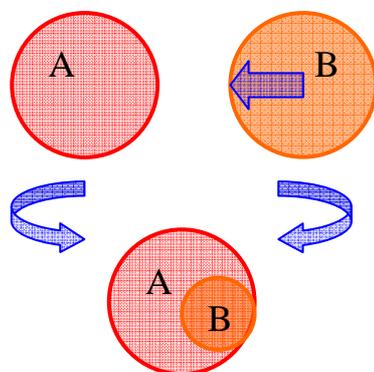


Figura 4

O constituinte (B) vai em direção a (A), caracterizando um movimento único, e se insere no contêiner de (A). Eis os dados:

- (30) INF.- Não sei, não sei... mas deve sê uma figuera, algum tipo assim de madeira, dessa espécie.  
INQ.- Será que ela [a madeira] **pegô** fogo, por isso que ficô oco? (Corpus Conceição de Ibitipoca)
- (31) INF.- Tomo... eu tomo um chá, eu faço xaropim de horta, junto no mei do mato aqueles camarazim, (fruta de loro), vô juntano aqueles punhadim (prendeno e debaxo aquele lambedô) pra í bebendo pra (cudí) a pedra, pra num **pegá** (gripe)  
INQ.-Acudi o que, Dona APA? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Nesses exemplos, temos que o fogo e a gripe (constituintes (B)) realizam um movimento até os elementos representados pelo constituinte (A) – “madeira”, em (30) e “eu”, em (31) – e se inserem em seus respectivos contêineres. Assim, o fogo se insere no contêiner da madeira, queimando-a; e a gripe se insere no contêiner do ser humano, o corpo humano.

### 3.4.4- Esquema 4:

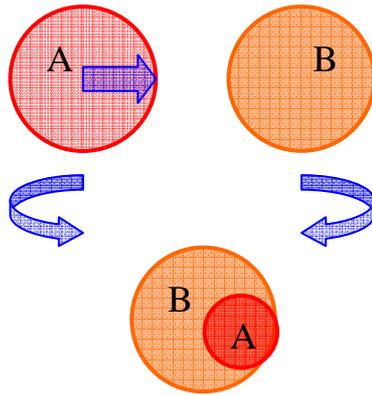


Figura 5

No esquema 4, o constituinte (A) se movimenta até (B) e se insere no contêiner do mesmo. Vejamos um exemplo:

- (32) INF.- Ah, ali diz que é...mas graças a Deus eu já desci ali uma porção de vez, até de noite nós num tinha condução pra...pra vir, nós ia as vez na cidade fazê consurta pra nós, pras criança, mas ia de caminhão mia fia, **pegava** lá no Gerardo de Parma...cê sabe aonde é Gerardo de Parma? ia **pegá** um caminhão ali naquele Gerardo de Parma, nós ia a pé...saía de noite ainda daí...pra lá...ah já passei muito trabaio na mia vida. (Corpus Conceição de Ibitipoca)

Neste caso, “nóis” (A) movimenta-se até o caminhão (B) que se encontra no “Gerardo de Parma” e se insere nele.

#### 3.4.5- Esquema 5:

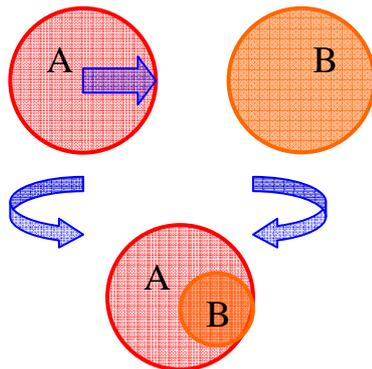


Figura 6

Em 5, o constituinte (A) realiza movimento único em direção a (B) e (B) se insere no contêiner de (A):

- (33) então tá que eu te **pego** de carro porque minha obra é longe, eu te **pego** de carro". ele falou assim, "daqui a pouco eu te ligo". meio dia, meio dia e meia, uma hora,

duas horas, pergunta se ele me ligou e eu esperando. eu tinha que tá na embratel meio dia. ligo eu pra embratel, "olha eu vou atrasar tá mas daqui a pouco eu tô chegando". até que chegou o ponto que eu liguei pro meu esposo e falei, "olha ,lucas, são duas e pouca eu tenho que ir embora, eu não posso esperar mais o carlos" porque a gente foi ao cara do vidro que ele indicou o cara fez o [projeto entregou por lucas] (Corpus Procon)

Aqui, “eu” (A) se movimenta até “te”, o falante (B) e o insere no contêiner em que estava A – o contêiner do carro.

### 3.4.6- Esquema 6:

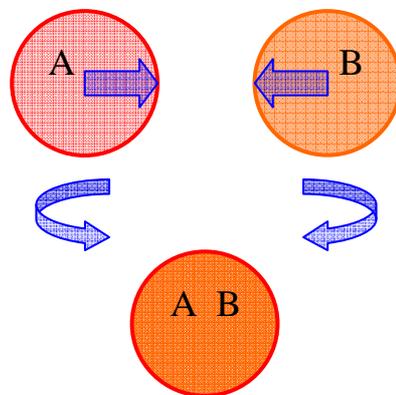


Figura 7

Neste esquema há um movimento duplo de (A) para (B) e vice-versa e ambos, realizados os movimentos, compartilham um mesmo contêiner:

- (34) Vasco encara pedreira contra o Atlético-PR. Embalado pela vitória de 3 a 1 sobre o Flamengo, o Vasco **pega** outro Rubro-Negro hoje: o Atlético-PR, em Curitiba. (Tribuna de Minas – 1 novembro 2006)

Em (34), o Vasco (A) se direciona para o local de encontro com o Atlético (B) e vice-versa, a fim de se enfrentarem no campo que é o contêiner “englobador” de A e B.

Como pôde-se ver, a fim de demonstrar as noções que parecem perpassar os sentidos do verbo, utilizamo-nos dos esquemas imagéticos (envolvidos com o *pegar lexical*), sendo que a predicação ajuda-nos a perceber algumas regularidades de sentido, o que se mostra relevante de se destacar.

### 3.5- A Predicação e o Verbo Pegar

Mateus et al (1983) propõem a tipologia dos predicadores, válida, como destacado pelos próprios autores, “apenas para o funcionamento literal das expressões lingüísticas: não considerará, portanto, o funcionamento metafórico das mesmas” (1983:47). Ao apresentar a “Tipologia dos estados de coisas”, os autores propõem que os estados podem ser [+ dinâmicos] ou [- dinâmicos], a depender de a entidade envolvida sofrer ou não alteração. Aos estados de coisas [- dinâmicos], temos aquilo que é por eles chamado de “estados”. Já aos estados não dinâmicos, há duas classificações: os predicadores de evento e os de processo. Observe o exemplo abaixo:

(35) Aí eu fui lá, **peguei** o material nosso. (PROCON - Audiência Gesso)

O exemplo dado acima é pertencente ao esquema 1, neste trabalho proposto por nós. Em tal esquema, temos a demonstração daqueles *pegar* considerados os exemplos [+ concretos] do verbo polissêmico. Notemos que a entidade envolvida, “o material”, sofre alteração de lugar. Ele se encontrava em um determinado lugar e quando foi pego, transferiu-se para outro. De acordo com Mateus et al (1983:55):

A mudança de estado pode ser **absoluta** (*assassinar, destruir, nascer...*) ou de **grau** (*amanhecer, enrouquecer...*), e pode envolver propriedades “essenciais” ou “acessórias” da entidade em questão; neste último caso, essa entidade pode mudar de **posição** (*cair, sentar-se ...*), de **lugar** (*entrar, sair...*) ou de **posse** (*comprar, dar, ...*).

A autora apresenta que os predicadores de processo, entretanto, são sempre a realização específica de um *fazer* e os predicadores de evento são uma dada concretização de um *tornar-se*. A fim de averiguar se o verbo em estudo é um caso de predicar de processo ou de evento (observando as classes sintático-semânticas dos predicadores), alguns testes são propostos pela autora, os quais serão aplicados, inicialmente, de um exemplo de cada esquema (do esquema 1 ao esquema 6) com o verbo *pegar*. Isso será feito levando em conta o que é proposto: a idéia de que esta teoria não visa a ser aplicada no funcionamento metafórico do verbo. Apresentaremos o conceito dado pela autora e, em seguida, aplicá-lo-emos aos nossos dados:

(i) Os predicadores de processo, ao contrário dos predicadores de evento (os quais admitem adverbiais temporais pontuais), admitem adverbiais durativos:

(36i) \* Aí eu fui lá, **peguei** o material nosso *toda a tarde*.

(37i) \* Eu **pego** um pintor nosso *durante dez horas*.

- (38i) Eu **peguei** só a técnica co'um colega *durante a noite toda*.
- (39i) “Gordo visita” **pega** no pé da cantora *durante todo o programa*.
- (40i) \* Então eu vim buscá ocê primero aqui vô **pegá** ele lá *durante toda a manhã*.
- (41i) O Vasco **pega** outro Rubro-Negro *durante três horas*.

Se levarmos em conta todas as acepções do verbo *pegar* considerado *lexical*, temos que nem todos aceitam adjuntos adverbiais durativos. Os dados (38), (39) e (41) parecem admitir “melhor” a presença dos durativos, enquanto os exemplos (36), (37) e (40) não o fazem. É interessante notar que os últimos contêm aqueles sentidos que podemos chamar de [- metafóricos] em relação aos primeiros. Se considerássemos, assim, o sentido mais literal do verbo e esta primeira regra identificadora, perceberíamos tratar de um predicador de evento. Mais uma forma de indentificar tais processo é por meio da observação de que:

- (ii) Os predicadores de processo, ao contrário dos predicadores de evento, podem entrar na construção *parar + de + V*:
- (36ii) \* Aí eu fui lá, parei de **pegar** o material nosso.
- (37ii) \* Eu paro de **pegar** um pintor nosso.
- (38ii) Eu parei de **pegar** só a técnica co'um colega.
- (39ii) “Gordo visita” pára de **pegar** no pé da cantora.
- (40ii) \* Então eu vim buscá ocê primero aqui vô parar de **pegar** ele lá.
- (41ii) O Vasco pára de **pegar** outro Rubro-Negro.

Nesse teste, podemos perceber que aqueles sentidos menos metafóricos, [- abstratos], de *pegar* (exemplos (36), (37) e (40)) são facilmente reconhecidos como não admitindo a presença da construção proposta. Nos outros exemplos, justamente os mais metafóricos, tal construção parece ser mais possível de ocorrer. Logo no início desta seção, foi apresentada a citação do texto que indicava ser a análise adequada ao sentido literal do verbo. Se assim considerarmos, temos que o verbo *pegar*, em sua forma literal, pode ser encarado como um predicador de evento.

Mateus et al (1983) propõem, ainda, que à relação semântica que cada argumento nuclear mantém com o predicador é chamado de função semântica desse argumento. Dentre elas, temos a função de: paciente, neutro, origem, objeto, experienciador, recipiente, locativo, agente e posicionador. Apesar de a análise apresentada acima ter demonstrado que algumas vezes o verbo *pegar* funciona como de processo e às vezes como de evento, observamos que a teoria de papéis temáticos por

ela proposta não se aplica aos nossos dados. Isso acontece já que a autora afirma ocorrer nos predicadores de processo apenas os papéis de *experenciador*, *origem*, *objeto*, *recipiente* e *locativo*. Percebemos em nossa análise, porém, que os papéis acumulam em todos os dados, sobretudo, as funções de *agente* e *paciente*<sup>16</sup>.

Outro fato relevante observado nos dados diz respeito à transitividade verbal. Notamos que a esquematização *Agente*, *Verbo*, *Paciente* é a predominante nas transitivas diretas básicas. De 159 dados do *pegar lexical*, apenas 9 deles são correspondentes a um sintagma preposicionado que segue ao verbo. A fim de observar a transitividade verbal dessas construções preposicionadas, resolvemos destacar a presença das mesmas em nosso texto. Vejamos os dados que seguem:

(42) adoeci...coitadim...levô com boa vontade...depois foi passado uns dia, eu num sei que batida que ele arrumô aí pra lá aí, quebrô a perna, o moço...até ele é irmão do meu genro...meu genro mora na cidade (inint)...ah mia fia, aquilo pra mim foi a maior tristeza, né? coitadim...então ta:...o pai dele **pegô** com Nossa Senhora da Aparecida, fez a promessa pra ele...então eu pa ajudá a pagá a promessa dele, que fez um benefício pra mim, né? (Conceição de Ibitipoca – APA)

No exemplo acima, temos uma espécie de uma expressão parcialmente aberta a qual demonstra apresentar restrições semânticas. Tal fato ocorre já que não podemos “completar” o *pegar com* com qualquer nome. Essa expressão só faria sentido se completada com palavras que fazem referências a deuses ou entidades religiosas, já que a mesma denota a idéia de *ter fé*. Sendo assim, não podemos dizer que o verbo *pegar*, nesse contexto, seja transitivo indireto, afinal, teríamos que encarar o *pegar com* como um todo, uma única expressão. Sabemos que *o pai dele* funciona como um experienciador de um estado psicológico/religioso e que *Nossa Senhora* funcionaria como *paciente*. Observem os próximos dados:

(43) INQ.- Onde trabalha, né?  
INF.- Onde nós trabaiava.  
INQ.- Então a senhora **pegou** na enxada, dona APA? (Conceição de Ibitipoca – APA)

(44) eu falei "tá". dez, onze, meio dia eu **pegava** no serviço meio dia. deu duas horas eu liguei pra ele já ninguém atendia. eu fiquei de buscar, eu falei eu te pego pra ficar mais fácil perto do bretas eu tenho que ir pra embratel eu te pego, eu pe-, eu perdi o sábado inteiro, isso uma das vezes= (Procon/audiência Gesso)

---

<sup>16</sup> Consideraremos, em nossa análise, a nomenclatura *paciente* como sendo a mesma que *tema* e *também objeto*. Isso será feito já que, segundo Caçado (2005:113,114), o tema é a entidade deslocada por uma ação e o objetivo é a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, seja afetada por algo. Se levarmos em conta o que é considerado em todo o texto, o verbo *pegar* pressupõe uma idéia de movimento que seria, conseqüentemente, refletida no nome, sendo sempre o nome uma entidade deslocada. Sofrer efeito de alguma ação havendo mudança de estado (como no paciente) ou não sofrê-la (como no objetivo) não faria grande diferença nas conceituações já que, como explicitado, Mateus (1983) afirma que a *mudança de estado* pode se referir a mudança de lugar.

No caso em questão, o verbo parece funcionar como uma expressão, mas esta não é dicionarizada. Casos como estes, de verbo seguido de preposição, são mais raros nas construções com *pegar*. O uso de *pegar*, nesses casos, enfatizam as diferentes visões de *trabalhar* existentes. É como se uma expressão fosse parcialmente aberta para dar conta do *frame* de trabalho que é diferente nas distintas regiões e situações. Dificilmente, por exemplo, um alto executivo, em uma conversa com um colega de trabalho, diria que estava indo para o escritório *pegar na enxada*. Isso apenas ocorreria em uma situação mais informal e bastante específica. Neste caso, então e mais uma vez, não podemos dizer que o *pegar* funciona como *transitivo indireto*, mas sim como um verbo que porta as diferentes noções de trabalho. O sujeito, nos dois casos, é agente, demonstrando, novamente, a regularidade agentiva do verbo *pegar*. Vejamos os dois exemplos abaixo:

(45) o problema é o seguinte se eu tiver errado cês não reparam eu já tenho limite “ô ce ta sumido não vem mais aqui na sinuca” aí eu falei é “não to assim disposto não to passando bem” “o que que o senhor tem?” “ah é muita dor assim” eudigo eu minto mesmo mas não vou la eu vô na sinuca pra quê?eu não vou jogar sinuca mais porque eu não jogo eu não seem **pegar** no taco mais que eu to tremendo a toa chego lá não tenho prazer tenho um leve prazer um dia um outro faze uma besteira ficar só todo mundo rindo na gozação eu não to fazendo gozação mais com ninguém e muito menos ninguém me goze então porque eu vô lá? (Zona da Mata – Vivi e Josué)

(46) ah não...aí tamém não...ué mas a últim/o último enterro que fui foi do avô da minha prima assim...que eu nem tinha muito contato...mas eu cheguei lá...eu vi aqueles netin tudo pequeninim passano a mão no avô e a mãe fazia assim...ela mandava/a tia da minha prima fazia assim ô meu filho **pega** aqui no dedo do vovô olha aqui...aqui comé que tá gelado comé que tá duro (inint) (Zona da Mata – Vivi e Josué)

Nos exemplos (45) e (46), temos dois casos de *sujeito agente* seguidos do verbo *pegar* e de um *tema*. De acordo com a Gramática Tradicional, os verbos acima seriam considerados intransitivos seguidos de adjuntos adverbiais de lugar. Consideramos, porém, que *no taco* e *no dedo do vovô* completam o sentido do verbo e funcionam como *objetos indiretos* do verbo polissêmico. Porém, o mesmo não ocorre no dado abaixo:

(47) A gente...a gente que num... num aceita muito bem...Não...num é questão de num aceitá não [(inint) sempre é **pego** de surpresa né? (Zona da Mata – Vivi e Josué)

Nesse exemplo, o verbo *pegar* se encontra na voz passiva, em que o tema é *a gente* e o agente da passiva está omitido. *Pego de surpresa* já é uma expressão cristalizada e convencionalizada e, com isso, não resta dúvidas de que não pode ser classificada como transitiva indireta, por formar *um todo* com a locução preposicionada *de surpresa*.

(48) INF.- Num quero, num quero mais come nem carne de frango...de vez em quando, de vez em quando a gente fica com medo, né? diz que a gripe dele fica debaixo da asa, né?(risos) cruz credo Ave Maria,né?  
 INQ.- [a gripe] **Pegá** na gente, né dona APA?  
 INF.- É:...Deus me livre, cruz credo.  
 INQ.- Corrê de doença, né? (Conceição de Ibitipoca – APA)

Em (48), *a gripe* funciona como *causa* e *na gente* funciona como *alvo/prejudicado* da ação. Assim como na análise de (45) e (46), consideramos que temos aqui um exemplo de *pegar* funcionando com *verbo transitivo indireto*. É interessante notar, também, que o emprego da preposição *em* vem reforçar a noção de movimento que defendemos existir no *pegar*, em que *a gripe entra na gente*. Para finalizar os verbos seguidos de preposição, temos dois exemplos, ambos que funcionam como expressões mais cristalizadas em nossa língua:

(49) INF.- Bom eu...assim...tá difícil de lembrá...muita coisa me ocorreu.  
 INQ.- Teve um ano que **pegaro** no pé da Graça...fizero três versos pra da Graça.  
 AUX.- Seguido, né? atrás do otro.  
 INQ.- Ela apareceu muito aquele ano (Conceição de Ibitipoca – FAB)

(50) “Gordo visita” **pega** no pé da cantora em seu estúdio em Campinas  
 (Tribuna de Minas – 1 novembro 2006)

Além desses *pegar* seguidos de preposição, faz-se importante destacar também aqueles verbos que se revelaram em expressões mais cristalizadas, em verbos suporte e, ainda, que apresentaram uma distribuição de papéis temáticos diferenciados daqueles sobretudo encontrados (agente-verbo-paciente). Como são poucas as ocorrências com tais características, listamos as mesmas abaixo:

(51) INF.- Não sei, não sei... mas deve sê uma figuera, algum tipo assim de madeira, dessa espécie.  
 INQ.- Será que ela **pegô** fogo, por isso que ficô oco?

INF.- Possivelmente, né? porque naquela época também aconteciam muitos incêndios, né? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

(52) INF.- Tomô... eu tomo um chá, eu faço xaropim de horta, junto no mei do mato aqueles camarazim, (fruta de loro), vô juntano aqueles punhadim (prendeno e debaixo aquele lambedô) pra í bebendo pra (cudí) a pedra, pra num **pegá** (inint).[gripe]

(53) INF.- É que...que num pode bicho rápido carregá os umbigo, né?...muitos guardava na latinha...muitos enterrava no...nos pé de rosa mais diz que num pode.  
 INQ.- Não?...por quê?

INF.- Que a rosa tem espinho,né? (inint)

INQ.- Aí é...(pega o sofrimento).

INF.- É...sofrimento ué...é bom enterrá diz que é assim aonde tem um pé de flor...assim um cravo cheroso. (Corpus Conceição de Ibitipoca)

(54) INF.- Já benzeu a senhora?

INF.- Já, ele já be...ele já me benzeu.

INQ.- De quê?

INF.- Assim do...tava cá cabeça doeno...(depois que eu **peguei** um vento, ele benzeu) (inint).

INQ.- Ahan...e foi bom? (Corpus Conceição de Ibitipoca)

(55) “não eu tô aqui com ele..peguei carona com ele”. “comé que ele chama?” “não sei o nome não”. “não sabe o nome?..fala a verdade cara” “**peguei** carona com ele” “fala a verdade rapá..como é que ele chama?”“só sei o apelido dele”..”qual o apelido dele?” “Gugu”(gargalhadas) num agüentei não (olha a cara da mãe)(Juiz de Fora e arredores)

(56) e fizeram essa volta aí... e passamo lá e **pegamo** uma chuva mas esse aí já de ônibus já de ônibus (Juiz de Fora e arredores)

Temos que os exemplos (51), (52) e (53) funcionam com o verbo *pegar* como um *verbo suporte* em que *pegar fogo* é o mesmo que *incendiar*, *pegar gripe* é sinônimo de *gripar* e *pegar sofrimento* é análogo a *sofrer*. Neste último, é interessante perceber que, como sofrimento é uma experiência psicológica, o sujeito de (53) funciona como um *experenciador*. O mesmo ocorre na expressão *pegar um vento* (em (54))que significa, na Zona da Mata, *ficar doido*. Tanto em (55) quanto em (56) acreditamos ter expressões. *Pegar carona* é mais cristalizada pois não conseguimos substituir o nome *carona* por outros com ele parecido em alguma instanciação. Já em *pegar chuva*, *chuva* funcionaria como *causa* e poderia ser substituída somente por outras palavras que expressassem fenômenos da natureza e/ou climáticos como *pegar sol*, *pegar neve*, *pegar tornado* etc. Este caso demonstra-nos restrições que podem ocorrer dentro de um dos sentidos polissêmicos do verbo, o que se mostrou interessante e importante de ser destacado.

Com tudo isso percebemos que o verbo *pegar lexical* se apresenta sobretudo em construções agentivas transitivas diretas. Notamos que, quando isso não ocorre ou quando há a presença de preposições na construção, temos, na maior parte das vezes, o uso de expressões cristalizadas e/ou verbos *pegar* que funcionam como *verbo suporte*. Tal fator pode demonstrar uma alteração também nos papéis temáticos que deixam de ser apenas *agente-paciente* para figurar como *experenciador* e *causa*, por exemplo. Algumas restrições semânticas também puderam ser notadas nas construções, o que revela as diferentes facetas do verbo *pegar*.

### 3.6- Aplicação do Goldvarb aos Dados

Para a análise polissêmica, decidimos fazer uso de um método quantitativo com objetivos qualitativos. Para isso, estabelecemos cinco conjuntos de grupos de fatores que visam a perceber ocorrências nos diferentes esquemas propostos (que é a variável dependente). Tais grupos dão ênfase à realização sintagmática do objeto direto, se o

mesmo é mais concreto ou abstrato, a estrutura informacional desse elemento e a forma/tempo verbal do *pegar*. Observemos a análise dos dados, em que primeiro apresentamos os dados do corpus escrito pesquisado e, em seguida e em confronto, do corpus falado.

Vejamos como se realiza o objeto direto no corpus escrito que, apesar de mínimo, se mostrou produtivo quanto à polissemia do *pegar*.

A critério de checagem da realização sintagmática em cada esquema, propomos a tabela abaixo<sup>17</sup>:

<b>GRUPO</b>	<b>Esquema 1</b>	<b>Esquema 3</b>	<b>Esquema 4</b>	<b>Esquema 5</b>	<b>Esquema 6</b>	<b>Total de dados</b>
Sintagma	8 60%	1 6%	1 6%	1 6%	3 22%	14

Quanto à realização do objeto direto, este se mostrou preenchido apenas por sintagma - seja preposicionado, seja nominal, dando-se a presença do pronome apenas no corpus falado.

Em contraste a esses dados, temos que no corpus falado, o objeto direto se realizou como sintagma, zero ou pronome, o que podemos ver abaixo:

<b>GRUPO</b>	<b>Esquema 1</b>	<b>Esquema 2</b>	<b>Esquema 3</b>	<b>Esquema 4</b>	<b>Esquema 5</b>	<b>Esquema 6</b>	<b>Total de dados</b>
Sintagma	65 66%	7 7%	4 4%	16 16%	3 3%	0	96
Zero	24 64%	5 13%	3 8%	3 8%	1 2%	1 2%	37
Pronome	3 25%	0	1 8%	4 33%	4 33%	0	12

Vemos que, no esquema 1 ocorre a maior parte das realizações do objeto direto como sintagma e como categoria vazia. Já a ocupação da posição de objeto direto como pronome se dá, sobretudo, nos esquemas quatro e cinco. Interessante é, também,

<sup>17</sup> As tabelas serão lidas horizontalmente. Por causa disso, optamos a colocar ao lado da porcentagem os números aproximados de dados.

explicitar que percebemos a ocorrência maior de pronomes oblíquos tônicos ocupando a posição de objeto direto no esquema 4 (como em "a cobra pegou ele") e de pronomes oblíquos átonos no esquema 5 (como em "eu te peço"). Notamos que esses dados podem ter relação com o tipo de movimento entre contêineres propostos para ambos os esquemas. Tal noção ocorre já que o movimento entre eles é o mesmo (movimento de A para B) e há mudança apenas no contêiner.

Observemos a realização do objeto direto:

Tabela 3: <i>Realização do objeto direto no corpus escrito</i>						
GRUPO	Esquema 1	Esquema 3	Esquema 4	Esquema 5	Esquema 6	Total
Concreto	8 57%	1 7%	1 7%	1 7%	3 21%	14

Quanto à concretude ou não do objeto, nos dados escritos analisados, vemos que todos eles ocorrem como [+ concretos], sendo que a maior parte deles se concentra como pertencente ao esquema 1, seguido do esquema 6.

Nos corpora de fala, ambos objetos apareceram, sejam mais abstratos ou mais concretos:

Tabela 4: <i>Concretude do objeto direto no corpus falado</i>							
GRUPO	Esquema 1	Esquema 2	Esquema 3	Esquema 4	Esquema 5	Esquema 6	Total de dados
Concreto	92 68%	8 6%	3 2%	20 15%	7 5%	1 0,7%	134
Abstrato	1 9%	3 27%	5 45%	2 18%	0	0	11

Percebemos que o esquema 1 é aquele que mais detém objetos concretos, tanto na escrita quanto na fala, apontando para o fato de que pode ser esse mesmo o esquema mais básico dentre as construções com o *pegar*, o que contempla a proposta de gramaticalização. Já o esquema que contém objetos mais abstratos é o esquema 3. Em tal esquema, o sujeito funciona, nas ocorrências encontradas, como paciente. Já o esquema 6 apresentou um número ínfimo de realização do objeto direto, sendo este mais marcado nos dados de escrita correspondentes a esse mesmo esquema. Veremos, ainda, que esse objeto direto, especificamente, pode apenas ser reconhecido como dado situacionalmente.

É relevante perceber que, tanto no corpus escrito quanto no falado, a maior parte dos objetos diretos se realizam como novos. Observemos:

**Tabela 5: Realização do objeto direto no corpus escrito**

<b>GRUPO</b>	<b>Esquema 1</b>	<b>Esquema 3</b>	<b>Esquema 4</b>	<b>Esquema 5</b>	<b>Esquema 6</b>	<b>Total de dados</b>
Dado	6 100%	0	0	0	0	6
Novo	2 25%	1 12%	1 12%	1 12%	3 37%	8

Quanto à estrutura informacional do objeto direto novo, no corpus escrito, observamos que todos os objetos diretos dados ocorrem no esquema 1. Já os objetos diretos novos ocorreram de maneira distribuída, concentrando-se sobretudo nos esquemas 1 e 6. Ambos os esquemas envolvidos pertencem aos distintos e opostos graus de concretude. O esquema 1 é o mais concreto e o esquema 6 é o mais abstrato. Talvez isso indique para um tipo de mudança no que tange aos objetos diretos. Sabemos, porém, que antes de realizar propostas desse tipo, necessitamos de um estudo mais aprofundado e mais dedicado a este tipo de análise.

Vejamos a próxima tabela:

**Tabela 6: Estrutura informacional do objeto direto no corpus falado**

<b>GRUPO</b>	<b>Esquema 1</b>	<b>Esquema 2</b>	<b>Esquema 3</b>	<b>Esquema 4</b>	<b>Esquema 5</b>	<b>Esquema 6</b>	<b>Total de dados</b>
Novo	50 59%	6 7%	5 6%	16 20%	5 6%	0	82
DadoA	42 71%	5 8%	3 5%	6 10%	3 5%	0	59
DadoB	2 50%	1 25%	0	0	0	1 25%	4

No que tange à estrutura informacional do objeto direto na fala, vemos que a maior parte dos objetos ocorrem como informações novas, sendo que a 59% delas se encontra no esquema 1. Isso pode se dever ao fato de tal esquema ser aquele [+concreto], ou seja, o esquema que é composto por um sujeito agente e um objeto paciente, em que, na maior parte dos casos, esse objeto está diretamente disponível. O objeto direto como informação dada aparece em 59 ocorrências das 145 totais. Dos 145, quatro deles foram considerados como situacionalmente disponíveis (Dado B). Achamos estes relevantes pois, apesar de serem também *dados*, tais objetos não são reconhecidos pelo contexto escrito, mas pelo pragmático, já que o corpus da Zona da

Mata se constitui de gravações em interações de fala entre famílias ou amigos (em situações cotidianas, como almoçando em uma mesa ou assentados em uma sala conversando). Dessas interações, informações que são entendidas apenas contextualmente ocorrem. Vejamos um exemplo de tal fato:

(57) é a igreja num se num se mete nessas questões né...() ce **pega** () pra mim por favor... mas lá é muito legal... bunitu. (Juiz de Fora e Arredores - PN)

No dado de fala acima, temos que o falante, muito provavelmente, apontou para algum alimento ou algo que estava em cima da mesa onde, à sua volta, as pessoas comiam e conversavam. Esse tipo de dado foi considerado por nós como um exemplo de um objeto direto dado e reconhecido apenas situacionalmente.

Outra informação que poderia se mostrar relevante é perceber se alguma regularidade havia entre as formas verbais utilizadas, qual seria ou não predominante. Então, por último, no que concerne ao corpus escrito, temos que as formas verbais do *pegar* variam da seguinte forma:

<b>GRUPO</b>	<b>Esquema 1</b>	<b>Esquema 3</b>	<b>Esquema 4</b>	<b>Esquema 5</b>	<b>Esquema 6</b>	<b>Total de dados</b>
Presente do indicativo	5 71%	0	1 14%	0	1 14%	7
Pretérito perfeito	2 57%	0	0	1 22%	1 21%	4
Infinitivo	1 33%	1 33%	0	0	1 33%	3

Vejamos tais ocorrências no corpus falado:

<b>GRUPO</b>	<b>Esquema 1</b>	<b>Esquema 2</b>	<b>Esquema 3</b>	<b>Esquema 4</b>	<b>Esquema 5</b>	<b>Esquema 6</b>	<b>Total de dados</b>
Pretérito Perfeito	18 50%	1 2%	5 13%	8 22%	3 8%	1 2%	36
Infinitivo	27 73%	2 5%	1 2%	6 13%	2 5%	0	38
Presente do indicativo	45 73%	8 14%	0	6 8%	2 3%	0	61

Pretérito imperfeito	2 25%	0	0	5 62%	1 12%	0	8
Gerúndio	0	0	2 100%	0	0	0	2

O *pegar* no presente do indicativo foi o mais utilizado na fala - assim como na escrita -, aparecendo em 61 das 145 ocorrências. Logo após, vemos que o *pegar* ocorreu 38 vezes em sua forma infinitiva e 36 vezes no pretérito perfeito do indicativo. Os casos de pretérito imperfeito concentram-se no esquema 4, embora se reconheça o número pequeno de células.

É interessante perceber também algumas peculiaridades nas ocorrências das construções com o *pegar*. Vimos que o esquema 6 ocorre sobretudo nos dados de escrita, sendo, ainda assim, pouco relevante, se considerarmos o número de dados. Já o esquema 1 é aquele que mais apresentou dados nas duas modalidades: tanto na fala quanto na escrita. Notamos, também, que os sujeitos são categoricamente realizados por sintagmas na escrita, o que já era esperado. Vemos, porém, que nos dados de fala os sujeitos se realizam principalmente por sintagmas e zero. Podemos dizer que, talvez, a preferência por sintagmas esteja relacionada à idéia de concretude ou marcação de animacidade do sujeito. Em relação ao objeto, observamos que ele possui maior concentração de informação nova, tanto no corpus de fala quanto de escrita, o que pode demonstrar a saliência de tal informação em relação àquilo que é dado.

Outro dado relevante diz respeito ao emprego de preposições após o verbo *pegar*. Foi possível notar que essas preposições não introduzem um objeto indireto, mas sim adjuntos. Podemos dizer que as expressões *pegou no pé* e *peguei no serviço* parecem ter partido de uma relação de adjunção e hoje apresentarem tendências à expressão cristalizada. Já a forma verbal mais significativa com o *pegar lexical* é aquela que possui o tempo presente do indicativo. Em contrapartida, a construção que não é foco de análise quantitativa neste trabalho, que é a construção de *pegar no discurso*, apresenta como a forma verbal mais significativa a do pretérito perfeito, com 77% das ocorrências de V1 e V2 em tal tempo verbal. Talvez isso se deva ao caráter narrativo de uso dessa construção. Já que o *pegar no discurso* dramatiza aquilo que é dito, nas narrativas orais, de fatos ocorridos com as pessoas cotidianamente, opta-se por usar tal construção que permanece, sobretudo, no pretérito perfeito. Além disso, é importante ressaltar que esse tipo de construção costuma ocorrer apenas em contextos mais informais.

Como vemos, as construções com o verbo *pegar* são as mais diversas. As que foram neste tópico analisadas dizem respeito àquelas construções demarcadas mais acima como *lexicais*, pois contêm objeto direto especificado. Além desses, temos aquelas construções que foram denominadas de *pegar no discurso e as de valores gramaticais*. É neste último grupo que focaremos análise agora, em especial àqueles marcadores aspectuais encontrados em nossas pesquisas.

### **3.7- A Marcação Aspectual com *Pegar***

Como já sabemos, alguns verbos ou morfemas podem, em várias línguas do mundo, através de seu sentido delinear ou modificar o contorno temporal de certa situação. Entretanto, vários autores tentaram estabelecer valores marcadores de aspecto nas línguas particulares e perceberam que as indicações de marcação de aspecto estão freqüentemente em conflito.

Segundo Bybee (1985), dentro do *corpus* por ela estudado, a distinção mais comum encontrada nas línguas é entre perfectivo (visto como pontual, momentâneo) e imperfectivo (valores como durativo ou contínuo). Em segundo lugar, a distinção mais comum é entre habitual e contínuo, os quais são vistos como subdivisões do imperfectivo. Além disso, essa mesma autora postula que existem evidências de que esses parâmetros são relacionados e são válidos entre as línguas. A autora observa, ainda, que os sentidos expressos pelas construções com verbos auxiliares são mais comumente ligados à distinção habitual/contínuo que a distinção perfectivo/imperfectivo. Um dos tipos de marcação de aspecto é ligado à idéia de início da situação ou entrada em um estado. São termos que denominam essa idéia (cf. Bybee 1985:147) o incoativo, ingressivo e inceptivo. De acordo com Comrie (1976 apud Bybee, 1985), os sentidos acobertados geralmente pelo perfectivo nas línguas é precisamente o inceptivo. Ele funciona como uma espécie de subdivisão do perfectivo. Bybee (1985) afirma que o sentido inceptivo apenas foi marcado pelos auxiliares em poucos casos. Outra afirmação interessante da autora diz respeito à observação de que, algumas vezes, a fonte de um inceptivo é um verbo de movimento. Tal observação se faz válida, já que entendemos ter encontrado, em nossos dados, *pegar* marcadores aspectuais inceptivos.

Temos, ainda, que os verbos aspectuais formam-se por meio de perífrases e podem indicar, de acordo com Neves, (2000:63):

- a) início do evento (aspecto inceptivo)
- b) Desenvolvimento do evento (Aspecto cursivo)
- c) Término ou cessação do evento (Aspecto terminativo)
- d) Resultado do evento (aspecto resultativo)
- e) Repetição do evento (...)

Em nossos dados de fala, encontramos V1 marcadores de aspecto. Inclusive, em conversas informais notamos ser freqüente o uso desses *pegar* aspectuais, que se mostraram escassos – porém presentes – em nossos *corpora*. Passamos, então, a uma rápida análise desses dados aspectuais. É importante, contudo, perceber que eles não fazem parte daquilo que vem a ser comparado com as CFFs de Rodrigues (2006), já que têm flexões e funções diferentes na língua. Enquanto aqueles que aqui chamamos de *pegar no discurso* têm V1 e V2 flexionados no mesmo tempo verbal, aqueles marcadores de aspecto têm V1 (*pegar*) flexionado e V2 no infinitivo. Observe o exemplo desse segundo tipo aqui explicitado<sup>18</sup>:

- (58) INF:Foi, o primero.  
 INQ:Nossa, então foi um susto pra senhora.  
 INF:Ah...custô pra melhorá...o calombo dele, aí eu **peguei passá** é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu.  
 INQ:E, mas ele tomô o remédio de farmácia ? (Corpus Conceição de Ibitipoca – MN)

Após contextualizado o exemplo, centraremos na construção aspectual:

- (59) Aí eu **peguei passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

Neves (2006), para apresentar a marcação de aspecto no português, usa de diversos verbos que indicam tal noção. Aplicamos essa idéia ao dado por nós encontrado com *pegar*. Vejamos se a marcação de aspecto com esse verbo pode ser bem demarcada se o substituímos por outro:

#### A) Marcando aspecto inceptivo

- ✓ Aí eu **desandei passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.
- ✓ Aí eu **comecei a passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

<sup>18</sup> Nos nossos dados encontramos *pegar aspectuais* com a formação Verbo *pegar* + Outro Verbo. Notamos, porém, em conversas informais, que algumas vezes o aspectual funciona com a preposição *a* figurando entre os verbos.

- ✓ Aí eu **passei a passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.
- ✓ Aí eu **pus a passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

#### B) Marcando aspecto cursivo

- ✓ Aí eu **continuava passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.
- ✓ Aí eu **ficava a passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

#### C) Marcando aspecto terminativo

- ✓ Aí eu **acabara de passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.
- ✓ Aí eu **terminei passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

#### D) Marcando aspecto resultativo

- ✓ \*Aí eu **ficou passado** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

#### E) Repetição de evento

- ✓ Aí eu **tenho passado** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.
- ✓ Aí eu **costumo passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.

Como podemos perceber, apesar das alterações causadas às formas verbais, àquela que corresponde, de fato, ao que é declarado no dado de fala destacado em (53) pode ser, mais fielmente, reproduzido por A – marcador de aspecto inceptivo e/ou iterativo (repetição do evento). O aspecto iterativo pode ser observado nesse exemplo devido ao fato de o falante anunciar que *usava todo dia* o óleo de Nossa Senhora da Aparecida. Em 60, vemos que é possível essa construção com *pegar* se realizar marcando preferencialmente aspecto iterativo, além do aspecto inceptivo, já que há uma idéia de início e de uma certa continuidade da ação. Vejam:

(60) Aí eu **pegava passá** óleo de Nossa Senhora Aparecida em cima do cacuruto dele.<sup>19</sup>

Neste caso, teríamos alterado o tempo verbal. Porém, podemos dizer que este dado parece bem próximo ao real, o que indica a idéia de que os falantes utilizam essa

---

<sup>19</sup> Este dado, com o tempo verbal no pretérito imperfeito, é construído com base no encontrado por nós, em que *pegar* aparece no pretérito perfeito.

construção, apesar de não a termos encontrado em nossos *corpora*. Percebam que essa construção também denota marcação de aspecto cursivo, sendo este, porém, aquele aspecto denominado cursivo (peculiar ao imperfeito, cf. Travaglia, 1985) e também inceptivo.

É importante observar que, apesar de ter seu uso especializado como marcador aspectual, o verbo *pegar* ainda se mantém ligado, do ponto de vista semântico, aos seus usos como verbo pleno. Isso se deve à manutenção da noção de movimento, embora muito abstrata nesse contexto.

Se considerarmos a clássica metáfora de que "tempo é espaço" (cf. Lakoff & Johnson, 2002), a qual implica na de que "deslocamento pelo espaço é deslocamento no eixo do tempo", iremos notar que é a noção de movimento intrínseca ao sentido do verbo *pegar* que o habilita a especializar-se como marcador aspectual inceptivo, já que, através dela, marca-se o início do deslocamento no tempo, metaforizado como espaço.

Assim, em última instância, mesmo em um uso altamente especializado como marcador aspectual, o verbo *pegar* não se desprende da rede polissêmica estruturada pela noção de movimento que subjaz, também, a todos os seus sentidos plenos.

Encontramos um número ínfimo de dados de *pegar* marcando aspecto. Entretanto, não podemos deixar de destacá-los pois são características relevantes para confirmar a idéia de que as construções com *pegar* compartilham diversos aspectos com as construções de verbos seriais (o que será ressaltado na próxima seção) e, como vemos e, em especial com as aspectuais. Tal fato pode apontar em direção a uma mudança do verbo, o qual passa a exercer novas funções na língua. Por termos encontrado poucos dados, acreditamos que o fato de *pegar* marcar aspecto é novo na língua e tem tendência a aparecer com mais frequência com o passar do tempo. Daremos destaque agora a uma construção que parece análoga, mas que deve ser estudada separadamente por conter algumas peculiaridades semânticas e formais necessárias à explicação da polissemia do *pegar*.

### **3.8- Pegar no Discurso e Suas Marcas Polissêmicas**

Ao se trabalhar com as CFFs, Rodrigues propôs que em alguns pontos, as construções com verbos seriais e as construções estudadas se assemelhavam, pois tinham em comum:

- (i) a construção possui mais de um verbo flexionado;

- (ii) não há contraste entre as flexões verbais desses verbos(...);
- (iii) o morfema de negação incide sobre um dos verbos, mas tem escopo sobre toda a construção;
- (iv) há compartilhamento de argumento externo sujeito;
- (v) a construção descreve apenas um evento;
- (vi) alguns tipos apresentam uma conjunção coordenada ligando V1 e V2. (Rodrigues 2006:136)

No parágrafo transcrito da autora em nosso capítulo teórico, a mesma afirma que, em relação às construções seriais, as CFFs não marcavam aspecto, o que seria considerado um fato importantíssimo e prezado pelas CVSs. De fato, vemos que as construções com *pegar* portadoras de uma noção aspectual são aquelas abordadas mais acima, as quais não podem ser consideradas como seriais, uma vez que não têm uma característica básica dessas construções apresentada no capítulo teórico: o fato de V1 e V2 compartilharem tempo, modo e aspecto verbais.

Quanto às construções com *pegar* que se aproximam às construções seriais, temos aquelas que têm sido aqui consideradas como ligadas a noções discursivas, em que o *pegar* se associa a uma construção de discurso reportado ou, até, a outros tipos construcionais – como os verbos transferenciais, por exemplo. Essas construções são ligadas a uma noção de dramaticidade que causam no discurso. Porém, não devemos afirmar que apenas através dessa idéia que as construções se ligam semanticamente, caracterizando uma polissemia. Pelo contrário, temos nelas, assim como nas outras que acabamos de analisar, a noção de movimento entre contêineres. Acontece que não se observa, ao contrário das vistas acima, alguma ligação tão clara que possa ser relacionada a contêineres. Entende-se que essa última noção se perdeu mais (ou tornou-se mais abstrata) no processo de mudança. Porém, não podemos dizer que a idéia de contêiner se perdeu totalmente, o que se pode observar no processo de mudança semântica que levou às construções mais ligadas ao discurso, às quais nos referimos nesta seção.

Na análise teórica, vemos que a maior parte dos autores que tratam do estudo das construções seriais as vêem como formadas por dois verbos que trazem o sentido de um verbo só. Isso ocorre nas construções que chamamos de *construções no discurso com pegar*. Vimos, também, que Kinney (1982) observa construções com o *pegar* (*pegô* e *botô*) como constantes dentro do agrupamento de construções com verbos seriais. Durie (1997) observa que em Sranan:

Os verbos são fixos, o V2 “colocar” fixo só se combina com o v1 que seja um verbo manuseável envolvendo mudança de localização em seus objetos, como “puxar”, “carregar”, “pegar”. O efeito do uso do colocar é produtivo e preditível: pega como seu

objeto o lugar para o qual o tema do verbo seguinte é recolocado. (Kinney, 1982:384 apud Sebba 1987:47)

Tal fato demonstra que o mesmo pode ser associado ao verbo *pegar*, o qual também é ligado à idéia de movimento, a qual defendemos deixar resquícios em todos os tipos de construção com esse verbo. Por último, é importante ressaltar que Givón (1991) assume como um tipo de agrupamento de verbos seriais aqueles que são co-lexicais e que criam um conceito verbal mais complexo. Talvez seja nesse agrupamento que as construções com *pegar no discurso* se encaixam, afinal o verbo *pegar* funciona de forma a tornar o discurso mais complexo, indicando uma idéia/noção de adversidade discursiva, o que será demonstrado mais abaixo.

### 3.8.1- As Construções com Pegar Associadas ao Discurso Reportado

Muitas vezes, o *pegar* é usado na fala como introdutor de discurso reportado. Essa introdução não se dá, porém, de maneira mais canônica, como marcando apenas a existência de um discurso direto que há por vir, tal qual ocorre com aqueles verbos que são chamados de verbos de elocução ou *dicendi*, verbos considerados coringas.

A respeito de tal construção, propomos, primeiramente, a existência de uma construção “PEGAR (E) (X) (E)”, em que (E) e (X) representam, respectivamente, a conjunção “e” e um verbo, os quais podem ou não estar presentes na construção. Tal construção pode se cristalizar como o construtor de um espaço-mental que introduz troca de turno no discurso reportado ou tipo de discurso - mais especificamente, a mudança de discurso indireto para direto.

Assim, o *pegar* pode ser encarado como um *space builder* (Fauconnier, 1997), ou seja, como uma expressão gramatical que fornece um substrato para a abertura de um novo espaço-mental ou mudança de foco para um espaço-mental existente. Assim, como afirmado por Rocha (2000), “dentro da Teoria dos Espaços Mentais, os *space-builders* desempenham função relevante. São marcas lingüísticas que sinalizam a existência de constructos mentais específicos, permitindo a conexão pragmática entre domínios epistêmicos diferentes e a descrição da relação entre elemento e contraparte, seja em termos de imagem, crença, hipótese, tempo, drama ou volição”. Observe como esses construtores de espaço mental agem nos exemplos de dados de fala selecionados abaixo:

- (61) aí ele ainda me mostrou, no quarto aonde ela tá falando ali, no projeto que ela fez com a (gessoteto) teria forro igual cê tá vendo aqui. nós sugerimos (tipo isso aqui) só que fechando no teto, tá. não é forro liso igual a gesso teto ia fazer era morrendo no teto lá em cima. eu **peguei** e falei com ele, "ó eu quebrei aqui que vou ter que passar a fiação" (Procon/JF)
- (62) a sala dela deu um problema técnico, de execução , não tinha no projeto da menina os tubos passando, depois passaram a ter, entendeu. então foi sugerido em função do que ocorreu um detalhe, por vários detalhes a gente sugeriu e deixou eles decidirem, um dia o esposo dela **pegou** e falou as- eu quero parar o serviço. Ele também não falou eu quero parar definitivo, de repente falou quero parar pra poder ver o que podia ser feito ( ) não retomou mais, ele não falou mais. aí eu fui lá, peguei o material nosso (1.45) aí depois ele quis negociar o valor de novo , ele alegou que não tinha o dinheiro e tal aí que até fez um acordo do outro valor. e ele não chegou em acordo porque eles não chegaram acordo, ué. mas que parou o serviço foram eles. (Procon/JF-G.)

Em (61) temos um exemplo de um *pegar* que funciona como construtor de espaço mental que aponta para a mudança de tipo de discurso que será proferido. O falante, assim, destaca, por meio desse verbo, que fará a introdução do discurso direto, o que propiciará, na verdade, uma idéia de maior veracidade do que está sendo dito. Talvez pela noção de movimento entre contêineres que, apesar de abstrata, ainda é mantida na construção, o nível de dramaticidade do discurso aumente quando se usa o *pegar*. Além de apontar para o enunciado que será introduzido adiante, o verbo *pegar* também funciona como uma "ponte" que liga o referente da ação ("eu") à ação que realiza. Há, assim, uma aproximação entre o discurso e o falante o que é espelhado por meio do uso do verbo *pegar*.

Já em (62), temos a idéia, marcada pelo falante por meio do *pegar*, de que o turno de fala é transferido a um outro falante (o esposo dela). Assim, visto esses exemplos, podemos afirmar que o *pegar* no discurso assume, apesar de não aparentar à primeira vista, uma idéia de movimento entre contêineres, da mesma forma como os sentidos lexicais do verbo ativam essas mesmas estruturas conceptuais.

Apesar de todo enunciado trazer um certo grau de comprometimento do falante com o valor de verdade do que se assevera, não podemos deixar de destacar, também, que, de certa forma, o *pegar* funciona como um item que reforça a marcação de evidencialidade quando os verbos *dicendi* estão presentes ou o fazem quando eles não estão - o que, ainda assim, marca a introdução de um discurso direto. Boas (1911 e 1938 *apud* Galvão, 2001:61) afirma que a evidencialidade pode se dar, por exemplo, pelo "caso do falante ter que expressar como tomou conhecimento da informação que veicula, e, em 1938, reconhece uma 'categoria origem da informação'". Podemos dizer, ainda, que a evidencialidade pode ser de dois tipos (Willet, 1998 *apud* Galvão,

2001:102): direta (atestada); ou indireta (reportada ou inferida). A mudança de pessoa no discurso, com o uso conjunto do *pegar* + *dicendi* indica, às vezes, a introdução de um tipo de evidência direta ou indireta, como pudemos observar nos exemplos acima.

Há quem pense que este *pegar* no discurso nada mais tem a ver com as noções postuladas até agora relacionadas a um sentido que perpassa todas as instanciações da construção estudada. Defendemos, porém, a idéia de que, ainda neste caso, a construção com o verbo *pegar* traz o movimento entre os contêineres (o que caracteriza a mudança) embutida em seu sentido. Isso porque o que é movimentado nas construções com o verbo *pegar* + verbo *dicendi* é o turno de fala, o qual é movimentado de um falante ou referente<sup>20</sup> para o outro. Assim, o turno de fala é o objeto do movimento e os falantes são os contêineres que assumem tal turno ou discurso. Dessa forma, o falante usa a construção para marcar a mudança de turno em sua fala ou uma mudança de discurso indireto para direto, o que mostra, mais uma vez, que há um sentido comum, básico, do qual as demais estruturas derivar-se-ão.

### 3.8.2- As Construções com Pegar Associadas à Mudança Situacional

Há, ainda, um tipo de construção com o *pegar* que se assemelha bastante ao anterior formalmente e semanticamente. Isso porque ele se utiliza de construções do tipo “PEGAR (E) (X) (E)”, em que (E) e (X) representam, respectivamente, a conjunção “E” e um verbo. Esse verbo, porém, não é aquele conhecido como *dicendi* que fora levantado acima. Na posição (X), diversos verbos indicadores de ação podem ocorrer, como já foi observado na apresentação da proposta de Halliday. Uma observação prévia – mas ainda não aprofundada – demonstrou que esses verbos que ocupam a posição (X) são verbos relacionados ao processo verbal ou material (conforme nomenclatura proposta por Halliday, 1994). Esses verbos, como também foi apresentado no capítulo teórico, são verbos que indicam movimento entre contêineres. Para se melhor observar tal fato, observe que exemplos de verbos os quais ocupam essa posição são: os verbos *dar*, *vender*, *pôr*, *engolir*, *entrar* etc. Veja nos exemplos como esse segundo verbo é associado à noção de movimento entre contêineres:

- (63) INF:É, tanto í lá e num dianta nada, eu fui lá pedi...pelo menos os passe de Lima Duarte pra lá...eles prometeu, que se num mandasse os passe, num desse os passe pr'ela e acompanhante mandava a ambulância levá...chegô lá no dia que ela foi, chegô

---

<sup>20</sup> Consideraremos *referente* aquele que é o responsável pela ação presente ou, mais especificamente, o enunciador do discurso reportado.

lá, lá ele **pegô**... *deu* desculpa com a ambulância tinha outras pessoa mais ruim pra levá, que a ambulância num podia levá ela, e...(quis í) teve que í pagano tamém. (Conceição de Ibitipoca – Aur)

(64) INF.- D'uma vez...essa menina minha que mora aqui trabaiava lá na...na (rua), ela é empregada...mas quando sobrava u...um cadim de tempo ela vinha aqui...aí, né? ela teve aí e eu falei: “oh mia fia, cê fica de olho (inint) que o seu pai tá parecido que ele num tá passano muito bem não”, ah mia fia, eles foi embora, aquele home ficô tão ruim de noite...o que me valeu foi dum home que invinha passano com uns carquejo de mfi no caminho, João, aí eu gritei ele, ele respondeu eu falei: “será que ocê podia me fazê um favore?” de noite... “posso”...cê vai lá fala com a Letícia pra ela vim trazê o José (inint)...aí que ele veio, trouxe o carro, veio até aquela mulhé, aquela (inint) ficô comigo aí no carro...e a menina **pegô**, *entrô* dentro do carro e foi embora co'ele pra cidade...ah::ele tem passado...nóis tem passado muita amargura, mia fia...ah::tem...Nossa Senhora... (Conceição de Ibitipoca – Apa)

Podemos afirmar que não é ao acaso que construções transferenciais se associam. Lembremos que, como apresentado, Fauconnier & Turner (2002) postulam a noção de que as construções se misturam por meio de uma mesclagem oportunista<sup>21</sup> e que nela há a tendência de que sejam mescladas construções com valores semelhantes, o que é atestado no caso em destaque. Assim, teríamos dois verbos que, no caso, indicam movimento entre contêineres que se mesclam em uma mesma construção. Neste caso, não mais A e B são movidos para contêineres, mas *ações são movidas, atribuídas e aproximadas ao referente, o qual pode ser considerado um contêiner*. Durie (1997: 310) encontrou categorias de serialização de movimento em que o verbo de movimento vem em primeira posição e o argumento em movimento é o agente do segundo verbo. O exemplo para tal explicação por ele apresentado é: *A man went watch a dance*. O autor afirma que o verbo de movimento *go* vem no início da série verbal – na mesma posição encontram-se equivalentes de verbo de movimento. Além disso, Durie cria uma generalização de que o verbo que descreve movimento, o qual conduz uma fase subsequente ou um subevento, virá em primeira posição na série verbal e aquele que “descreve” a razão desse movimento (caso do *watch*) virá depois. Assim, percebemos que a noção de movimento é notada em outras línguas e contextos como análogas ao *pegar* em estudo. Aqui, não mais os predicadores A e B são movimentados, mas há uma noção de movimento/aproximação do referente *man* e o verbo *watch*. Notamos que o mesmo ocorre nas construções com o *pegar no discurso*, em que o referente é aproximado da ação.

---

<sup>21</sup> Os autores afirmam que semelhanças formais e/ou conceptuais podem promover a mesclagem de construções. Assim, citam como exemplo a criação, em inglês da palavra *chunnel* para se referir ao Eurotúnel, que liga a França à Inglaterra passando por baixo do Canal da Mancha. Os autores afirmam que a semelhança fonética entre as palavras *channel* e *tunnel*, assim como a proximidade semântica entre elas (dado o contexto do Eurotúnel), permite a mesclagem oportunista que gera *chunnel*.

Vejamos o exemplo (63) reescrito em (65) com a ilustração da seta:

(65)      \* ele **pegô**...      deu desculpa



Observe que em (65) a pessoa que vai até a ambulância o faz com uma expectativa que é a de poder viajar. Acontece que essa expectativa é quebrada assim que o responsável pela mesma “pega e dá desculpa” e não a leva para o local de destino. Vemos, então, que há uma mudança de situação, uma quebra de expectativa, em que algo contrário àquilo que era esperado acontece. A mudança situacional tem se mostrado presente nas construções do tipo aqui postulado. *Uma mudança de situação parece ter uma noção um pouco mais abstrata ainda que a mudança de turno de fala, o que poderia indicar um grau de gramaticalização maior para esse tipo de construção.* Outro aspecto interessante sobre o exemplo (65), que é preciso destacar, diz respeito ao fato de que temos, acompanhado do *pegar*, o verbo *dar* que pressupõe mudança ou movimento de contêiner (quem dá, dá alguma coisa a alguém – esse alguém passa a ser o contêiner “alvo”). Como proposto no parágrafo anterior, parece haver também aqui, marcado pelo verbo indicador de movimento, a aproximação entre o referente *ela* e a ação *dar desculpa*.

Em (64), a ação de *entrar* se aproxima à *menina*, demonstrando que aquele sentido que pode ser considerado como o mais básico do verbo, o de *trazer para si*, se mostra presente no dado lido. Percebemos também que o *pegar*, assim como assinalado nos seriais estudados por Durie, funciona como um elo que liga o referente (*ela*) à ação, ou seja, ele *traz para si* – para o referente – a ação de *entrar*. Interessante se faz notar que, apesar de muito mais abstratamente, a noção de *trazer para si* ainda perpassa as construções com *pegar no discurso* ou construções quase seriais.

Para finalizar a explicitação dessas construções como também parte da polissemia do verbo *pegar*, podemos dizer que ambas as construções têm em si, conforme demonstrado, a noção de movimento entre contêineres, de trazer para si a ação verbal, o que provavelmente causa a noção de dramatização do discurso. Fator importante de, mais uma vez, se destacar é o fato de ambos funcionarem como dramatizadores e/ou marcadores de surpresa do discurso, o que pode ser justificado pelo fato de funcionarem como construtores de espaços-mentais de discurso reportado (marcando troca de turno) ou como marcadores de quebra de expectativa.

### 3.9- As Categorias Radiais em Interface com o *Pegar*

Dentre as categorias radiais no geral, as subcategorias menos centrais são entendidas como variantes de uma categoria mais central, de acordo com o que já foi exposto no capítulo teórico. Como apresentado, também, Lakoff observa que quando as categorias são estendidas pelo tempo, no curso da história, deve existir um tipo de base cognitiva para que a extensão ocorra. E é nessa idéia que nos firmamos ao dizer que a mudança lingüística ocorre através de uma extensão cognitiva, que tem as suas bases naquelas noções já apresentadas de movimento e de contêiner. Como já dito, porém, a análise diacrônica não foi realizada neste trabalho. Entretanto, ao observarmos tais mudanças e regularidades no verbo, acreditamos que ocorre uma extensão cognitiva. Para se entender como isso se dá em ligação com o *pegar*, recorreremos, primeiramente, à noção de protótipo como uma ‘versão ampliada’ (segundo Kleiber, 1988 apud Neves, 2006) postulada por Neves (2006:22):

Considerando o membro que ostenta o maior número das propriedades que bem caracterizam uma categoria, o protótipo determina a classificação dos demais membros dessa categoria, conforme o “grau de semelhança” (Moeschler, 1993, p.11) que tenham com ele, configurando-se aquilo que se conhece como “semelhança de família” (Rosch & Mervis, 1975), ou “ar de família” (Kleiber, 1988). Referem-se esses termos a um conjunto de similaridades entre as ocorrências de uma mesma família, não sendo necessário que as propriedades comuns sejam partilhadas por todas as ocorrências, bastando que se manifestem, pelo menos, em mais de uma. Estabelece-se que há um conjunto de referentes ligados entre si por propriedades associativas que justificam a existência de uma classe comum. A categoria decorre, pois, das relações associativas entre os diversos referentes, não sendo necessariamente postulada uma entidade central que a represente.

A essa noção de protótipo, liga-se a idéia de termos selecionado um esquema considerado o mais prototípico, mais central do qual todas as outras construções foram geradas. Taylor (1995:261) afirma que:

A noção de protótipo tem se mostrado usual nos estudos do sentido das palavras. Em particular, a idéia do protótipo foi estendida para abarcar aspectos da polissemia lexical, em que os vários sentidos de uma palavra podem ser relacionados a um elemento ‘central’ ou ao sentido básico (isto é, ‘protótipo’, em um sentido derivado da palavra). Neste livro, eu fui cuidadoso ao distinguir ‘categorias prototípicas’, estreitamente construídas, e ‘família de semelhanças’, a última correspondente à idéia de Lakoff (1987) de ‘categorias radiais’. A principal diferença é que a categoria radial compreende um número de sentidos diferentes de uma mesma unidade lingüística, enquanto as categorias prototípicas, em sentido estreito, são monossêmicas.

Vemos que Taylor apresenta uma diferenciação entre as idéias que poderiam se tornar confusas de categorias prototípicas, categorias radiais e semelhança de família.

Tal fato vem contribuir com a idéia de que é necessário conhecermos o membro mais prototípico para que, através da semelhança de família ou categorias radiais, demonstremos as conexões estabelecidas entre as categorias.

De acordo com Lakoff, as categorias podem ser caracterizadas usando modelos cognitivos, sendo que aquele que mais se destaca, para o nosso estudo, é o que diz respeito aos modelos de esquemas imagéticos. Eles especificam imagens esquemáticas, como trajetórias, recipientes, etc, que é justamente o que estamos fazendo para demonstrar a polissemia do *pegar*. Através dessas noções, podemos constituir uma rápida demonstração de como nossos esquemas podem ser associados à noção de categorias radiais, demonstrando a ligação entre os esquemas por nós postulados e as construções com *pegar no discurso* e, ainda, as *aspectuais*, conforme apresentado na Figura 8.

Vemos, por meio da esquematização radial do verbo *pegar*, que no centro da ilustração das categorias radiais, temos os *pegar lexicais* relacionados ao esquema mais concreto por nós encontrado: o esquema 1. Acreditamos que da noção nele presente – noção mais clara de movimento entre contêineres – surgiram todas as outras construções/sentidos com o verbo. De acordo com Heine (1993), a semelhança de família parece ser a mais apropriada para se explicar um fenômeno atingido pelo processo de gramaticalização. Assim como Heine, Taylor (1989) defende ser o modelo de semelhança de famílias uma ferramenta eficaz para explicar a estrutura dos itens polissêmicos. Como vimos no capítulo teórico, o próprio autor elenca problemas que podem ser apresentados em relação a este modelo e os itens polissêmicos. Taylor (1995) afirma que as categorias de semelhança de família são correspondentes à idéia de categorias radiais de Lakoff. Este mesmo autor destaca que a polissemia funciona como base identificadora daquilo que é chamado de categorias radiais, demonstrando a importância de tal caracterização para o presente trabalho. Porém, este mesmo autor (Taylor, 1995) afirma que, nas categorias de semelhança de família, não necessariamente há uma restrição absoluta que perpassasse todos os sentidos de uma mesma palavra, ou seja, através do tempo e da mudança semântica, não se pode dizer que nunca um significado X poderá se relacionar a um significado Y. Segundo Wittgenstein (1953 apud Melo, 2006), na família de semelhança os elementos de uma categoria se associam entre si na base de similaridades parciais, ou seja, cada elemento pode partilhar uma propriedade com um outro, sem ser necessário haver sequer uma única propriedade comum a todos os elementos.

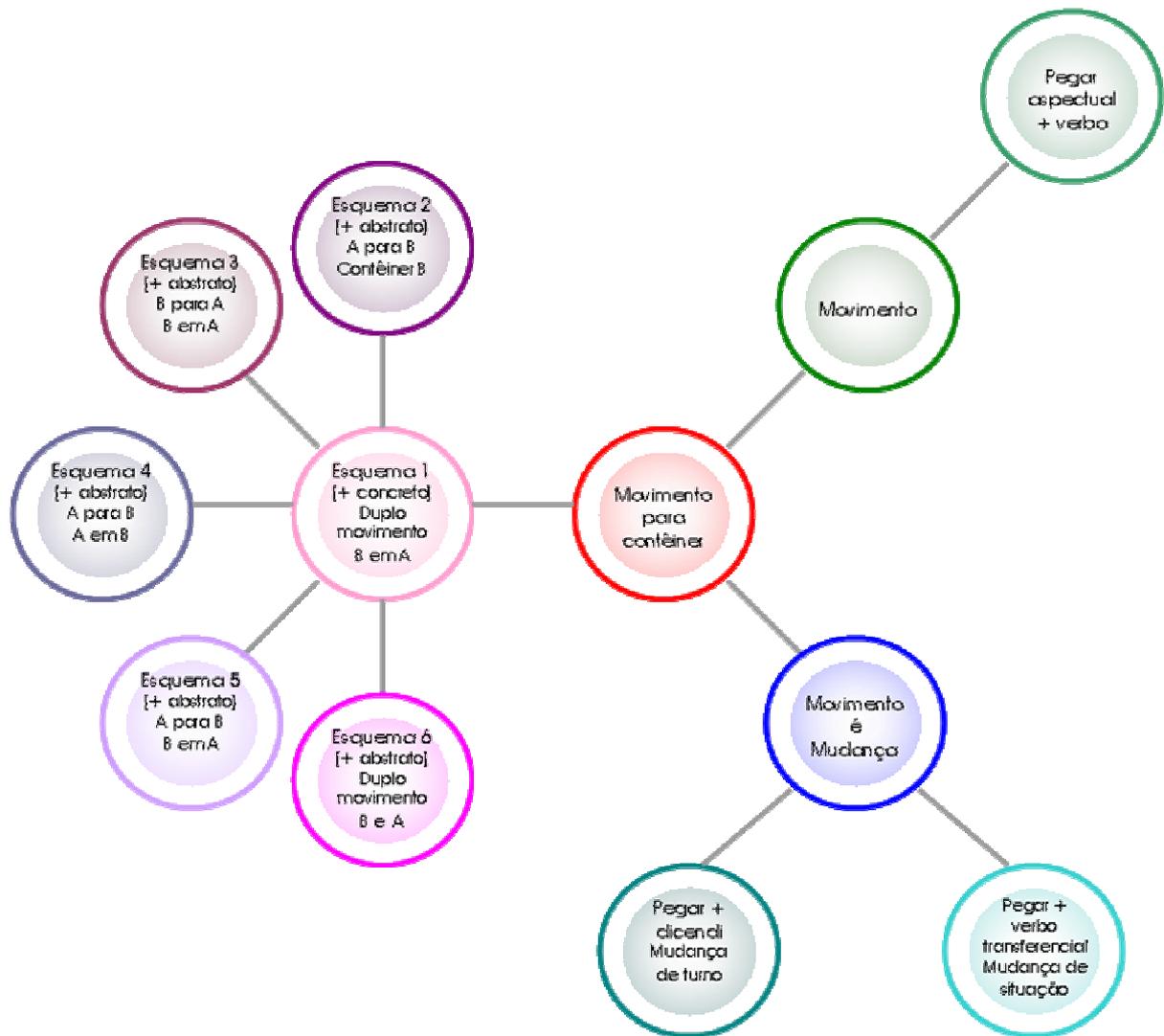


Figura 8 - Esquema radial do verbo *pegar*

Como buscamos encontrar aquilo que é comum aos sentidos de *pegar*, notamos que uma forma de perceber e/ou de nos ajudar a encontrar a motivação comum entre vários sentidos do verbo seria a construção (ou tentativa dela) de um esquema por meio das categorias radiais. O esquema radial acima proposto não visa a projetar um contínuo de mudanças. Ele apenas aceita que há um *pegar* mais prototípico, básico, mais central e dele novas estruturas surgem. Todas essas estruturas têm esquemas imagéticos de *movimento* e *contêiner* em comum. O objetivo aqui não é demonstrar que um sentido é proveniente do outro (como ficaria mais claro na família de semelhanças e como é proposto mais abaixo), mas sim revelar que da base concreta comum (composta pela noção mais concreta de contêiner e a sua relação com movimento, o que foi destacado

mais acima nesta mesma seção), todos os outros sentidos e construções com verbo *pegar* se desenvolveram.

Algumas quantificações de dados se fizeram necessárias para atestar as nossas “desconfianças” em relação aos dados. A primeira quantificação de dados que se fez relevante é ligada à noção de esquemas.

Tendo em vista o fato de que acreditamos serem as noções categoriais representadas pelo esquema 1 - proposto por nós através do uso de exemplos reais de fala - as mais prototípicas, representativas do verbo mais lexical, restou-nos a procura de elementos que atestassem tal idéia. Sendo assim, o primeiro passo foi reconhecer, nos dados, o que pode indicar pistas do que venha a ser um esquema mais concreto. Entende-se que um verbo mais concreto tenha como participantes um agente [+humano] e [+animado] e um paciente [-humano] e [-animado]. O que apenas indicava a idéia da concretude do verbo foi, assim, atestada de acordo com os dados de fala, como pode-se observar abaixo.

A	[+hum./ +anim]	[+hum./ +anim]	[+hum./ +anim]	[-hum./ +anim]	[-hum./ +anim]	[-hum./ +anim]	[-hum./ -anim]	[-hum./ -anim]
	B	[+hum./ +anim]	[-hum./ -anim]	[-hum./ +anim]	[-hum./ -anim]	[-hum./ +anim]	[+hum./ +anim]	[-hum./ -anim]
<b>Esquema 1</b> (62% dos dados)	13,33%	77%	7,7%	0	0	0	1,11%	0
<b>Esquema 2</b> (7,5% dos dados)	18%	72%	9%	0	0	0	0	0
<b>Esquema 3</b> (1,3% dos dados)	0	78%	0	0	0	0	22%	0
<b>Esquema 4</b> (16,7% dos dados)	0	95%	0	0	0	5%	0	0
<b>Esquema 5</b> (6,2% dos dados)	66%	34%	0	0	0	0	0	0

Tabela 9 - Dados de fala

A maior parte das ocorrências no esquema 1, as quais são associadas a um sujeito que é [+hum./+anim] e a um objeto que é [-hum./-anim], demonstra a idéia de concretude presente nesse primeiro esquema. Primeiramente podemos dizer que ele se revela mais prototípico por apresentar um maior número de ocorrências e, depois, por relacionar traços mais comuns a sujeitos e objetos, ao contrário do que ocorre nos outros esquemas. É interessante notar que a forte frequência de ocorrência dos dados com tal

configuração de animacidade, não acontece apenas no esquema 1 (aquele que contém mais dados e que, como defendido por nós, parece portar a noção de mais concreto). Há de se perceber, também, a ocorrência de um sujeito que é [+hum./+anim] e um objeto que é [-hum./-anim] nas outras esquematizações propostas.

Faz-se relevante destacar, ainda, que dois dados de fala por nós coletados não apresentaram critérios que permitissem a inserção na tabela acima. O primeiro deles encontra-se na voz passiva, em que o agente é omitido (*pego de surpresa*). Outro exemplo diz respeito ao fato de a função de objeto direto não ser preenchida, não sendo possível caracterizar B.

Vejamos agora os dados de língua escrita:

A	[+hum./+anim]	[+hum./+anim]	[+hum./+anim]	[-hum./+anim]	[-hum./+anim]	[-hum./+anim]	[-hum./-anim]	[-hum./-anim]
	[+hum./+anim]	[-hum./-anim]	[-hum./+anim]	[-hum./-anim]	[-hum./+anim]	[+hum./+anim]	[-hum./-anim]	[+hum./+anim]
<b>Esquema 1</b> (61% dos dados)	12,5%	75%	12,5%	0	0	0	0	0
<b>Esquema 3</b> (7,7% dos dados)	0	0	0	0	0	0	100%	0
<b>Esquema 4</b> (7,7% dos dados)	100%	0	0	0	0	0	0	0
<b>Esquema 5</b> (7,7% dos dados)	0	100%	0	0	0	0	0	0
<b>Esquema 6</b> (15% dos dados)	100%	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 10 - Dados de escrita

Nos dados de escrita vemos que, mais uma vez, no esquema 1 a noção de sujeito [+ humano, + animado] e de objeto [-humano, -animado] persiste com 75% dos dados correspondentes a tal esquema. Como os dados de escrita encontrados foram poucos, podemos notar a concentração de dados (100%) em outros esquemas, o que acreditamos que seria desfeito por meio de uma coleta maior de dados escritos<sup>22</sup>.

Podemos, assim, perceber que, independentemente do registro, temos a demonstração de que a maior parte dos dados ocorre no Esquema 1. Dentro deste, os sujeitos e os objetos em geral costumam ter uma mesma configuração indicativa de uma

<sup>22</sup> Um dado de escrita não quantificado aqui merece destaque: é a expressão *pegar jacaré*. Tal expressão parece partir de um objeto direto e, depois, tornar-se uma expressão cristalizada. Aqui, *jacaré* não tem características de um objeto que seria [-humano] e [+ animado], porque se assim o tivesse, o sentido da proposição seria totalmente alterado.

noção mais concreta. A quantificação desses dados visou a comprovar as idéias destacadas por meio da estrutura radial proposta anteriormente, em que as noções de duplo *movimento* e *contêiner* muito presentes no esquema 1 figuram como centrais para o desenvolvimento dos vários sentidos do *pegar*.

Dessa forma, temos na estrutura radial que as noções de movimento e contêiner, básicas para a demonstração da regularidade dos *pegar* lexicais, derivam-se, por meio de extensão metafórica aos outros sentidos do verbo. Sendo assim, ao utilizarmos a metáfora "movimento é mudança" pressupomos, como já foi explicitado em outras seções, que as noções de movimento e contêiner, apesar de mais abstratas em alguns casos, perpassam as construções de *pegar no discurso*. Já no *pegar aspectual*, o contêiner parece desaparecer da esquematização cognitiva do verbo, restando-nos, por alguns motivos já elencados no estudo do *pegar aspectual*, a noção de movimento. Essa marcação de aspecto parece ser algo recente na língua, uma vez que ainda é pouco utilizada pelos falantes - o que pôde ser comprovado com os números ínfimos de dados encontrados. Isso, entretanto, não menospreza o valor de tal construção para a nossa língua. Em contrapartida, tal novo aspecto do verbo contribui para a demonstração do processo de gramaticalização pelo qual ele vem passando. Vejamos, então, qual a ligação entre tudo o que foi apresentado a respeito do *pegar* e o processo de gramaticalização no item abaixo.

### **3.10- A Gramaticalização e os Dados Disponíveis**

Como vimos no capítulo teórico, o fenômeno da gramaticalização tem sido foco de diversos estudos em várias línguas do mundo. Sabemos que a gramaticalização pode ser encarada como um processo de mudança lingüística bem produtivo, o qual costuma ser apresentado como unidirecional, em que os itens [+ concretos] passam a itens [+ abstratos]. Tentaremos, nesse momento, focar aquelas propostas apresentadas que convergem ou não com os nossos dados.

Primeiramente, lembremos que Lehman (1998) apresenta alguns princípios necessários à caracterização do estágio final do processo em questão. Dentre os princípios, temos os de paradigmaticização e de fixação, os quais são aplicáveis às construções com *pegar*. O primeiro princípio é ligado à idéia de padrão, modelo, a qual também é, conseqüentemente, ligada à noção de construção por nós estudada. Isso pode ser percebido ao analisarmos as construções do tipo *foi e fez, as CFFs*, (Rodrigues,

2006) que demonstram uma certa prototipia em relação às construções de *pegar* no discurso, *chegar* no discurso e *ir* no discurso. Essa regularidade da construção demonstra que ela já se tornou um paradigma em nossa variedade do português. O outro estágio destacado pelo autor, diz respeito à fixação, o qual demonstra o fato de que o verbo seleciona complemento em algumas instanciações e outros verbos, ligados ou não por *e*, não o fazem em outras. Vejamos como este pode ocorrer:

(66) E depois de Belo Horizonte, virá pra Juiz de Fora. Vem pra Juiz de Fora pra **pegar** a carta de registro. (Procon JF – Audiência CEF)

(67) Então foi sugerido em função do que ocorreu um detalhe , por vários detalhes a gente sugeriu e deixou eles decidirem , um dia o esposo dela **pegou** e falou assim eu quero parar o serviço. (Procon JF – Audiência Gesso)

Vemos que, no primeiro exemplo, *pegar* seleciona para a posição de complemento *a carta de registro*, demonstrando a forma mais prototípica dessa construção. Já em (67), temos que o verbo *pegar* não seleciona um complemento. É, porém, ligado ao verbo *falar* por meio da conjunção *e*. Esse tipo de construção já possui uma forma fixa em que V1 é *pegar* , o qual é seguido ou não de uma conjunção, e V2 é um verbo de ação ou *dicendi*.

Hopper (1991), diferentemente de Lehman (1998), apresenta estágios iniciais caracterizadores do processo de gramaticalização. O primeiro estágio é o da *superposição* e caracteriza-se pelo fato de novas estruturas que coexistem com as antigas na língua. Como vemos nos dados e levando em conta a noção de que a idéia de *trazer para si* continua nas construções, essa noção de coexistência semântica com as construções com o *pegar* ocorre em nossa língua. Toda a nossa hipótese é ligada a tal fato, tendo em vista demonstrar a polissemia desse verbo que apresenta os mais diversos sentidos, sejam eles antigos ou novos, o que já pôde ser notado mais acima. O outro parâmetro listado é o da chamada *especialização*, em que os significados semânticos de uma variedade de formas podem sofrer uma redução e um número menor de formas assumir significados gramaticais mais gerais. Provavelmente, este é o processo pelo qual o *pegar* passa: um menor número de formas assume significados mais gerais, advindos de seu esquema mais concreto. Este princípio – da especialização - aproxima-se ao de *obligatorification*, de Lehman, sendo que um foca no estágio final em que a estrutura se torna obrigatória e outro, no processo. Há ainda o princípio da *persistência*, em que alguns traços originais permanecem na estrutura em processo de gramaticalização (idéia predominante neste trabalho, uma vez que defende-se que um determinado sentido perpassa a todas as construções, o que será bem enfatizado na

apresentação dos esquemas propostos) e a *deategorização*, que representa a perda de traços categoriais primários, assumindo novos traços - como ocorre com a nova função aspectual do verbo.

Heine (1993) apresenta parâmetros caracterizados como constituintes de diferentes “correntes de gramaticalização”, quais sejam a dessemanticização; a decategorização; a cliticização; e a erosão. Podemos dizer que a construção com o verbo *pegar* pode ser descrita como inserida em dois desses processos. Primeiramente, o da dessemanticização, afinal, a construção que trazia uma noção mais concreta de verbo passa a assumir funções mais abstratas e, mais tarde, adquire funções gramaticais:

- (68) E a mia cama lá dentro, as menina fala: “ah, (inint) da mia mãe tá moiano tudo”...**pega** uma lona, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí... (Corpus Conceição de Ibitipoca – APA)
- (69) INF.- Eh...aí desde novinho ele já...assim...gostava de cantá...queria que eu fosse músico, me jogava ali naquele meio...ficava olhano a música...aí fui olhano, tal, cabô que um dia, aprendi...de ouvido mesmo..é até uma coisa inexplicável, né?  
AUX.- Desde pequeno já...(pegando), né? (Corpus Conceição de Ibitipoca - FAB)

O segundo processo em que essas construções se encaixam é a decategorização, já que algumas construções demonstram que o verbo *pegar* perde as suas propriedades de selecionar complemento, de ser negado separadamente<sup>23</sup> e de ser passivizado. Vejamos<sup>24</sup>:

- (70) INF.- Saiu (variado)...deu a...assim(varieudade) e febre, né ô?..aí.  
INQ.- Num sabia que que tava falando?  
INF.- Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois dipois ele **pegô variá**...aí eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.  
INQ.- E escorpião?  
INF.- Graças a Deus ninguém nunca foi (ofendido) não. (Corpus Conceição de Ibitipoca - Aur)
- (71) Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois dipois ele **não pegô variá**...aí eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.
- (72)\* Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois dipois ele **pegô não variá**...aí eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.
- (73)\* Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois dipois ele **foi pego variá**...aí eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.

Outra relevante afirmação de Heine (1993) advém do fato de que as expressões lingüísticas têm como origem as entidades mais concretas, sendo que as últimas podem trazer idéia de localização, movimento, atividade, desejo, postura, relação ou posse. Assim, podemos dizer que a noção de movimento explicitada por Heine como inerente

<sup>23</sup> Apesar de não termos encontrado dados de fala que indicassem que os verbos pudessem ser negados separadamente, em conversas informais notamos que tal fato, às vezes, ocorre, sendo que, nestes, a negação tem escopo sobre o 2º verbo da seqüência “peguei + verbo”.

<sup>24</sup> O asterisco representa os dados que foram modificado pela autora a fim de demonstrar algum conceito.

às entidades mais concretas está ligada ao sentido de *pegar*. Como chegamos a essa idéia, será apresentada mais à frente, a especificação dos esquemas inerentes ao verbo. Já apresentado no capítulo teórico foi o fato de Kutheva (1991 apud Heine, 1993) afirmar que os verbos entrando em processo de gramaticalização são restritos a um número limitado de esquemas imagéticos, tais quais fonte-caminho-meta; contato; parte-todo etc. Aceitamos que o *pegar* seja ligado ao esquema de movimento, o qual pode ser ligado ao imagético proposto: fonte-caminho-meta.

Martelotta (1996), retomando também as propostas de Heine et al (1991), apresenta que o processo da gramaticalização envolve a unidirecionalidade do discurso em que um item lexical passa a um item mais gramatical. Neste nível, o item apresentaria restrições gramaticais ligadas a regularidades que se manifestam na organização vocabular, na regência e nas relações de atribuição de número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz para os verbos. Observe como alguns desses fatores ocorrem nos dados:

(74) INF.- É...mas ieu acho que lá por riba, quando tá pingano, lá também móia por riba...num desce por causa do forro, né? e a mia cama lá dentro, as menina fala: “ah, (inint)da mia mãe tá moiano tudo”...**pega uma lona**, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí...cuiz credo...móia demais...é que’u tô até falano, eu tô falano c’a mia(inint) “oh...essa casa ela num adianta nada tá arrumada porque...ela móia tudo. (Conceição de Ibitipoca -Apa)

(75) INF:Foi, o primero.

INQ:Nossa, então foi um susto pra senhora.

INF:Ah...custô pra melhorá...o calombo dele, aí eu **peguei** passá é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu.

INQ:E, mas ele tomô o remédio de farmácia ?

(Conceição de Ibitipoca)

Em (74) temos uma organização vocabular diferenciada em relação a (75). Isso pode ser visto já que, no primeiro, temos que o verbo *pegar* seleciona um objeto direto para a posição de complemento e, no segundo, nada é “selecionado” como complemento, sendo a posição canônica deste ocupada por um verbo (o *passar*). Essa mudança indica, ainda, diferenciação semântica, sendo que o segundo *pegar* apresenta uma noção aspectual em si.

Como apresentado, são vários os estudiosos que tentam explicar os processos de mudança semântica por meio da gramaticalização. Por meio de comparação entre os níveis propostos pelos autores e os dados reais de fala com o *pegar*, temos que o mesmo encaixa-se em boa parte deles, mas não em todos. Tal fato aponta para a idéia de que o *pegar* está em processo de gramaticalização, não tendo, ainda, atingido seu estágio

postulado como mais final. Por meio desta análise, conseguimos remontar os passos de *pegar*, que parte de uma noção mais concreta do verbo (como o sentido de *segurar*, *agarrar*) e passa a uma mais abstrata (*começar*). Como sabemos, a gramaticalização vem sendo apresentada como um processo gradual e esta gradualidade indica que não há apenas estágios extremos (totalmente gramaticalizado, por exemplo), caracterizando a presença do *pegar* nesse processo.

Como pudemos perceber nas análises de mudança semântica do verbo, teríamos nelas a idéia já demonstrada de que o verbo *pegar* parte de uma noção (como a de movimento, proposta por Heine) mais concreta e dela noções mais abstratas são criadas. Assim como Heine propõe a descrição do processo de gramaticalização como um contínuo, em que pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade, propomos que as construções do verbo em estudo (caracterizador de uma polissemia verbal), se estruturam – demonstram o seu contínuo de gramaticalidade - da seguinte maneira:

Lexical > discursivo > aspectual

Tal proposta pode ser feita se considerarmos que, conforme proposto pela maioria dos estudiosos do processo de gramaticalização, as mudanças são unidirecionais, modificando-se do sentido mais concreto ao mais abstrato. A noção de *trazer para si* representa a idéia de extremo [- abstrato], ou seja, daquele verbo [+ lexical]. Dele advém o *pegar no discurso*, em que o verbo ainda se encontra conjugado (o *pegar* e o verbo que o segue) e demonstra certa autonomia sintática. Nessas construções, a conjunção *e* pode ocorrer entre os verbos, o que não ocorre naquelas construções colocadas à direita do contínuo, as *aspectuais*. Estas perdem o estatuto de verbo pleno, ocorrendo como marcadores de pessoa, tempo, voz e aspecto da construção em questão. Desta forma, podemos dizer que há um contínuo de gramaticalização que se adequa às teorias apresentadas e, além do mais, que se adequa às teorias de polissemia demonstradas. Estas são mais ligadas ao estatuto semântico do verbo, afinal, de acordo com Taylor (1989), a noção de sentidos relacionados é central para o estudo da polissemia, afinal é essa relação de sentido que permite que diferentes sentidos sejam ligados. A fim de que os processos sejam associados, tal autor indica que deve haver processos como a metáfora e a metonímia que indiquem a mudança proveniente de uma base comum. Propomos que esta mudança se dá a partir daquele *pegar* mais lexical e

deriva, no extremo de gramaticalização e, também, de mudança semântica, no *pegar* aspectual, em que o seu sentido lexical já quase se perdeu<sup>25</sup>.

### **3.11- A Polissemia Via Movimento em uma Abordagem Translingüística: O caso do verbo inglês *get***

Selinker e Kuteva (1992) investigaram o uso do verbo *get* de falantes búlgaros, afirmando que o trabalho da língua estrangeira (L2) deve ser realizado por meio da percepção do aluno das estruturas conceptuais adjacentes às construções. Segundo os autores, as metáforas e os usos verbais, por exemplo, são construídos de maneiras diferentes nas diversas línguas. Sendo assim, para melhor compreensão dos usos, seria interessante o entendimento das estruturas conceptuais que perpassam as metáforas e verbos – o que, por fim, encorajaria os alunos a estudarem tal processo. Visando a defender tal didática, Selinker e Kuteva (1992:251) propuseram o estudo de *get* (verbo que, de acordo com os estudiosos do inglês no passado, deveria ser utilizado apenas informalmente, tendo em vista a norma padrão) como sendo um verbo polissêmico em que cada um dos sentidos representa um tipo de *transição* e pode ser colocado em um contínuo do concreto para o abstrato. Os autores se interessaram por esse verbo por acreditarem haver relações de significados entre os vários sentidos da palavra, a qual foi por eles postulada como contendo quatro variantes diferentes (V1, V2, V3, V4) e, principalmente, porque no ensino de inglês para os búlgaros (como L2), o verbo *get* tem se mostrado um problema, já que não existe nessa língua um outro verbo que acumule os mesmos sentidos que ele - o que faz com que o verbo seja evitado.

Sendo assim, a hipótese dos autores é a de que os alunos poderiam ser treinados a observarem uma motivação existente entre os verbos, ou seja, como podem se dar as extensões dos significados dos verbos. E, por esse motivo, os autores tentaram mostrar a motivação de sentido entre os verbos. A primeira variante (V1), postulada por Selinker e Kuteva, caracteriza-se pela transição de um sujeito (gramatical) a uma entidade, a qual geraria sentidos de *come to understand*, o que licencia o uso de expressões como *get it* (Entendeu? Pegou?). Na segunda variante (V2), a mudança se dá de um sujeito (gramatical) para um domínio limitado, de fronteiras. A instanciação mais concreta

---

<sup>25</sup> Realizamos aqui apenas uma análise sincrônica. A proposta mais categórica de um continuum com o verbo *pegar* poderia se dar por meio de uma análise diacrônica, o que pretendemos desenvolver em estudos posteriores.

dessa variante é aquela que tem um movimento espacial auto-gerado, sem forças externas. Como exemplo disso, os autores citam *get into the room* (entrar na sala). Dependendo do nível de generalidade do domínio-alvo, a mesma variante pode ser mostrada por meio de mapeamentos metafóricos como um movimento auto-gerado para um estado/condição (*get into trouble*); e também como uma auto-iniciação de um estado/condição (como em *get drunk*), ou seja, como uma transição temporal ou uma transição em um novo estado o qual não necessariamente é acompanhado por uma mudança espacial de lugar. Em um nível ainda mais abstrato, os autores apresentam uma atividade inceptiva auto-gerada, como em *get talking* (transição temporal em uma nova atividade. Outro nível de mapeamento mental é a inepção de estado/condição como resultado de uma atividade externa (*the picture got damaged*).

A terceira variante (V3) trata da mudança induzida de um sujeito gramatical para um domínio com fronteiras, como *get the chair into the room* (coloque a cadeira na sala). Selinker e Kuteva propõem que o movimento seja expandido do mais concreto para o mais abstrato passando por: inserção induzida em um estado ou condição (*get the breakfast ready* – aprontar o café); transição induzida para um estado mental (*this programe gets me into a rage* – esse programa me deixa com raiva); inserção induzida em uma atividade (*get the car going* – fazer o carro andar, pegar) e inserção em um estado ou condição por um agente não especificado (*get my car repaired* – mandar arrumar meu carro).

A quarta variante (V4) refere-se à transição de um objeto a um sujeito. Em um nível de generalidade maior, o termo apresenta o início de um estado/condição para um objeto que está no espaço do sujeito, como resultado de uma atividade externa (*get one's savings wiped out* – zerar a poupança de alguém).

Melo (2006) - ao profundar o estudo do verbo *get* na L2 com vistas a verificar quais sentidos das palavras são mais utilizados pelos falantes de língua inglesa, a levantar estruturas morfossintáticas em que o *get* ocorre e a coletar dados para preparação de material instrucional - apresenta esquematizações interessantes baseadas nas idéias de Selinker e Kutheva (1992). De acordo com Melo, o verbo teria quatro sentidos mais relacionados, o que pode ser observado na esquematização abaixo:

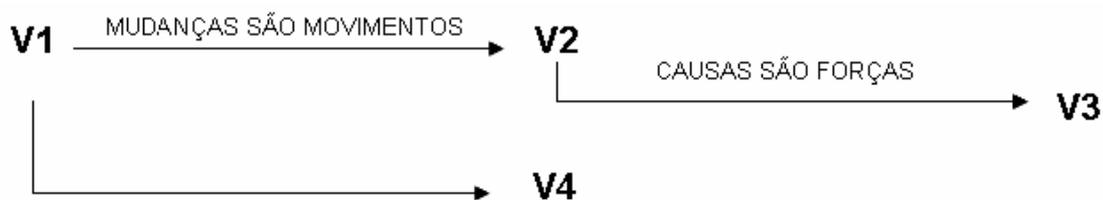


Figura 9 – estrutura radial de *get* segundo Melo (2006:81)

Como já comentado, a palavra envolvida em todos os esquemas é *movimento*, o que também atestamos ser no verbo *pegar*. O V1, mais básico, se caracterizaria pelo “movimento para obter o objeto concreto”, sendo que V1 se liga a V2 pela metáfora “mudanças são movimentos” e V2 se liga a V3 por “causas são forças”. Já V4 se liga a V1 por ser uma mudança de sentido da mesma.

Além de serem ligadas, as variantes podem ser extendidas, o que geraria novos sentidos. Tais extensões foram representadas por Melo (2006) por meio de desenhos e metáforas, todos baseados no estudo de Selinker e Kuteva (1992), os quais poderão ser observados abaixo:

a) **Variante 1:**

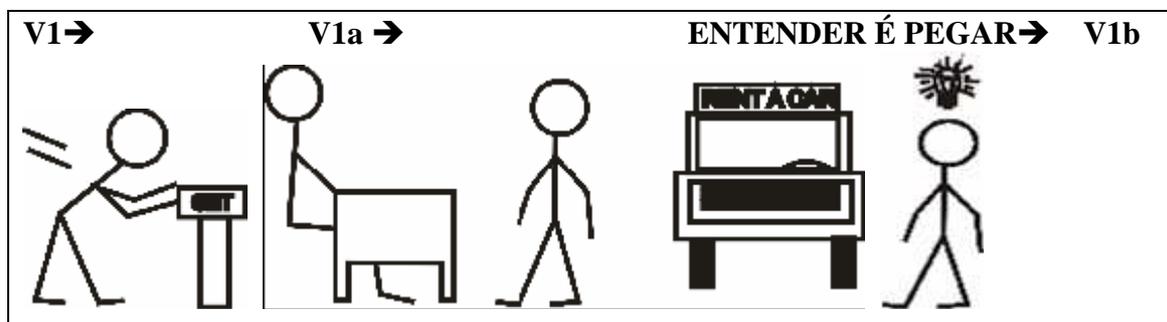
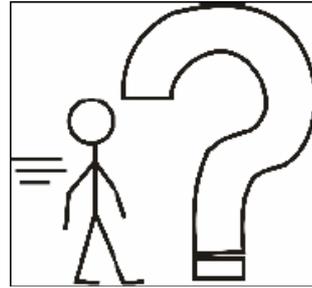


Figura 10 - Extensões de sentido da V1 de *Get* segundo Melo (2006)

b) **Variante 2:**

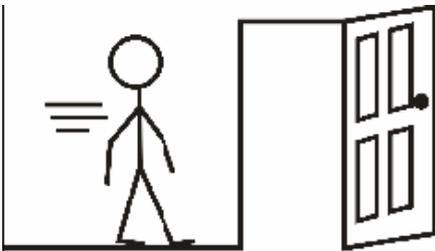
Exemplos associados pela autora: *get into trouble*, *get drunk*, *get talking*, *get damaged* (entrar em problema, ficar bêbado, começar a falar, estragar)

ESTADOS SÃO LUGARES EXTERNOS → V2a → ESTADOS SÃO LUGARES INTERNOS → V2b



V2

ENTRAR EM ATIVIDADE É MOVER → V2c



ENTRAR EM ESTADO CAUSADO É MOVER → V2d

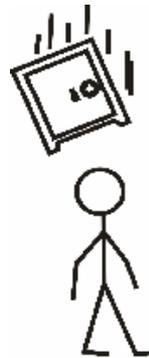


Figura 11 - Extensões de sentido da V2 de *Get* segundo Melo (2006)

c) **Variante C:**

Exemplos associados pela autora: *get the feet wet*, *get somebody into a rage*, *get the car going*, *get the book published* (molhar os pés, ficar com raiva, arrumar o carro, publicar o livro).

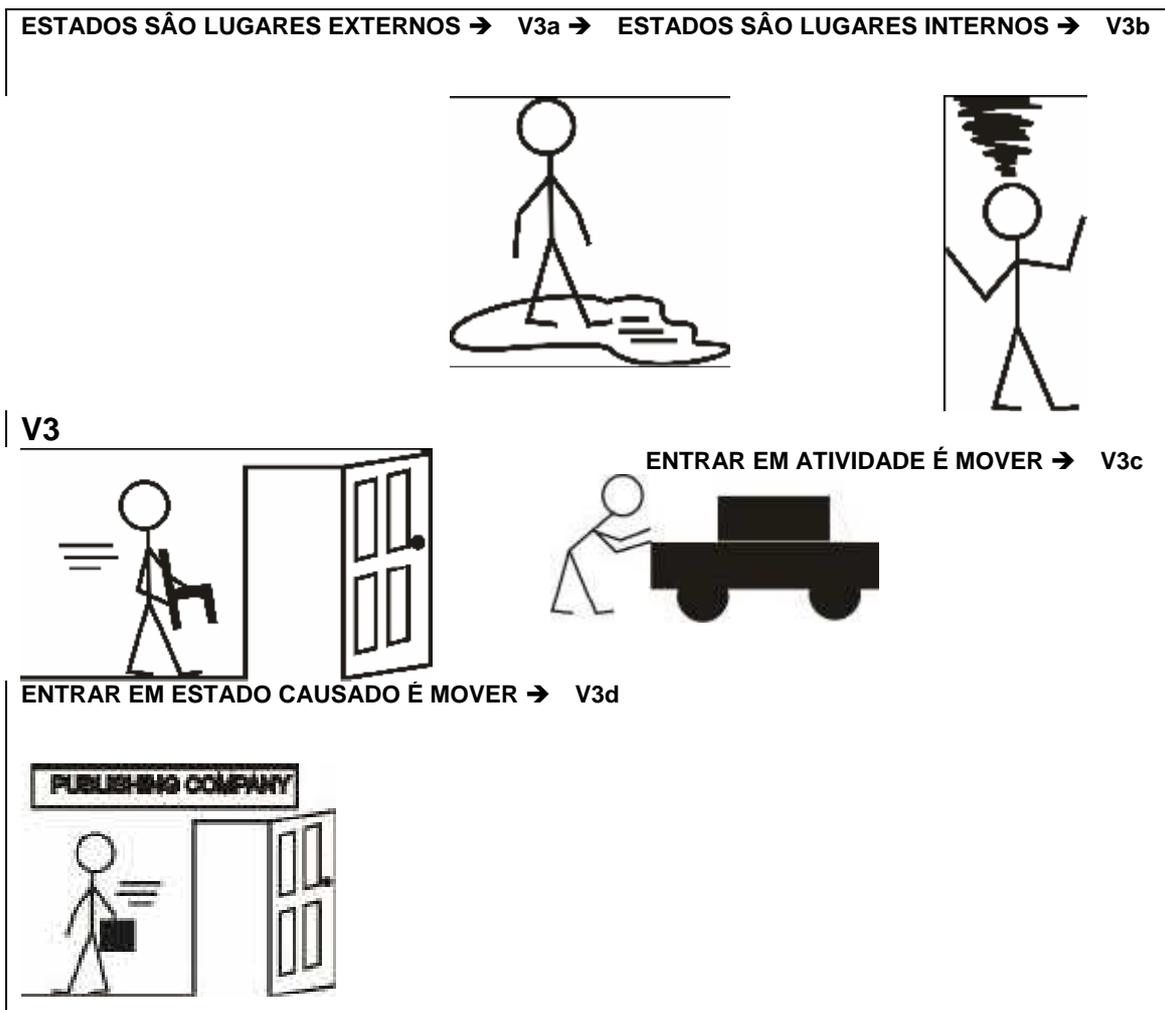


Figura 12: Extensões de sentido da V3 de *Get* segundo Melo (2006:85)

**d) Variante D:**

Exemplos associados pela autora: *get one's savings wiped out* (confiscar a poupança de alguém).

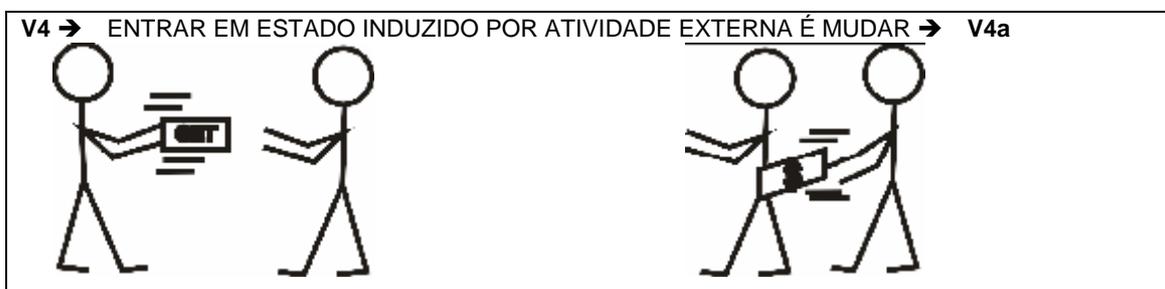


Figura 13: Extensões de sentido da V4 de *Get* segundo Melo (2006:86)

Melo (2006) observou que o V1 de *get* representaria um movimento do sujeito para obter um objeto concreto (pegar um objeto concreto) e o sentido estendido (V1a) seria formado por meio da metáfora conceitual "entender é pegar". A autora notou também que em todos os sentidos provenientes da variante 2 (V2) há movimento do sujeito com todo o corpo. Observa-se, porém, que nas variantes 3 (V3) é o objeto que muda o movimento/estado pelo sujeito. Como bem observou a autora, o que foi por ela postulado nos desenhos por V2a e V3a são motivados pelas V2 e V3 por meio de uma metáfora: "estados são lugares externos"; já em V2b e V3b em relação a V2a e V3a, outra metáfora se mostra presente: "estados são lugares internos". As variantes 2 e 3 em relação a V2c e V3c são motivadas por mais uma metáfora: "entrar em uma atividade é mover". Já V4 ? V4a é estendido pela metáfora: "entrar em estado induzido por atividade externa é mudar".

Através de tal exposição, a autora demonstrou que os vários sentidos de *get* são encadeados por meio das motivações metafóricas, o que permitiria a montagem de um material pedagógico que melhor demonstrasse as relações entre as expressões com *get* no inglês, facilitando o aprendizado dos alunos.

As propostas das autoras em relação à polissemia do verbo inglês *get* têm bastante ligação com aquilo que foi aqui proposto em relação ao verbo polissêmico do português do Brasil: o verbo *pegar*. Além de ambos serem encadeados nos seus diversos sentidos por algum tipo de transição/movimento, eles apresentam outra importante e interessante característica em comum: o fato de marcarem aspecto inceptivo em alguns contextos.

#### 4- CONCLUSÃO

Neste trabalho enfatizamos as construções com o verbo *pegar*, as quais são muito produtivas no português do Brasil. Defendemos que trata-se de um verbo polissêmico, o que pode ser percebido por meio das noções de *movimento* e *contêiner*, as quais perpassam todos os sentidos do mesmo. A fim de demonstrar tal idéia, propusemos esquematizações dos verbos classificados como lexicais (aqueles [+ concretos]) e apresentamos como essas noções ainda podem ser notadas nos verbos *pegar no discurso*.

A fim de apresentar características ligadas à polissemia do verbo em estudo e de buscar respostas para um sentido mais lexical de *pegar*, analisamos os sentidos apresentados pelo verbo nos corpora por nós levantado, além de observar as acepções do verbo em dois consagrados dicionários de língua portuguesa.

Notamos que aqueles *pegar lexicais* apresentam as noções de *movimento entre contêineres*, o foi ilustrado pelas esquematizações propostas. Tais esquematizações ocorreram em número de 6 (seis), nas quais acreditamos que outros sentidos, além daqueles por nós analisados, de *pegar lexical* se encaixam. Como foi possível notar, a demonstração através do esquema 1 visa a propor um duplo movimento que ocorre entre A e B, sendo que B, por fim, é inserido no contêiner de A. Já o esquema 2, caracteriza-se pelo fato de que A movimenta-se a B e o insere em um contêiner determinado. O esquema 3 é ligado à noção de que B se movimenta até A e insere-se em tal contêiner. Diferentemente, o esquema 4 demonstra a mudança de movimento de B para A, em relação ao esquema 3, e a mudança também de contêiner (em que B é contêiner de A). Parecido com este último esquema, o esquema 5 realiza também um movimento de A para B, sendo que o contêiner muda (em que A é contêiner de B). Por último e representando alto grau de abstração e pouca ocorrência nos dados, buscamos demonstrar um outro esquema lexical: o esquema 6. Esse esquema propõe um movimento existente de A para B e B para A e um contêiner determinado em que A e B são inseridos.

Durante a dissertação, mostramos que aqueles verbos representados pela esquematização 1 parecem ser a noção mais prototípica e mais concreta do *pegar*, sendo que dela se derivaram as outras acepções. Demonstrando um grau maior de gramaticalização, encontramos o verbo *pegar aspectual*, o qual não mais marca mudança de discurso, nem sequer o dramatiza. A sua função é, sobretudo, marcar

aspecto inceptivo no português - em uso na linguagem mais informal do português do Brasil. A noção de movimento, embora muito abstrata nesse contexto, pode ser a indicadora da marcação inceptiva presente no verbo. Isso porque, se considerarmos a clássica metáfora de que "tempo é espaço" (cf. Lakoff & Johnson, 2002), a qual, por sua vez, implica outra, qual seja a de que "deslocamento pelo espaço é deslocamento no eixo do tempo", iremos notar que a noção de movimento intrínseca ao sentido do verbo *pegar* torna possível sua especialização como marcador aspectual inceptivo uma vez que, através dela, marca-se o início do deslocamento no tempo, metaforizado como espaço.

Buscamos demonstrar, também, que a noção de *movimento entre contêineres* se faz muito presente nas construções de *pegar no discurso*, em que tais construções podem ser formadas de duas maneiras: associadas ao discurso reportado (com os verbos *dicendi*) ou à mudança situacional (com diversos verbos, especialmente aqueles que marcam a noção de movimento entre contêineres). Através dessas construções, mostramos que o *pegar associado ao discurso reportado* funciona como uma maneira de apontar para um movimento que é o da troca de turno ou da aproximação do referente ao que é dito.

Já os *pegar associados à mudança situacional* indicam a idéia de que, na narração em que tal *pegar* é inserido, o verbo é selecionado como forma de marcar a noção de quebra de expectativa, de mudança situacional. Em ambos os casos, os falantes ou referentes figuram como uma noção abstrata de contêiner e o evento codificado pelo verbo é movimentado. Notamos, com isso, que, apesar de abstrata, a noção de movimento é presente, causando certa proximidade entre o referente e a situação em foco através do verbo *pegar*. Além disso, percebemos que os verbos os quais acompanham o *pegar* nessas construções marcam a noção de *movimento entre contêineres*, o que não acreditamos ser um fato ocorrido ao acaso, mas sim uma evidência de mesclagem oportunista (cf. Fauconnier & Turner, 2002).

Em *categorias radiais em interface com o pegar*, houve uma tentativa de didatizar, através das categorias radiais, todas essas ligações existentes entre os sentidos do verbo, demonstrando as categorias comuns a eles e as extensões metafóricas que levaram à criação de novas acepções.

Todas essas caracterizações foram apresentadas tendo em vista teorias lingüísticas como a mudança semântica, a gramaticalização, a polissemia, as categorias conceptuais, os verbos seriais e a auxiliaridade, a predicação e a transitividade e a

aplicação de tais fatores nos corpora de fala e de escrita encontrados. A análise quantitativa contribuiu para demonstrar que o *pegar* considerado mais básico é aquele que porta noções mais concretas, tanto em relação ao grau de animacidade do sujeito e do objeto, quanto ao grau de concretude do objeto direto.

O estudo que foi aqui realizado teve um caráter apenas sincrônico, necessitando, para uma pesquisa futura, de análises diacrônicas que demonstrem qual é, de fato, o histórico de mudanças do verbo pesquisado.

Interessante se fez perceber que estudo semelhante relacionado ao aprendizado de língua inglesa, realizado por Selinker e Kuteva (1992) e Melo (2006), demonstrou o caráter do verbo *get* (traduzido, algumas vezes, para o português, como *pegar*) como portador de um sentido básico de movimento e como marcador inceptivo – o que podemos considerar correlato às nossas análises e que se faz interessante por demarcar categorias comuns aos verbos de acepções semelhantes nas duas línguas.

Após a realização de tais estudos nesta dissertação de mestrado, notamos que o estudo da polissemia do *pegar* se mostrou proveitoso já que as nossas hipóteses foram demonstradas à luz das teorias e dos dados encontrados. Além disso, a presente análise revelou perspectivas de estudos interessantes com este e outros verbos, os quais têm muito a manifestar, em seu caráter polissêmico, quanto à mudança lingüística e a sua relação com as categorias conceituais humanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELONA, A. Introduction: The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: Barcelona, A. (ed.) *Metaphors and Metonymy at the Crossroads*. Mouton, 2000.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Filadélfia, 1985.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CASTILHO, A. *Aspecto Verbal no português falado*. IN: ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado, vol.VIII: Novos estudos descritivos*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP (p.83-121), 2002.

CARROLL, J. (org.). *Language, Thought, and Reality – Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1998;

CHIERCHIA, G. *Semântica*. PAGANI, L.; NEGRI, L.; ILARI, R. (trad.). Campinas: editora da UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003.

DURIE, M. *Grammatical Structures in Verb Serialization*. In A. Alsina, J.Bresnan and Sella (eds), *Complex Predicates*. Stanford: SCLI Publications, Stanford University, p.289-354, 1997.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. & TURNER, Mark. *The Way We Think – Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, A. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. [s.l.]: Editora Positivo, 2004.

GALVÃO, V. *Evidencialidade e Gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão “diz que”*. Tese de doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, 2001.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, (1979)

GIVÓN, T. *Some Substantive Issues Concerning Verb Serialization: Grammatical vs. Cognitive Packaging*. IN: LEFEBVRE, C. *Serial verb: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLÇALVES, S., LIMA-HERNANES, M. C., CASSEB-GALVÃO, V. (orgs). *Introdução à gramaticalização. Em homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. 2ed., London: Edward Arnold, 1994 [1985].

HARRIS, A. & CAMPBELL, L. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HEINE, B.; CLAUDI, U. and HÜNNEMEYER, F. *From Cognition to Grammar: Evidence from African Languages*. In: TRAUGOTT and B. HEINE (eds.) *Approaches to Grammaticalization 1*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HEINE, C. *Auxiliares - Cognitive force and grammaticalization*. Oxford University Press, 1993

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard (ed.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p.575-601.

HOPPER, P. *On some principles on grammaticalization*. In: Approaches to grammaticalization. Volume I. John Benjamins. 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993;

HOUAISS, A. & VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001;

JOHNSON, M. *The Body in Mind: The Body Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LEACOCK, C. & RAVIN, Y. Polissem: an overview IN *Polysemy. Theoretical and Computational Approaches*. New York: Oxford University Press, 2002 [2000].

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: Thompson & Haiman (eds). *Clause combining en grammar and discourse*. Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998.

LYONS, J. *Linguistic Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996 [1995].

MARTELOTTA, M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário et al. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 45-76.

MATEUS, M.; BRITO, A.; DUARTE, I.; FARIA, I. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MELO, C. *O ensino/aprendizagem do Get na perspectiva da teoria da metáfora conceitual*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2006.

NEVES, M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OCHS, E., SCHEGLOFF, E. & THOMPSON, S. *Interaction and Grammar*. Cambridge: Cambridge Press, 1996, p. 1-51.

REDDY, M. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. Tradução de Ilesca Holsbach, Fabiano B. Gonçalves, Marcela Migliavacca e Pedro M. Garcez. In: *Cadernos de Tradução*, UFRGS, Porto Alegre, nº 9, p. 5-47, jan-mar, 2000 [1979].

ROCHA, L. *Processos Cognitivos de Mesclagem no Discurso Reportado: O caso do discurso direto em textos jornalísticos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2000.

RODRIGUES, A. "Eu peguei e saí": uma construção nos limites da coordenação. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p. 29-40, jan./dez.2004.

RODRIGUES, A. "Eu fui e fiz esta tese". *As construções do tipo foi e fez no português do Brasil*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2006.

SELINKER, L. & KUTEVA, T. Metaphor as a consciousness-raising strategy. In: *New departures in contrastive linguistics*, Austria. Leopold-Franzens-University, Innsbruck, 1992, p.247-259.

STEFANOWITSCH, A. The go-and-verb construction in a cross-linguistic perspective: image-schema blending and the construal of events. In: Annual High Desert Linguistics Society Conference, 2., 1999. *Proceedings...* Albuquerque: High Desert Linguistics Society, 1999. p.1-12.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I & II, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London; England, 2000.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1995 [1989].

TOMASELLO, M. *Constructing a Language: A usage-based theory of language acquisition*. Harvard: Harvard University Press, 2003.

TRAVAGLIA, L. C.. *O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística, 2002.

TRAUGOTT, E. & DASHER, R. The Framework. In: *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ULLMANN, S. *Semântica; uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.